GABRIEL PINI ALVES MASCARENHAS

PORNOGRAFIA E PSICANÁLISE: ensaios sobre o pornô na cultura do espetáculo

ASSIS

2022

GABRIEL PINI ALVES MASCARENHAS

PORNOGRAFIA E PSICANÁLISE: ensaios sobre o pornô na cultura do espetáculo

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Henrique Dionisio

ASSIS
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

M395p

Mascarenhas, Gabriel Pini Alves
Pornografia e psicanálise: ensaios sobre o pornô na cultura do espetáculo / Gabriel Pini Alves Mascarenhas. Assis, 2022.
113 p. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Gustavo Henrique Dionísio

1. Pornografia. 2. Psicanálise. 3. Cultura do espetáculo. 4. Obscenidade. I. Título.

CDD 364.17

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: **PORNOGRAFIA E PSICANÁLISE: ensaios sobre o pornô na cultura do espetáculo**

AUTOR: GABRIEL PINI ALVES MASCARENHAS
ORIENTADOR: GUSTAVO HENRIQUE DIONISIO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. GUSTAVO HENRIQUE DIONISIO (Participaçao Virtual)
Departamento de Psicologia Clinica / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. EDSON OLIVARI DE CASTRO (Participaçao Virtual)
Departamento de Psicologia / UNESP/Bauru

Profa. Dra. PATRICIA PORCHAT PEREIRA DA SILVA KNUDSEN (Participaçao Virtual)
Departamento de Psicologia / UNESP/Bauru

Assis, 17 de março de 2022

Resumo

Os estranhamentos e as resistências que os avanços tecnológicos já causaram no campo das nossas relações interpessoais, ao que tudo indica, estão ficando no passado, já não sendo possível encontrá-los com tanta facilidade atualmente. Com a chegada da pandemia do vírus SARS-CoV-2, as pessoas que já estavam acostumadas a navegar pelo mundo virtual aumentaram a quantidade de tempo em frente às telas. Foi exatamente o que também aconteceu com os espectadores de vídeos pornográficos. O número de visitantes nos *websites* que armazenam e reproduzem esses materiais cresceu muito desde o início do isolamento social. Neste trabalho, de base psicanalítica, tomo como objeto de estudo o campo das relações entre o espectador e a pornografia online, questionando os lugares que ela poderia ocupar na vida daqueles que costumam assisti-la, assim como suas possíveis funções nos processos atuais de subjetivação. Para que tal objetivo fosse alcançado, esta pesquisa foi composta por três principais elementos: 1) as conversas com os espectadores; 2) um levantamento da história da pornografia no Brasil, assim como a análise das transformações que essas produções sofreram com o tempo e suas atuais características mais acentuadas; 3) uma leitura crítica sobre o contexto social e político que enfrentamos atualmente. Entre as discussões realizadas, conta-se com a experiência corporal nas relações mediadas pela internet; os imperativos ao gozo e à transgressão; as modalidades do saber sobre si que os discursos midiáticos podem proporcionar e a diminuição das capacidades de fantasmar e erotizar do sujeito contemporâneo, marcado por angústias primitivas. Durante esse trajeto foi possível concluir que as discussões sobre uma produção amplamente difundida em nossa cultura, tal como a pornografia, abrem vias ainda pouco exploradas no campo das pesquisas psicanalíticas. Com o horizonte apontando para a continuidade desenfreada da evolução tecnológica e sabendo da importância da sexualidade não apenas no desenvolvimento subjetivo, mas também para as modalidades de controle social, o pornô se destaca como um objeto privilegiado e complexo.

Palavras-chave: Pornografia. Psicanálise. Espetáculo. Obscenidade. Virtual.

Abstract

The strangeness and resistance that the advances of technologies on the field of our interpersonal relations have already caused, it seems, are getting in the past and today we can not find them so easily. With the arrival of the SARS-Cov 2 pandemic, people who were already used to navigating the virtual world increased the amount of time in front of the screens. This is exactly what also happened to viewers of pornographic videos. The number of visitors to websites that store and reproduce these materials has grown greatly since the beginning of social isolation. In this psychoanalytic-based work, I take as object of study the field of relations between the viewer and online pornography, questioning the places she could occupy in the lives of those who tend to watch it, as well as its possible functions in the current processes of subjectivation. In order to achieve this goal, this research was composed of three main elements: 1) conversations with viewers; 2) a survey of the history of pornography in Brazil, as well as the analysis of the transformations that these productions have undergone with time and its more accentuated current characteristics; 3) a critical reading on the social and political context that we face today. Discussions include: body experience in Internet-mediated relationships; the imperatives of enjoyment and transgression; the modalities of knowledge about oneself that media discourses can provide and; the reduction of the contemporary subject's ability to phantasm and eroticize, marked by primitive anguish. During this journey it was possible to conclude that the discussions about a production widely disseminated in our culture, such as pornography, open paths that are still little explored in the field of psychoanalytic research. With the horizon pointing to the unbridled continuity of technological evolution and knowing the importance of sexuality not only in subjective development, but also for social control modalities, porn stands out as a privileged and complex object.

Keywords: Pornography. Psychoanalysis. Spectacle. Obscenity. Virtual.

SUMÁRIO

Introdução **7**

1. As modalidades de transgressão **16**

1.1 – O pornô, o erótico e o efeito obsceno 20

1.2 – Um imperativo à transgressão 26

2. A atualização das fantasias **33**

2.1 – Um espelho espetacular 36

2.2 – Da imoralidade à fusão 40

3. A fetichização do corpo e alguns desdobramentos **49**

3.1 – Da pornochanchada aos vídeos contemporâneos 53

3.2 – Abjeção e fetichismo 60

4. Incorporar a imagem **69**

4.1 – Entre a atividade e a passividade 73

4.2 – O “pedaço de carne” e o “pinto gigante” 82

5. Consumindo, devorando… **89**

5.1 – A busca por dopamina 92

5.2 – O laço social capitalista 97

Considerações finais **103**

Referências **107**

Anexo **113**

Introdução

Os estranhamentos e as resistências que os avanços tecnológicos já causaram sobre o campo das nossas relações interpessoais, ao que tudo indica, estão ficando no passado, já não sendo possível encontrá-los com tanta facilidade atualmente. Com a pandemia do vírus SARS-CoV-2, o ano de 2020 foi um período que fez com que essas novas modalidades de estarmos juntos passassem a receber bons olhares mesmo daqueles que até então se mantinham resistentes a elas. Os que não as conheciam foram convocados a aprender como utilizá-las e a criar alguma familiaridade com seus mecanismos.

Os que já estavam acostumados a navegar pelo mundo virtual aumentaram a quantidade de tempo em frente às telas, contribuindo ainda mais para o considerável crescimento de acessos a diversos sites e serviços online. Foi exatamente o que também aconteceu com os espectadores de vídeos pornográficos. O número de visitantes nos *websites* que armazenam e reproduzem esses materiais cresceu muito desde o início do isolamento social. Não que as estatísticas apontem que antes deste período eles ainda não eram famosos, ao contrário, já batiam recordes de acesso a cada ano, mas a necessária condição de permanecermos isolados por conta da pandemia fez com que os seus *views* aumentassem ainda mais.

Neste trabalho, de base psicanalítica, tomo como objeto de estudo o campo das relações entre o espectador e a pornografia online, questionando os lugares que ela poderia ocupar na vida daqueles que costumam assisti-la, assim como suas possíveis funções nos processos atuais de subjetivação. Para que fosse possível traçar de maneira mais aprofundada o que pode se passar entre o sujeito e os vídeos, esta pesquisa foi composta por três principais elementos: 1) as conversas com os espectadores; 2) um levantamento da história da pornografia no Brasil, assim como a análise das transformações que essas produções sofreram com o tempo e suas atuais características mais acentuadas; 3) uma leitura crítica sobre o contexto social e político que enfrentamos atualmente.

Mesmo que os números de acessos aos sites pornô sejam assustadoramente altos – veremos isso no decorrer do texto – as pesquisas com o referencial psicanalítico que se dedicam a pensar suas funções são poucas e, quando existem, não se baseiam em conversas diretas com os espectadores.

Cinco pessoas, de ambos os sexos e diferentes idades, aceitaram participar desta pesquisa e, assim, realizei três encontros individuais com cada uma delas, com duração de aproximadamente uma hora. As conversas aconteceram no segundo semestre de 2019, no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPPA) da Unesp – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, e todos os participantes eram, na época, discentes nesta instituição. Entretanto, tal condição não foi um recorte previamente estabelecido, mas uma consequência de a divulgação para a procura de voluntários ter sido realizada dentro do campus. Para isso, espalhei alguns cartazes explicando brevemente a pesquisa e disponibilizando meu número de celular para que os interessados entrassem em contato comigo. Devo dizer que a recepção foi melhor do que eu esperava, já que por se tratar de uma temática delicada e íntima, imaginei que seria mais difícil encontrar pessoas que tivessem vontade e disponibilidade para conversar sobre ela.

Penso que esse meu receio já diz sobre algumas preocupações que tocam tanto as dimensões do individual quanto a geral do trabalho de pesquisador, ou seja, daquilo que de mais específico me preocupava e do que acaba assombrando as pessoas que trabalham com a pesquisa psicanalítica dentro do contexto universitário, ainda mais quando esse trabalho envolve a ida a campo.

Partindo dos traços desta pesquisa, a princípio imaginava, no fator intimidade, um elemento que poderia dificultar a vinda de pessoas interessadas em participar, mas penso que ainda existia um outro, mais específico, que é um sentimento que desloca o sujeito do campo da “normalidade”, que marca uma certa marginalização, com gostos e fantasias tidos como estranhos, característicos também do lugar social da pornografia. Desde o cartaz, quando escrevi que as conversas seriam sigilosas, entendo que eu estava reforçando a necessidade de manter tais assuntos como resguardados ao lugar do segredo e da privacidade. Precisei assegurar isso, reforçando o meu compromisso em não deixá-los expostos. Digo isso agora, mas na hora em que escrevi o cartaz, não havia percebido. Tal percepção apenas foi possível observando os traços que apareciam no decorrer das conversas, quando me parecia que aquelas pessoas carregavam em si um sentimento que se aproximava de uma inadequação pela estranheza, algo que não as deixava fazer parte do “mundo normal”, como uma falta de pertencimento.

Fiz três encontros de aproximadamente uma hora com cada pessoa, sendo que no primeiro, nos instantes iniciais, usamos alguns minutos para conversar sobre

a pesquisa, sobre o Termo de Consentimento e foi também o momento em que solicitei a gravação do áudio. Neste último ponto algumas pessoas se mostraram um pouco desconfortáveis e pediram para que eu não divulgasse o áudio, já que elas poderiam ser reconhecidas por suas vozes. O meu intuito nunca foi divulgá-los, mas esse reforço que todos os participantes fizeram foi mais um sinal do clima que geralmente se cria em torno do objeto deste trabalho. Apenas um dos participantes, a quem aqui me refiro como D., solicitou que não fossem divulgadas as transcrições de nossas conversas, permitindo que apenas alguns trechos compusessem este texto.

Esta pesquisa foi submetida ao CEP via Plataforma Brasil, tendo o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) n° 10235419.0.0000.5401.

No início das conversas eu também me apresentei, destacando que o objetivo da pesquisa era pensar os elementos que circundam as relações do espectador com a pornografia e que, desta forma, não era necessário que ficássemos detidos unicamente no pornô, mas que poderíamos fazer dele um pano de fundo em uma conversa mais solta, livre para percorrermos os caminhos aos quais as associações nos levassem. Como eles haviam me procurado para participar da pesquisa, foi possível conversar sobre seus motivos de estar ali, ponto este que já começou a dar um tom mais individual para o encontro, por permitir a colocação de suas fantasias para serem vividas naquele espaço e também distribuindo os papéis e o clima que compõe suas cenas (GUIRADO, 2000). Partindo disso, entendo que busquei criar um ambiente que acolhesse os dois lados, o meu e o deles, sem que ficássemos detidos num exame exaustivo daquilo que eu poderia imaginar ser relevante para o trabalho, correndo o risco de ignorar o que seria importante para aquelas pessoas, mas também sem deixar que o intuito inicial desse encontro se perdesse.

Logo no início da pesquisa, a proposta era conversar com pessoas de faixas etárias diferentes, para que fosse possível pensar como cada geração foi lidando com os diferentes tipos de pornô durante a vida. Após a divulgação da pesquisa através dos cartazes, percebi que as idades daquelas pessoas não variavam tanto, mas, mesmo assim, segui para esse “teste”. Os pontos abertos durante essas conversas foram diversos e muito ricos, possibilitando importantes reflexões que ora se aproximavam, ora se distanciavam dos objetivos iniciais, permitindo uma nova organização do trabalho.

Num contexto mais amplo, pensando as questões que tocam os pesquisadores em psicanálise nas universidades, também percebo pontos mais gerais, como a dúvida que paira sobre conseguir, ou não, pessoas que possam ajudar com o trabalho; o medo de precisar reformular todo o plano caso elas não apareçam; as estratégias de como fazer as aproximações com elas e, principalmente, como fazer valer os preceitos básicos desta teoria (FREUD, 1933/2010), que nasceu da clínica, em um ambiente com posições e dinâmicas tão diferentes. Em conversas com colegas ou em discussões dentro das disciplinas cursadas nesse período do mestrado, pude perceber que há grande dúvida sobre a possibilidade de o entrevistado associar livremente em uma conversa onde o tema já estaria definido pelo entrevistador e, ainda, se seria possível que a transferência acontecesse. Em outras palavras, existe a preocupação de que o lugar estabelecido previamente, pesquisador – participante, tenha pouca mobilidade, ainda mais pelo fato de existir um Termo de Consentimento assinado logo no início do contato. Um dos receios que se coloca para o pesquisador, me parece, é justamente o de estabelecer uma relação de uso, ou seja, de estar se aproveitando de alguém para alcançar aquilo que precisa. Esse uso implicaria uma violência com a pessoa que se disponibilizou a participar, já que teria como efeito despersonalizá-la para que, assim, se tornasse possível recriá-la de forma a reconhecer em seu discurso o que seria necessário para o próprio trabalho. Essa minha experiência não confirmou tais hipóteses.

Posicionando o pornô como pano de fundo, foi possível que a conversa tocasse em elementos que fazem parte desse campo, permitindo aos participantes que eles mesmos dessem o tom e trajeto do encontro. Foi muito perceptível a apropriação de espaço que eles conseguiram fazer. Para a elaboração das discussões que virão nos próximos capítulos, procurei destacar, nas palavras de Luís Claudio Figueiredo e Marion Minerbo (2006), as linhas de força que pude perceber durante o contato com aquelas pessoas, seja presencialmente ou depois, ao ouvir as gravações. Busco trazer alguns trechos das conversas que, em meu entendimento, expressam os lugares, os afetos e as fantasias que giram em torno do tema do trabalho, para, assim, compor as hipóteses e discussões. A exposição desses recortes não obedece a uma ordem temporal, mas eles foram posicionados na tentativa de constituir uma imagem, uma perspectiva.

> Depois de transcrita, a entrevista foi interpretada seguindo os mesmos procedimentos usados na clínica psicanalítica: uma escuta flutuante, isto é, descentrada do tema central, intencionado; um recorte do texto privilegiando temas, expressões, brechas, palavras, ou quaisquer elementos que sirvam como cunha para desconstruir o texto; uma reconstrução deste texto que permita ao analista criar ali um sentido novo, inesperado, produzindo uma outra verdade sobre o texto. A escuta é informada pela contratransferência, ou seja, pela maneira como a entrevista, e depois o texto, interpelam o intérprete. (Figueiredo e Minerbo, 2006, p. 263-64)

No início de cada capítulo, como é possível perceber no decorrer do texto, é feita uma apresentação descritiva do contato estabelecido com cada das pessoas que participaram da pesquisa, assim como um resumo dos relatos de suas histórias. Tais subcapítulos são de suma importância para as discussões que os seguem, já que têm como objetivo principal delimitar o campo transferencial (transferência/contratransferência) de cada uma das relações, o que dará direção e apoio para o desenvolvimento das hipóteses. Cada participante trouxe, de início, suposições de lugares e funções que cada um de nós ocuparia durante os encontros, particularidades que mobilizaram em mim, enquanto entrevistador, os mais diversos sentimentos e percepções. Procuro descrever tais elementos em cada apresentação.

Portanto, um dos pontos mais delicados desta pesquisa toca justamente na metodologia de análise das entrevistas, tendo em vista que as conversas com os participantes não ocupam o lugar de fonte para a análise clínica de suas subjetividades, mas de disparadores para discutir os desdobramentos das atuais características das produções pornográficas, da relação espectador-tela e das funções desses vídeos dentro de nossa sociedade. Do contrário, incorreríamos ao erro, apontado por Freud (1910/2006), de aplicar, de modo selvagem, interpretações clínicas em relações cujo vínculo não fora estabelecido nesse parâmetro. Desta forma, o movimento que aqui se percebe parte dos relatos individuais em direção às produções sociais e suas características.

As pesquisas de método psicanalítico parecem tornar mais aguda a necessidade de lidar com o outro, com o desconhecido e assim nos soltarmos de idealizações sobre como deve ser a pesquisa ou quais resultados é preciso encontrar. É uma condição que nos convida à atualização ou à reinvenção do próprio trabalho, atitudes que pedem bom uso dos próprios recursos, encontrando em outros lugares novos pontos de referência.

A escolha do objeto de pesquisa se justifica em alguns pontos, entre eles, como apontado, o enorme crescimento do número de acessos aos sites pornô e a escassez de trabalhos que tratem o tema, mas, principalmente, por questionar os lugares que as produções espetaculares vêm recebendo em nossa cultura. Por produções espetaculares me refiro ao que comumente chamamos de entretenimento, ou seja, materiais televisivos ou online que caem nas graças de uma parcela enorme da população, exercendo papéis fundamentais na economia libidinal de cada sujeito, inclusive ao ocupar o lugar de figuras de identificação.

Dentro do contexto acadêmico estão sendo realizadas diversas análises e discussões acerca das nossas dinâmicas políticas, sociais e culturais, assim como as formas pelas quais esses pontos afetam o sujeito contemporâneo. No decorrer deste texto passaremos por algumas pautas, tais como a cultura do estupro, o machismo estrutural e toda uma lógica de vida pautada na exploração e na violência. Mais do que simplesmente ferramentas para a distração, os conteúdos que circulam na internet, entre eles o pornô, subjetivam e colocam em cena os afetos que vivemos cotidianamente.

A pornografia que encontramos nos sites, atualmente, é transgressora? Em qual sentido? O que ela transgride e o que reforça? O que ela pode dizer da forma como estamos lidando com o erotismo, com as fantasias e com os nossos desejos? O pornô, assim como outras produções da indústria cultural, apenas aliena seus consumidores? E por que será que essas pessoas buscam nessa tela de fantasias prontas uma fonte de estimulação externa com tanta frequência? São algumas perguntas que norteiam este trabalho.

As discussões aqui presentes foram estruturadas em cinco capítulos, um deles para cada pessoa que participou da pesquisa. Nesses espaços, busquei eleger os temas que mais se destacaram durante as nossas conversas para, a partir disso, criar atritos e discussões com o acervo teórico disponível sobre o assunto.

A escolha por fazer uma apresentação com um espaço separado a cada uma das pessoas em vez de um estudo transversal se justifica pela possibilidade de, assim, poder dar mais atenção às particularidades, ou seja, às leituras que cada um foi construindo, durante a vida, sobre a pornografia e aos lugares que ela costuma ocupar dentro de cada dinâmica pulsional. Mesmo que em alguns momentos as discussões realizadas em diferentes capítulos se aproximem, dando a impressão de repetição, cada uma delas contém elementos particulares que podem servir para a

composição das discussões sobre o tema. Como o próprio título do trabalho já sugere, cada capítulo se constitui como um ensaio sobre a pornografia e a relação entre eles é de certa independência.

Faço um breve resumo acerca dos capítulos que tiveram como base as entrevistas:

Já de saída, no capítulo 1 procuro discutir sobre o caráter transgressor da pornografia, passando por alguns trabalhos que se dedicaram a traçar ou a abolir as diferenças entre os gêneros pornográfico e erótico, assim como a vinda da noção de obscenidade, ou de efeito obsceno, para resolver esses conflitos. Trago alguns dados sobre a história das produções audiovisuais que, no Brasil, foram categorizadas como pornochanchada, para começar a traçar as transformações que aconteceram com o passar do tempo e, principalmente, com a evolução tecnológica. Por fim, com autores como Vladmir Safatle e Joel Birman, argumento a favor de considerar os atuais vídeos pornográficos como recursos de uma sociedade que incita uma modalidade específica de transgressão paradoxal, ou seja, me aproximo da apropriação que o capitalismo faz de formas disruptivas para realizar sua própria conservação, estabelecendo, assim, relações com base no cinismo.

No segundo capítulo faço um levantamento bibliográfico dos trabalhos de base psicanalítica que se propuseram a discutir a pornografia contemporânea. É perceptível, em grande parte deles, uma tendência a estabelecer suas leituras a partir da chave “desejo x moralismo”, posicionando o contato com o pornô em um lugar livre das vigilâncias sociais e da castração, condição que supostamente asseguraria a experiência de fantasias moralmente condenáveis. Proponho repensar a noção de castração e, assim, passar a discussão do campo da moral para um outro, que leve em consideração a lida com a falta e a fragilidade das bordas de um sujeito que tende à dissolução, ou seja, uma leitura que também pense a construção da noção de alteridade. Para isso, recorro à discussão sobre a modalidade de saber que o pornô, enquanto produto da indústria cultural, poderia conceder a seus espectadores.

O capítulo 3, “A fetichização do corpo e alguns desdobramentos”, traz um pouco mais da história da pornografia no Brasil, assim como algumas estatísticas que mostram as principais tendências em nosso país no tocante às palavras e categorias mais procuradas nos sites pornô. Destaco os processos de violência na objetificação e sexualização do corpo da mulher durante todo o trajeto dessas

produções, assim como os dados contrastantes dos índices de feminicídio e transfobia no Brasil. Por fim, procuro articular as noções de abjeção e fetiche na cultura do espetáculo.

No capítulo 4 volto a pensar os vídeos pornô dentro da lógica do mercado capitalista para, assim, inverter uma pergunta que parece essencial: em vez de questionar o que o espectador quer da pornografia, discutir o que essas produções querem daquele que com certa assiduidade as acessam. Neste ponto, a procura é por associar não apenas a pornografia enquanto um objeto que se insere na cultura, mas também refletir sobre as possíveis relações que o espectador estabelece com as pessoas que figuram na tela, abrindo espaço para identificações ora com o homem, ora com a mulher. O desamparo psíquico com as saídas através da violência também recebe destaque. Depois disso, me detenho nas imagens do “pedaço de carne” e do “pinto gigante”, trazidas pelo entrevistado C. em nossas conversas, para criar alguma hipótese acerca da imagem grotesca e caricatural tão comum à pornografia.

Por fim, o quinto capítulo é um momento em que a pornografia aparece dentro do terreno do vício, ou seja, ganhando alguma proximidade com as adicções. Para investigar sobre seu efeito anestésico, me aproximo de Joel Birman na psicanálise, do filósofo Jean Baudrillard, para pensar a noção de tela total, assim como o efeito neutralizador resultante da saturação de imagens e, ainda, do sociólogo Christoph Türcke, com sua concepção de “sociedade excitada”. Na busca por politizar essa questão, destaco o processo de especialização feito por nossa cultura neoliberal, em promover relações de dominação e exploração do outro e de sua imagem.

Durante esse trajeto é possível concluir que as reflexões sobre uma produção amplamente difundida em nossa cultura, tal como a pornografia, abrem vias ainda pouco exploradas no campo das pesquisas psicanalíticas. Com o horizonte apontando para a continuidade desenfreada da evolução tecnológica e sabendo da importância da sexualidade não apenas no desenvolvimento subjetivo, mas também para as modalidades de controle social, o pornô se destaca com um objeto privilegiado e complexo, condensando diversos aspectos, muitas vezes contraditórios, presentes em nossa cultura e, assim, suas propriedades permitem expandir as discussões para pontos como: a experiência corporal nas relações mediadas pela internet; os imperativos ao gozo e à transgressão; as modalidades do saber sobre si que os discursos midiáticos podem proporcionar e a diminuição das

capacidades de fantasmar e erotizar do sujeito contemporâneo, marcado por angústias primitivas.

1 – As modalidades de transgressão

P. tem 24 anos e me procurou alegando ter vontade de conversar sobre o seu contato com a pornografia, já que sentia a presença de um tabu muito forte nas relações com outras pessoas para dialogar sobre esse ponto, mesmo sabendo que entre seus colegas era comum falar abertamente sobre sexo, inclusive comentando detalhes íntimos de suas transas, tais como o tamanho do pênis e performances dos parceiros. Durante o seu tempo na faculdade, conta que se aproximou bastante das disciplinas e estágios que discutiam sexualidade e construção da identidade de gênero, mas mesmo com diversas discussões nesses campos, o pornô não era comentado, ou passava-se muito rapidamente por ele. Sua justificativa está na intimidade.

Seu contato com a pornografia começou por volta dos doze anos de idade, usando tanto vídeos como fotos e revistas. Nesses momentos não se masturbava, tinha apenas o costume de ficar olhando as imagens. Desde essa época já percebia sua atração por homens e não se sentia excitado com os conteúdos hétero ou lésbico. Entretanto, conta que a descoberta da sua sexualidade foi atravessada por fortes resistências, com certa recusa em perceber a possibilidade de ser homossexual, mesmo tendo consciência de que não sentia nenhuma atração por mulheres. Diz que “não acessava” (sic) essa possibilidade. Compreendia que tudo aquilo que assistia na pornografia eram vivências que ficariam apenas ali, no mundo virtual, fantasiando que na vida real sentiria atração e transaria com mulheres. Entende, hoje, que essa falta de acesso tenha contribuído para que ele não sentisse a “dor” (sic) de não ter se assumido homossexual, já que nem ele mesmo sabia de sua preferência.

> É complicado explicar, mas o único contato… deixa eu ver se consigo explicar mais concretamente. O que eu lembro é que uma vez, eu devia ter uns 14, 15 anos, que eu tive um pensamento: estava em casa, “caramba, acho que eu sou gay”. Falei “puts” vou ter que contar para a minha família, vou ter que contar para a minha mãe, sabe. Imagina como vai ser. Falei “nossa vai ser o ó, vou ter que passar por um monte de coisa e tal”. Mas foi um pensamento, coisa de uns minutos. Ai eu não… parei de pensar sobre isso, passou e eu nunca acessei isso de novo. Foi a única vez que eu pensei “nossa, talvez eu seja gay”. De resto, simplesmente não pensava. Não era uma coisa real, assim, para mim, eu acho. (Informação verbal)

A “virada da chave” aconteceu quando estava perto de concluir o ensino médio, momento em que alguns de seus amigos se assumiram gays ou bissexuais e, assim, ele conseguiu perceber que isso seria possível.

P. chega para as nossas conversas com um ar de leveza e superioridade. Senta-se muito ereto, com a coluna e pescoço esticados, cabeça ao alto, pernas cruzadas e antebraço apoiado de maneira delicada nos braços da poltrona de forma a deixar suas mãos suspensas no ar. Ao contrário desta aparente leveza, gosta de usar palavras mais fortes, obscenas, como “pau, cú, comer, gozar …”, e quando diz que conversa abertamente sobre sexo e práticas sexuais com seus amigos, o faz como quem quer dizer que já ultrapassou essas amarras sociais tão moralistas, atrasadas, que fazem recair sobre o sexo aquele antigo véu do segredo e da vergonha. Parece gostar de se ver nesse lugar.

Os vídeos pornô apareceram, em nossas conversas, de duas maneiras distintas: a primeira referia-se também aos contatos iniciais que P. teve com esses materiais, os quais recebiam a função de mostrar a ele como funcionava o mundo do sexo. Diz, desta forma, que os primeiros acessos foram na tentativa de descobrir o que o excitava, como um suporte de função pedagógica. Como o contato com o pornô antecedeu bastante a sua primeira experiência sexual, tinha em mente que esta seria exatamente da mesma forma como assistia nos vídeos, antecipando, assim, a performance, as posições e o que poderia, ou não, fazer e gostar. Com o tempo, esse caráter de novidade foi se perdendo e cedendo espaço para uma outra função, a de ferramenta essencial para a masturbação. Em todas as vezes em que conversamos mais especificamente sobre a pornografia, foram a partir desses dois lugares, destacando, ainda, sua percepção de que existia uma enorme distância entre tudo o que costuma assistir de sua vida sexual com outros parceiros.

Desde o início dos nossos encontros, P. mostrava o quanto a internet e os conteúdos virtuais fizeram parte da sua vida:

> Tiveram uns momentos que tive contato com outros homens que estavam em situação parecida de não se assumir, de estarem se descobrindo gays e tal, mas tudo permeado pela internet. Comecei a acessar esses sites de cam, de chat online e tal e tinha na época o Omegle, que é aquele site que você se conecta com várias pessoas do mundo. Que tem tanto por texto como por webcam. É na mesma época que estourou o (inaudível)… Que você entra e ele te conecta com uma pessoa aleatória em qualquer parte do mundo. E nesse site eu entrei em contato com umas pessoas, e nessa época tinha a coisa de colocar tag, tipo “ah quais são os seus interesses”, aí eu colocava, tipo, “gay”. Porque como é anônimo, enfim, você poderia

> conversar com qualquer um e não tinha nenhum tipo de identificação. Aí eu conheci uma das pessoas que não estava tão interessada no sexo, tipo trocar nudes ou cam, porque era por texto, não era com a cam ligada. E realmente começava a conversar, então eram relações de amizade, sabe?! São dois meninos, não, três especificamente. A gente conversava por um aplicativo que existia na época, chamava Kiki, que era um mensageiro, parecido com o WhatsApp, mas que não precisa usar o número do celular. Então você criava uma conta fake, sabe?! Nome qualquer, não colocava foto ou colocava foto de outra pessoa, enfim. Criava um perfil falso, anônimo e a gente conversava através de lá, era um mensageiro. E assim, eu tinha essa relação de amizade com esses três meninos, um deles era paquera, os outros dois só amizade, através desse aplicativo. E falando "ah tenho curiosidade, mas não sei, não consigo me assumir". Eles estavam nessa fase parecida. E foi… foi interessante, eu lembro de (inaudível)… a gente conversava muito. E foi o acesso que eu tive com pessoas que estavam passando por coisas parecidas, porque digamos que na vida real, fora do virtual, da internet, eu nunca tinha conversado com ninguém até então. Nem com a minha terapeuta na época. Eu fazia terapia desde os treze, quatorze anos e nunca…(Informação verbal)

P. foi o único dos entrevistados que apontou diretamente as categorias que costuma procurar nos sites, destaca: "punheta; mão amiga; público; *straight goes gay*". Ao pesquisar essas palavras nos sites, encontrei um cruzamento de resultados, principalmente das três primeiras, ou seja, elas parecem contornar um assunto semelhante. Um dos tópicos que se repetiu foi o sexo em público com a masturbação dentro de ônibus, metrô e, com muita frequência, banheiros de shoppings ou terminais urbanos. Grande parte dos vídeos eram gravados por "pessoas normais", ou seja, não eram produções com atores e atrizes profissionais, com um *set* de filmagens e roteiro estabelecidos, ao contrário, mostravam pessoas aleatórias que no decorrer de suas atividades diárias encontravam uma brecha para, dentro de um banheiro público, transar com algum desconhecido. É curioso como essas categorias de vídeos geralmente trazem como um de seus principais elementos a desobediência em relação às leis, a violação de tabus, tais como a restrição da sexualidade ao campo do privado e da intimidade, ou mesmo colocam em dúvida padrões sociais que são frequentemente elevados, em nossa cultura, ao nível de naturais ao ser humano, como, por exemplo, retratando a fragilidade da heteronormatividade. Parecem dizer que "lá, onde supostamente algo estaria presente, não está". Afrouxam os nós das articulações das matrizes sociais, mas voltaremos a esse ponto mais adiante.

Fora da internet, sobre seus relacionamentos interpessoais, P. trouxe para as nossas conversas um antigo namoro que mantinha com um rapaz. Com ele, diz que se sentia pouco satisfeito com as relações sexuais porque elas acabavam por se

restringir à prática oral e à masturbação. Um outro problema era que seu parceiro não chegava ao orgasmo e P. ficava com muitas dúvidas sobre como deveria agir em tais situações. Sentia-se desamparado por não conseguir encontrar uma pessoa que lhe dissesse como proceder. Nunca conversou sobre isso em suas sessões de psicoterapia, com o argumento de que seria inútil, improdutivo, tendo em vista que ela, sua terapeuta, não poderia indicar a ele um caminho sobre como agir ou lhe “dar uma devolutiva” (sic), já que ele é um homem gay e ela, uma mulher hétero e, portanto, ela não teria vivido essa situação para que lhe fosse permitido um saber sobre o assunto.

Frente ao impasse de não conseguir conversar com sua terapeuta sobre o que estava se passando, recorreu à internet para encontrar as respostas e dicas para sanar suas dúvidas. A pornografia, ainda hoje, acaba sendo uma fonte da qual costuma beber com o intuito de conhecer melhor as práticas sexuais, ocupando, assim, o lugar de uma cartilha que operacionaliza suas experiências e lhe proporciona um *modus operandi*.

Essa reação frente ao desconhecido, ou seja, a busca por modelos que pudessem delimitar os bons caminhos a seguir também aparece ao falar de suas experiências durante a graduação e, com o final dela, na escolha de uma pós-graduação. Sentia-se culpado por não conseguir desenvolver pesquisas de iniciação científica, por não ser bolsista FAPESP ou mesmo por não participar assiduamente dos movimentos de militância dentro do campus, atividades muito valorizadas, dizia ele, dentro do meio acadêmico. O que sobrava eram frequentes ataques a si mesmo, acompanhados de muitas dificuldades em criar vínculos e inserir-se em quaisquer atividades, alegando nunca se sentir satisfeito com o que produzia. Nunca estava à altura, nunca era suficiente e, assim, percebia sua criatividade sendo minada.

Em resumo, o contraste que é possível perceber nas conversas com P. entre o que poderíamos chamar de seu lado debochado, aquele que demonstra algum prazer ao se perceber superior às construções moralistas que velam o sexo ao compartilhar com os amigos os detalhes de suas relações sexuais ou mesmo no uso de palavras rasgadas acompanhadas de certa altivez, com esse outro lado, acanhado, aprisionado aos padrões, às idealizações, com grandes dificuldades em afirmar a própria individualidade, pode ser uma dinâmica importante para questionar o lugar da pornografia online em nossa cultura. Como articular o tom de

obscenidade do pornô com a sua função de cartilha do sexo? Ou seja, se os vídeos ainda conservam um elemento de ruptura com aquilo que é esperado, se eles têm como traço um efeito de desestabilização, característicos da pornografia, e reafirmam, como veremos a seguir, as violações dos tabus que organizam nossos processos de civilização, como podem, ao mesmo tempo, ratificá-los? Já que são tão acessados em nossa cultura, como esses traços podem nos ajudar a pensar o sujeito contemporâneo?

1.1 – O pornô, o erótico e o efeito obsceno

Para tentar responder a essas perguntas é preciso começar com uma discussão antiga sobre a delimitação do gênero “pornografia”.

É muito comum encontrar discussões sobre a viabilidade de pensar a pornografia como uma categoria específica de produções culturais e, para isso, normalmente é destacada a fluidez de suas principais características, assim como sua aproximação aos conteúdos eróticos. Existiria entre esses dois gêneros (pornô e erótico) uma certa oposição, mas também alguma complementaridade, de forma que não é raro encontrar a afirmação de um deles através da negação ou da superação do outro, ou seja, servem-se, entre si, de base para talhar os próprios contornos.

Em geral, essa discussão paira sobre esses dois termos, mas não especificamente sobre a sua forma de representação, ou seja, não é próprio dos filmes, da literatura ou das revistas.

Os argumentos que buscam tal distinção normalmente se desenvolvem por dois principais caminhos que se cruzam em algum momento: um deles se sustenta na via perceptiva, enquanto o outro é mais valorativo. A antropóloga Maria Filomena Gregori (2011) lembra, mesmo sem concordar com a separação, a oposição histórica entre essas duas modalidades, reconhecendo o erótico como ligado às indagações eruditas e à imaginação artística, ou seja, ele faria parte de um campo mais profundo e mais elaborado, enquanto o pornô seria reduzido à materialidade, recebendo um caráter vulgar por conta da representação e nomeação direta das práticas e órgãos sexuais.

Dominique Maingueneau busca analisar, em “O discurso pornográfico”, as principais características discursivas da literatura pornográfica e, para isso, também propõe separações entre os dois termos:

> … o erotismo é um modo de representação da sexualidade compatível, dentro de certos limites, com os valores reivindicados pela sociedade e dado que ele constitui uma espécie de solução de compromisso entre a repressão das pulsões imposta pelo vínculo social e sua livre expressão. Esse já não é o caso da pornografia, que não mascara suas tendências sexuais agressivas. (Maingueneau, 2010, pg. 32)

Vale ressaltar que essa característica não constitui regra para definir a pornografia. Um exemplo disso pode ser percebido aqui mesmo, no Brasil, se considerarmos o cinema das décadas de 1960 e 1970. Os filmes que eram chamados, de maneira pejorativa, de pornochanchada, remetiam, como o próprio nome já aponta, a uma mistura da pornografia com as chanchadas. Este gênero foi um importante movimento do cinema brasileiro entre as décadas de 1940 e 1950 e contava com filmes de linguagem simples, misturando música e comédia, mas também com toques de malícia e duplos sentidos que às vezes apimentavam algumas cenas (ABREU, 1996). Entretanto, nas pornochanchadas, mesmo existindo um maior flerte com a sexualidade ao exibir imagens com alguma nudez, em geral de mulheres, não era possível encontrar cenas de sexo explícito.

Uma das razões pelas quais a pornochanchada perdeu força durante a década de 70 foi justamente por conta da entrada de dois filmes estrangeiros que continham cenas de sexo explícito, *Calígula* (1979) e *O Império dos sentidos* (1976), que abriram as portas para outros, também vindos de fora, e fizeram com que os espectadores se tornassem mais exigentes com a ousadia das produções nacionais. Assim, na tentativa de sobreviver no mercado, a Boca do Lixo lança seu primeiro *hard core* em 1981, de Rafaelle Rossi, *Coisas eróticas*, que foi assistido por mais de 4 milhões de espectadores (ABREU, 1996).

Na literatura sobre o tema ainda é possível encontrar uma interessante inversão de sentido em relação ao quão elaboradas são, ou não, essas produções. Se o gênero “erótico” já foi tido enquanto mais próximo ao campo da arte, ou seja, se eles são produzidos através de recursos simbólicos que os tornam mais aceitáveis, elevados e valiosos dentro de nossa cultura, alguns textos fazem uma releitura deste ponto e o reposicionam no lugar de obstáculos à livre satisfação. Percebem na pornografia uma ruptura em relação aos modelos e à moral social, elementos estes que agiriam de maneira contrária a uma experiência desimpedida da própria sexualidade. Seria concedida, ao espectador, a possibilidade de “ver tudo” nesse universo sem repressões, onde os costumes, representados pelos véus,

não estariam presentes para operar encobrimentos ou restrições e, ainda, abrir-se-ia espaço para a fruição das próprias fantasias de maneira segura, sem que o olhar crítico pudesse constranger o espectador.

Seguindo essa linha de pensamento e utilizando-se dos conteúdos publicados na revista G-Magazine, Gabriel Rodrigues escreve:

> Neste processo de contemplação prazerosa como meio de suprir demandas barradas pela lei inclui-se a pornografia, mídia propagadora de 'imagens proibidas', como objeto por intermédio do qual o sujeito castrado poderá manifestar prazeres a ele barrados. A pornografia torna-se a mola propulsora, a ignição que dará partida ao processo de manifestação de um prazer sexual socialmente marcado como fora do padrão moral estabelecido. (Rodrigues, 2016, p. 129)

Na tentativa de limpar o campo e sair desse esforço por cercamentos entre um gênero e outro, a noção de *efeito obsceno,* proposta por Eliane Robert Moraes (2003), parece dar conta desse problema ao dizer daquilo que rompe um quadro estável ou esperado de representações, ou seja, figura algo que não caberia no cenário comum e que, portanto, deveria estar fora de cena, mas ao conservar sua potência de chocar, desconcerta um ambiente onde ele, porventura, possa surgir. Para a autora, é possível superar tal binaridade ao desconstruir a tese de que as produções seriam obscenas "em si" e, assim, defende que o efeito produzido dependeria do campo das relações estabelecidas e não especificamente do gênero de um filme, por exemplo.

Trago uma experiência pessoal para elucidar melhor esse ponto. Há alguns anos, um dos meus tios montou um sistema de *home theater* em seu apartamento, que também era novo. Para a inauguração, convidou a família para assistir a um filme de ação, Sr. e Sra. Smith, já que com ele poderíamos apreciar a potência das caixas de som durante as cenas explosivas. Em um dado momento do filme, depois de terem destruído a casa rivalizando um com o outro, os protagonistas, interpretados por Angelina Jolie e Brad Pitt, começam a transar. Quem já assistiu ao filme sabe que não se trata de uma cena comum aos conteúdos do Xvideos, ou seja, não faz a exibição do sexo de maneira explícita, mas dá a entender o que estaria se passando entre os personagens. Mesmo assim, essa explosão não foi suportada pelo "sistema" do meu tio, que rapidamente agarrou o controle remoto do aparelho de DVD e avançou as cenas mais calorosas.

É de se imaginar que os vídeos presentes em sites como o Xvideos se exibidos à luz do dia, na televisão aberta, chocariam uma enorme parte dos espectadores e possivelmente seria motivo de grande revolta, mesmo por aqueles que costumam acessar ao site em situações diferentes. O impacto que essas imagens são capazes de provocar quando surgem nos lugares em que não são esperadas é enorme. Estaria uma possível explicação para isso no pudor, na vergonha ou mesmo no vazamento daqueles conteúdos que estão na ordem do que é privado para o espaço público e compartilhado? O que mais podemos compreender sobre esse efeito de desarmonização?

Por mais que a palavra “obsceno”, em nossa linguagem comum, tenha alguma familiaridade no contexto sexual, ela não se reduz integralmente a ele e pode trazer consigo algo de uma violência, um atentado contra a ordem. Durante a pesquisa para a elaboração deste trabalho, talvez a definição mais forte e importante encontrada sobre a obscenidade, a qual não poderia deixar de fora do texto, veio de um artigo publicado por uma revista equatoriana chamada Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación, em 1997:

> Pero si observamos la realidad en su contexto de contradicciones sociales cada vez más profundas y agudas, no cabe mejor expresión para calificar los desniveles de la justicia, que obsceno. No puede ser más obscena la pobreza. Lo es como promiscuidad y hambre, humillación y muerte. En este caso -dice Benedetti- los críticos son "particularmente sensibles cuando se trata de detectar la presunta pornografía literaria, pero distraídos cuando se trata de señalar la obvia pornografía social, la inequívoca obscenidad política". (RIBADENEIRA, 1997, p.37)

Não seria possível fazer um desvio para discutir aqui o que foi destacado por Edmundo Ribadeneira, mas sua brilhante maneira de posicionar a obscenidade em um contexto mais amplo, profundo e enraizado de nossa cultura precisa ser valorizada e levado em consideração. O autor faz uma inversão de sentido ao destacar a pobreza, a fome, a humilhação e a morte como obscenas, dizendo, por um lado, do efeito de impacto que a obscenidade é capaz de produzir, nos olhando até o íntimo, mas também dos atos de desumanidade de que somos capazes: das violentas exclusões, dos apagamentos sócio-históricos, das segregações e do esforço pelo encobrimento hipócrita, na conservação de tudo “organizado, limpo e harmônico”. A “pornografia social” se constituiria através das violências presentes na oferta desigual e cruel das condições de vida amparadas em organizadores sociais;

na manutenção da pobreza e em lógicas de exploração. Então, o obsceno seria uma representação do resultado de ação daquelas violências. Seu retorno traria lembranças do que se queria esquecido: talvez não as pessoas especificamente, mas a violência e o ódio contra elas, que está na base constituinte da nossa organização social.

A distração que nos faria passar despercebidos por aquelas “obscenidades políticas” aponta para uma recusa frente aquilo que poderia nos revelar algo de insuportável, mas também diz do que é potencialmente transformador, ou seja, obscenidade que daria notícia das várias contradições das estruturas sociais, a partir das quais seria possível pensar uma reorganização política. A inversão que Edmundo Ribadeneira faz não diz da violência do sujeito contra a ordem, mas da violência exercida por aquela suposta ordem contra o sujeito: não por lhe estabelecer regras ou costumes, mas por seu movimento perverso e parasitário. Portanto, estaria na ferida aberta a causa do choque. Mas também estaria nela a denúncia de que o estabelecimento de uma ordem é capaz de criar e sustentar efeitos que supostamente não estariam previstos por ela.

Alguns detalhes desta discussão retornarão no próximo capítulo, mas, por enquanto, o importante é encontrar diferentes leituras sobre o efeito obsceno para expandir nosso campo de possibilidades de interpretação da pornografia descrita por P.. Para isso, mais duas noções sobre essa temática.

Apoiando-se na estética de Jean Baudrillard, Nuno César Abreu (1996) trabalha com o conceito de hipervisibilidade para pensar a obscenidade em uma outra chave. O autor sai do campo da moralidade e dos efeitos negativos da suposta ordem, como nas leituras anteriores, para localizá-la enquanto o excesso de luz que causaria cegueira em seus espectadores:

> [...] num aparente paradoxo, “estar em cena” exageradamente, o excesso de exposição (tudo estar cruamente visível), leva ao vazio. A fascinação pelas imagens obscenas seria a paixão desencarnada de um olhar sem imagem por uma cena vazia onde nada tem lugar mas na qual o olhar é satisfeito… a obscenidade é uma tentativa desesperada de sedução pela evidência grosseira da verdade, e não pelo uso sutil dos signos disponíveis. Ao acreditar que é suficiente se dar a ver e forçar ser vista, ela se comporta como uma oferta vulgar, ingênua e sentimental que pretende ser a verdade material das coisas, sem respeito pelas complexidades e pela sutileza das aparências. (Abreu, 1996, p. 19)

Entre holofotes, tais imagens produziriam, através da saturação de signos, uma neutralização naquele que as vê, ou seja, fatigariam suas retinas utilizando-se da incessante repetição e do bombardeio de imagens, cores e efeitos. No último capítulo deste trabalho, a noção de hiperrealidade cunhada por Baudrillard retornará para discutirmos as relações de dependência com a pornografia. Aqui, o efeito de obscenidade parece estar mais próximo de um impacto da fascinação e, portanto, da crença na ausência da falta: da iluminação que desfaz a sombra das imagens e de seus espectadores. O exagero seria um argumento que convenceria esse sujeito mais ou menos complacente, na possibilidade da unidade, na completude do que é visto, na fixação nas formas. Seria, portanto, o fim da negatividade das imagens que se pretendem, agora, inteiramente positivas.

Com alguma proximidade a essa perspectiva, Eliane Robert Moraes (2003) discute o efeito obsceno através do que chama de “palavra pornográfica”. Para isso, traça sua diferença das demais palavras, principalmente porque ela alcançaria um ponto que as demais não conseguiriam, ou seja, colocam-se na condição de fetiche. Desta forma, a palavra obscena subverte “sua função abstrata de signo para ganhar um corpo próprio que, no limite, substitui o corpo real” (Moraes, 2003, p. 130). Com essa subversão, o emprego da palavra recuaria tanto em sua função de comunicação quanto em contornar aquilo que se pretende nomear e passaria a encerrar uma satisfação. Seria o uso de palavras que, inesperadamente, faria torção do laço tanto com o símbolo quanto com o outro, criando, como diz a autora, uma “realidade independente”, que poderia despertar um prazer superior àquele experimentado com o objeto real. Talvez por isso elas possam facilmente soar como sendo agressivas, desrespeitosas ou chocantes, porque fragilizam o campo da alteridade. O falar pornográfico, neste sentido, seria um falar ensimesmado.

Por fim, passadas três diferentes definições sobre o “obsceno” e seu efeito, é nas duas últimas que podemos encontrar com maior facilidade as dinâmicas de relações que se aproximam da maneira pela qual P. descreveu a pornografia. Na segunda, imagens que fascinam, que suscitam e alimentam a fantasia de encontrar uma vida sem incertezas, sem vazios, sem angústia e, para tanto, dedicam-se à produção de ideais, de modelos que prometem o segredo do prazer. Na terceira, a satisfação com outra realidade que não a da relação com o outro, ou seja, nela o que mais importa é a satisfação que o sujeito encontra ao se perceber fazendo ou falando e não os desdobramentos desses comportamentos no campo das trocas. A

primeira definição tem, a princípio, relação menos nítida, mas veremos como ela pode contribuir com o objetivo de responder as questões levantadas no final do último subcapítulo.

Mesmo com as diferenças entre aquelas definições, algo também se repete nessas três propostas: a ordem, a imagem e a palavra surpreendem o que se espera delas, ou seja, elas não estão exercendo as funções que supostamente exerceriam. Nas três noções de obscenidade é possível encontrar uma quebra de confiança, uma descontinuidade. Sabemos que não é possível separar o obsceno de sua transgressão, já que ele rompe com algo utilizando-se de diferentes recursos. Mas quando a transgressão é construtiva ou destrutiva? É possível distinguir uma transgressão que faça a expansão do campo de possibilidades, que faça rupturas com determinados preceitos para criar outros pontos de vista de uma outra que tenha o objetivo de destruir os sentidos, de atacar os pontos de articulação e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, reforçá-los? Esse movimento destrutivo nos direcionaria à anomia? Não se trata de defender, aqui, um moralismo, mas de questionar qual a função das transgressões que podemos encontrar na pornografia online, principalmente naquelas destacadas por P..

1.2 – Um imperativo à transgressão

Como já foram levantadas as tentativas de diferenciação entre as produções pornográficas e eróticas, assim como foi encontrado no elemento obsceno um efeito que possibilitou a saída daqueles embates, é preciso chegar mais perto de algumas das características dos vídeos que circulam atualmente na internet.

Muita coisa mudou desde a pornochanchada até as gravações atuais, inclusive o nome pelo qual nos referimos a eles: os filmes de outrora são, hoje, vídeos. Pode ser uma alteração sutil, mas aponta para mudanças nas bases estruturais da pornografia tal como ela é representada atualmente. Ela deixou de lado os cânones do cinema convencional que propunham, entre outras coisas, a construção dos personagens com suas histórias ou traços de identidade e as tramas entre eles com cenas que se passavam em diferentes contextos e cenários, elementos que constituíam alguma espessura para o que se passava na tela. Os filmes eram feitos a partir de uma estrutura comum às salas de exibição. O que era

chamado de pornografia se fazia através de um jogo de transições entre cenas de sexo, implícitas ou explícitas, com outras situações: os personagens a caminho do trabalho, dirigindo o carro, ou andando pelas ruas da cidade.

> De fato, nesses relatos, não se trata apenas de representar atividades sexuais: também é necessário dar-lhes limites. A alternância entre sequências pornográficas e sequências de "enchimento" permite reinterpretar indefinidamente a passagem da fronteira entre o universo normal, o da repressão das pulsões sexuais, e os das relações sexuais sem restrições. O leitor é um pouco como a criança de que Freud fala em "Além do princípio do prazer": para conjurar a ausência de sua mãe, ele joga o pião e o puxa de volta pelo cordão, transformando, graças à brincadeira, o evento sofrido em evento controlado. Do mesmo modo, o leitor entra nas passagens não pornográficas, maneja para afastar a realização de seu prazer, que ele sabe com certeza que há de voltar algumas páginas adiante. Ao se afastar momentaneamente das cenas, ele mantém o controle, vive a frustração à maneira de simulacro. (Maingueneau, 2010, p. 60)

Mesmo que Maingueneau tenha escrito suas considerações acerca da literatura pornográfica, a dinâmica que ele propõe é a mesma dos filmes da pornochanchada, por exemplo. Até com "Coisas eróticas", de 1981, o primeiro filme de sexo explícito brasileiro, haviam esses "enchimentos". Mas essa característica é algo que não se encontra com facilidade nos vídeos atuais, já que eles, muito mais curtos, buscam fazer um recorte exclusivamente dos atos sexuais e com *closes* nos genitais, principalmente nas gravações caseiras. Desta maneira, não é como se o elemento obsceno fizesse esse movimento de presença e ausência em momentos alternados dos filmes, ao contrário, os vídeos costumam ser inteiramente obscenos, não há pausa. Desdobrando o pensamento de Maingueneau (2010), é como se não fosse conjurada a ausência da mãe, com as frustrações e os limites.

Além das características das imagens e de suas montagens, os títulos dos vídeos também tendem a ser mais obscenos do que eram na pornochanchada. Um rápido acesso ao site Xvideos (www.xvideos.com), já traz algum panorama do clima que se constitui lá dentro. Destaco alguns dos títulos para demarcar a questão dos aparentes atritos com os tabus: "A novinha gestante vai encarar o negão no meio do trânsito", "Transei com meu sobrinho Ninfeto enquanto minha irmã foi trabalhar", "Sexo por Dinheiro em PÚBLICO Para Adolescente Gostosa Latina 18 anos. Peitos Grandes em Lugar Público.", "Enteado ajuda a madrasta com ioga e estica a buceta"… Os nomes são os mais diversos e alguns deles utilizam-se de um tom mais jocoso enquanto outros tendem a algo mais sugestivo ou mesmo apelativo. As

referências às figuras familiares são muito comuns nesses títulos, assim como a realização dessas experiências sexuais em ambientes públicos. Esses títulos estavam logo na primeira página quando acessei o site, ou seja, eram as últimas publicações.

Em um primeiro olhar, os sites mostram uma tentativa de estabelecer um tom de transgressão dos tabus que organizam nossa cultura e tal movimento de ruptura se dá através de suas imagens explícitas ou dos títulos que cada vídeo recebe. Ou seja, diz do pornô enquanto um dispositivo que favoreceria, através da insubordinação aos padrões morais, a possibilidade de um prazer puro e irrestrito.

Esse traço também se faz presente aqui, com P., mas talvez não esteja nele a principal linha de força das nossas conversas. Como já foi destacado em momentos anteriores, o ponto principal estaria na articulação entre o rasgo e a harmonização, entre os movimentos de ruptura e conservação ou, em outras palavras, na dupla relação com a norma: identificação e negação.

Entretanto, é preciso lembrar, como destaca Vladmir Safatle (2008), que a dinâmica que estrutura os nossos processos de subjetivação sofreu profundas transformações no que toca, entre outras coisas, a sexualidade, a lida com o prazer e as renúncias e, para isso, o autor salienta a mudança na função do superego. Partindo de Lacan, o filósofo propõe que atualmente tal instância psíquica não seria mais constituída como fora em Freud, onde “A tensão entre as expectativas da consciência [moral] e as realizações do Eu é percebida como *sentimento de culpa*.” (Freud, 1923/2011, p. 46). Na impossibilidade de identificar-se à figura paterna, tendo em vista seu declínio em nossa cultura, um espaço permaneceria aberto para o “advento de figuras fantasmáticas de autoridade que se assemelhavam ao pai primevo do mito freudiano do *Totem e tabu*, ou seja, ao *pai-senhor do gozo*” (Safatle, 2008, p.130)

> Fundamentalmente, significa dizer que a identificação do sujeito com tais tipos será introjetada através de um supereu não mais vinculado à repressão, mas ao imperativo do gozo. Daí Lacan poder afirmar que “o supereu se origina desse pai original mais do que mítico, desse apelo como tal ao gozo puro, ou seja, apelo também a não castração: Goze!”. Os processos de socialização tendem assim a não estar mais vinculados ao mecanismo de repressão, mas a mecanismos que cobram um modo muito peculiar de gratificação irrestrita. (Safatle, 2008, p.131)

Porém, a saída do campo da repressão e culpabilização em direção ao imperativo do gozo não fez com que a pressão superegoica diminuísse e, tampouco, com que os severos ataques ao Eu deixassem de acontecer. O superego passa a operar enquanto uma lei insensata, ou seja, “não tem nenhum conteúdo normativo, ele nada diz sobre *como* gozar ou *qual é o objeto* adequado ao gozo” (Satafle, 2008, p.131). A crítica passa a exercer sua função através das frequentes autoacusações de incapacidade, impotência, insuficiência… de maneira a noticiar a presença de uma fantasia que aponta a forma própria de viver como não sendo capaz de possibilitar a esse sujeito a experiência do Um. Como a busca por esse gozo puro está condenada ao fracasso e à frustração, o sujeito se encontra condenado à errância, ao consumo e à destruição incessante de objetos. A infinidade de vídeos de curta duração que podemos encontrar nos sites pornô, assim como seu pouco prazo de validade, pode fortalecer a aplicabilidade dessa perspectiva.

> Mas acho que o próprio fato de eu não, sei lá, acessar isso, sabe, descobrir que “ah eu quero isso, eu gosto disso”. Eu tenho questões assim, mais básicas, por exemplo o fato de eu assumir para mim, foi difícil eu assumir o fato de que eu, de uma das coisas que eu prezo em um emprego no futuro, de um salário, é justamente um pouco de segurança, sabe?! Eu sempre me achei muito menos que muitas pessoas aí que são super aventureiras, talvez eu já tenha comentado isso aqui. Mas essa questão de tipo, “ah botar a cara no mundo, viajar ou ir, sei lá, para o Nordeste ver o que dá”. Isso não cabe muito a mim e eu me achava menos por isso, sabe, “puta, sou aquela pessoinha chata e cinza que ah, quer arranjar emprego para ter uma segurança, salário fixo e…” Agora que eu estou entendendo que tipo “meu, mesmo, se eu realmente quiser isso, se eu prezar realmente por essa segurança, está tudo bem”, sabe?! Eu descubro coisas dentro disso também e tal. Mas foi todo um processo, porque eu achava que eu era super chato, parece ser uma pessoa chata, sabe. E até numa questão, assim, em relação a outras pessoas e uma coisa assim, muitas pessoas aqui da faculdade, colegas e tal, que são muito diferentes de mim e eu nunca aceitei muito o meu jeito, sabe, no geral, desde sempre. A questão de eu não aceitar o meu jeito, no geral. (Informação verbal)

Na busca por fazer uma genealogia da transgressão, o psicanalista Joel Birman (2008) propõe uma nova leitura ao termo que não aquele que, na linguagem comum, diz do reconhecimento, por parte do sujeito, das leis que cerceiam a sociabilidade e de seu consequente posicionamento de desprezo frente a elas, ou seja, a decidida desobediência de uma lei percebida por esse sujeito enquanto um imperativo que regula as modalidades de relação de uma determinada cultura. Para o psicanalista, tal noção de transgressão se entrelaçaria ao campo da moral para demarcar as infrações e violações do sujeito que caminharia na contramão de uma

ética, concedendo, assim, coordenadas do território do mal. Entretanto, afirma que tal campo semântico acaba por desconsiderar a real problemática da transgressão.

Amparado em Michel Foucault, especificamente em seu “Prefácio à transgressão”, Birman (2008) não se desloca exatamente do campo da descontinuidade provocada pela transgressão, mas a reposiciona em um contexto histórico específico onde uma ruptura radical se instalou: final do século XVIII, com a morte de Deus.

> Assim, retomando o filosofema de Nietzsche sobre a morte de Deus, Foucault procurou demonstrar como a queda da lei simbólica nos deixou em face de um vazio fundamental, perante o qual nós deveríamos agora escolher permanentemente a direção de nossas ações no mundo. Não existiria mais, desde então, nenhuma possibilidade para o sujeito de estabelecer um limite absoluto e uma fronteira segura para si, qualquer que fosse ela. Portanto, o mundo estaria então totalmente aberto para nós decidir o que fazer e como fazer, porque não existiria mais qualquer lei transcendente para nos regular, de maneira absoluta… nós estaríamos desde então destinados a transgredir, sem existir qualquer interrupção quanto a isso. Essa ausência de limite ao nosso querer nos impeliria para múltiplas direções ao mesmo tempo, numa voragem inebriante de expansão, que seria o correlato e o contraponto ao vazio e o abismo fundamentais que teriam se aberto diante de nós. (Birman, 2008, p.87)

Ainda com Foucault, o psicanalista afirma que foi na busca por contrapor a ausência de um saber soberano, o estabelecimento das normas sociais direcionadas à população, através de dispositivos disciplinares amparados na biopolitica. Neste contexto histórico, as ciências humanas tiveram papel fundamental, tendo em vista a necessidade de estabelecer uma frequente regulação do “corpo e do espírito” a partir da criação das categorias do normal, anormal e patológico.

Os dois autores, Safatle e Birman, cada um à sua maneira, procuram contornar a atual fragilidade das relações tanto com a lei quanto com os objetos, trazendo à tona um incessante movimento de expansão e consumo que carregam como traço característico a destrutividade. Entretanto, uma das singularidades que está contida na proposta do filósofo é que o capitalismo passou a se adaptar à tal condição e encontra, hoje, formas de alimentar-se dela através de uma “ironização absoluta dos modos de vida”, ou seja, criando dispositivos disciplinares com base na paródia que absorvem, ao mesmo tempo, o código e sua negação. É a partir desta chave que poderemos compreender uma modalidade específica de articulação entre dois traços aparentemente opostos da pornografia: o transgressor e o normativo.

Não estaríamos mais, diz Safatle (2008), na era da “administração do gozo” onde os dispositivos trabalhariam para elaborar modelos estáveis e coesos que serviriam aos sujeitos como ideais para a identificação e norteamento da própria vida. Tanto com a fragilização das relações quanto com a atual crise de legitimidade, as “identidades fixas e determinadas” que exigiriam dos sujeitos um engajamento, abririam espaço para as “identificações irônicas” na, agora, “sociedade da insatisfação administrada”. Para tanto, é preciso destacar um movimento paradoxal, de dupla função, que encontra na norma a própria transgressão, tendo em vista o imperativo ao gozo e a incitação à não identificação com modelos estáticos.

Para testar essa hipótese, voltemos aos vídeos que P. destacou. O tom de paródia poderia ser facilmente encontrado naqueles que figuram homens supostamente heterossexuais transando com outros homens (*straight goes gay*), ou seja, neles, podemos perceber a presença de um elemento que desarticula o padrão normativo da heterossexualidade, que opera uma quebra de certezas, que duvida de uma instituição rígida que, em última instância, regula a base de nossa organização social. O mesmo poderia ser encontrado naqueles outros vídeos onde o sexo é praticado em espaços públicos e, em geral, como pessoas desconhecidas, sem que houvesse, ali, vínculo afetivo ou amoroso. Essas transgressões, até aqui, não seriam novidades, tendo em vista que todas as interdições organizam e suportam seu ultrapassamento. Mas a questão está na maneira pela qual tal transgressão é realizada e em qual seria a sua função.

Nesses vídeos existe uma quebra de continuidade, uma ruptura, mas não seria ela uma ruptura aparente, superficial e fetichizada, que sustenta, de fundo, a mesma dinâmica daquilo que se quer superado? Essa ironização da norma realizada por um artifício cultural fortemente absorvido pelo capitalismo que passa, como vimos com P., a ser utilizado também como produtor de normas, poderia ter outra função que não a manutenção das mesmas dinâmicas de relações que o alimenta?

O pornô atual, a partir da chave que estamos, parece ser um representante por excelência daquilo que Safatle (2008) chamou de “relação cínica com critérios normativos”:

> Ao lado da ansiedade e da depressão, devemos pensar principalmente no cinismo como sintoma de “um mundo sem culpa”. Pois “cinismo” é o nome correto dessa posição subjetiva que é capaz de sustentar identificações socialmente disponibilizadas, ao mesmo tempo em que ironiza toda e qualquer determinidade (por reconhecer seu caráter descartável). Ela nega reflexivamente aquilo ao qual se vincula, criando assim um universo social “carnavalesco” de *aparências reflexivas*, ou seja, *aparências postas como aparências*. (Safatle, 2008, p.138)

O interessante é que o caminho aberto pelo questionamento acerca do lugar que a pornografia pode ocupar em nossa cultura também lança alguma luz em acontecimentos relativos a outras áreas.

Atualmente, no Brasil, podemos perceber movimentos de roupagem transgressora, mas que exercem a função de dissolução dos sentidos rumo à anomia. Podemos encontrar um exemplo disso com a chegada da COVID-19. Quem está inserido no trabalho das ciências humanas também está, infelizmente, acostumado a ouvir discursos que negam a sua validade e que relegam o seu saber ao campo do relativismo. Não é à toa que o saber produzido pelas ciências biológicas tende a receber mais confiança, entre outras razões, por ter uma base também mais concreta, cuja reprodução dos resultados e as estatísticas funcionam para lhes proporcionar maior confiabilidade. Mas o que vemos, atualmente, é que até mesmo essas ciências estão sendo postas em dúvida. O problema, claro, não é o questionamento, mas a forma pela qual ele acontece. Ao que tudo indica, essa desconfiança não é acompanhada por propostas que visam o avanço das técnicas ou um aprimoramento que permita à ciência pensar novas possibilidades, mas surge, essencialmente, em tentativas de esvaziamento do sentido, na produção de um mundo onde nada é e, portanto, tudo pode ser. Esse fato também se faz perceptível nas proposições que se dizem científicas: a terra plana, o avanço dos *coaches* e, mais recentemente, os diversos recursos para o “tratamento preventivo” da COVID-19, mesmo na contramão de uma infinidade de pesquisas.

2 – A atualização das fantasias

B. é uma garota de 19 anos que pela primeira vez está morando longe de sua família, agora que ingressou na graduação. Me lembro que o primeiro pensamento que tive quando a vi foi justamente sobre sua idade, mais especificamente sobre sua imagem juvenil, aparentando ser mais nova do que realmente é. Sinto que esse meu pensamento fora despertado por algum tom de ingenuidade que ela fazia soar.

> Eu não conhecia meu corpo, convivendo com ele todos os dias, entende?… Eu simplesmente não sabia nada, nada mesmo. Tipo, eu não sabia onde ficava a uretra e eu tinha, sei lá, dezesseis anos e eu nunca tinha parado para pensar 'ah, onde fica cada coisa no corpo'. E eu não sei por que, mas achava que o meu clítoris era a uretra. Sabe umas coisas assim? Ninguém nunca tinha me falado antes. Se não fosse minha curiosidade, eu não iria descobrir… Deve acontecer com muita gente. E não foi nem por mim que eu fui pesquisar, foi pela minha namorada, ou seja, se eu tivesse uma relação com homem, eu pesquisaria sobre o corpo dele e ainda ia continuar com essas dúvidas em relação ao meu corpo. É o que eu imagino, pelo menos. Ou nem ia ter desenvolvido essa dúvida, ia só aceitar as coisas como são. (Informação verbal)

Como em todos os inícios das conversas, pergunto a ela o motivo de ter me procurado. Responde que foi por ter se colocado em meu lugar, já que se ela estivesse fazendo uma pesquisa, também gostaria que as pessoas participassem. "Foi para ajudar", diz ela. Não fala, nesse primeiro momento, sobre a pornografia, apenas sobre essa certa empatia.

Quando começamos a conversar mais especificamente sobre os vídeos pornográficos, me conta que percebe a existência de um tabu muito forte na sociedade, menor nela mesma, para falar mais detalhadamente sobre isso, mesmo acreditando que todas as pessoas assistam, mas que sintam vergonha de admitir, o que se configuraria como um contrassenso. Sua visão sobre essas barreiras sofre alguma mudança quando ela sai da casa dos pais e chega em uma cidade onde não conhece ninguém e assim sente que é possível "recomeçar". Logo de início ela faz essa separação de dois mundos bem distintos, dentro e fora da universidade, sendo que a separação se dá, em grande parte, pela intensidade de atuação dos tabus, dos padrões (heteronormativo, de comportamento…), ou seja, das construções que, em seu entendimento, privam a liberdade de expressar-se de maneira mais autêntica.

Mas também reconhece que essa autenticidade não é algo fácil de se conquistar durante a vida. Quando pensa em suas experiências, localiza a chegada

da adolescência como o momento onde esses conflitos ganharam maiores intensidades, já que foi a época em que ela começou a mostrar mais a sua personalidade e seus pais começaram a se “desiludir” (sic). Entende que parte importante dessa desilusão foi em relação à homossexualidade pouco aceita, principalmente por sua mãe, que começou a fazer de sua vida um “inferno” (sic). Neste momento, por conta da difícil convivência com os pais, sai de casa para passar um período com sua avó. Quando volta, tempos depois, com o clima um pouco mais ameno, conta que sua mãe lhe impõe um combinado: “faça o que quiser, mas não me fale e não me deixe ver”.

Diz que o uso que faz da pornografia está muito associado a uma substituição do sexo, ou seja, imagina que se a namorada estivesse por perto, não sentiria vontade de se masturbar, pois teria como viver sua excitação transando. Se é possível fazer na vida, não teria motivos para assistir o pornô e masturbar-se. Gosta de ver os vídeos caseiros, gravados fora dos estúdios e por pessoas que não são atores e atrizes profissionais e isso se justifica pelo tom de naturalidade que aquelas modalidades trazem, por aproximar mais a vida do espectador com a das pessoas que estão na tela. Todo o repertório, roteiro, com histórias, diálogos, cenas, músicas, tudo isso só faz com que aquilo se torne falso e forçado: “quando é muito pensado eu não gosto” (SIC). Outra categoria de vídeos que ela destaca é a homossexual entre homens e os motivos são muito parecidos: as mulheres, em geral, encenam para agradar aos homens, são feitas para eles, e isso tira delas toda a naturalidade, acontecendo tanto nas gravações hétero quanto nas homossexuais. Já os homens, não. Eles conseguem se manter reais, pois as pressões sociais são menores quando comparados com as mulheres.

Mesmo ela dizendo que não sentia vergonha de estar ali conversando comigo sobre esses pontos de sua vida, e até reconhecer que estava bem à vontade, não era isso o que eu conseguia perceber nela. Nos três encontros com B., em nenhum momento foi possível manter uma conversa fluida, ao contrário, eram cheias de silêncios, mas não silêncios reflexivos, imaginativos, mas como vácuos que pareciam indicar que não havia nada além do que estávamos conversando, como se chegássemos sempre em becos sem saída. Suas falas, em geral, eram curtas e objetivas e isso mobilizou, em mim, certo cansaço durante os três encontros, pois sentia que ficava apenas comigo a função de fazer com que a conversa caminhasse e, assim, percebo que eu tentava encontrar algum ponto onde B. conseguisse

engrenar, associar mais sozinha, por onde ela tivesse vontade. Mas isso não aconteceu. A impressão que eu tinha era que ela ficava, normalmente, em um nível epidérmico, no limite de si mesma, sem poder ir para um lugar onde eu não estivesse junto e colocava-se à espera do que eu diria, pronta para responder, para reagir. Em outras palavras, não percebi que ela tenha conseguido fazer uma apropriação daquele espaço para que também fosse possível conversar sobre o que ela sentisse vontade.

Essa posição parece se aproximar do que ela conta acerca de suas preferências em relação ao pornô, ou seja, além dos vídeos caseiros e homossexuais masculinos, diz que não costuma assistir aos vídeos que encenam práticas das quais ela gostaria de experimentar, mas que, ao ocupar o lugar de espectadora, sente prazer em apenas ver. O *swing* é um exemplo disso: gosta de assistir, mas sabendo da forma como lida com a intimidade, percebe uma insuperável incompatibilidade para a sua participação.

Quando está com outras pessoas, mesmo com quem mantém alguma intimidade, como sua namorada, diz que a composição ainda é difícil e que não consegue compartilhar os espaços, tendendo a se fazer recuar. Geralmente não conversa sobre o que sente porque entende que isso não resolveria seus problemas, destacando que as pessoas até poderiam mostrar alguma empatia, ouvi-la, mas seguiriam suas vidas, deixando-a com seus problemas da mesma forma.

Por fim, destacam-se três elementos centrais em nossas conversas: 1) a pornografia servindo como um espelho para constituir um saber sobre o próprio corpo. 2) os tabus que ela percebe atuantes em nossa cultura, responsáveis, segundo ela, por impedir uma experiência mais natural da própria sexualidade, pinçando a mulher enquanto representante dessa dinâmica que não apenas retira seu direito à espontaneidade, mas também faz com que elas fiquem voltadas a agradar os homens. Em resposta à imposição desses tabus, dispositivos como a pornografia permitiriam a criação um “estado de exceção”, onde seria possível o encontro com uma sexualidade mais natural. 3) nesse mesmo campo, na busca pela naturalidade, outro ponto é a preferência por vídeos caseiros que encenam o sexo com o mínimo de recursos simbólicos, conferindo a tais produções efeitos de realidade, semelhantes ao ato de espionar o outro.

2.1 – Um espelho espetacular

Para desenvolver os pontos levantados anteriormente será preciso questionar o conceito de “tabu” utilizado por B., assim como o ideal de uma sexualidade natural que seria alcançada soltando-se das imposições morais. Mas, antes, qual seria a modalidade do saber sobre o próprio corpo que a pornografia online poderia proporcionar a seus espectadores?

Ao falar sobre isso, B. deixa claro um duplo espelhamento: os corpos na tela e o de sua namorada. Os primeiros contribuíram para que ela soubesse do corpo de sua parceira e, por desdobramento, tendo em vista a semelhança biológica, chegaria a sua vez. Sem eles, diz ela, continuaria a confundir a localização de sua uretra com a de seu clitóris. Ou mais, talvez não teria desenvolvido nenhuma dúvida sobre seu corpo e permaneceria sem conhecê-lo, mesmo “convivendo com ele todos os dias” (sic). Uma convivência sem intimidade, portanto. Uma convivência distante, superficial, o próprio corpo como um “ele”, como algo que se convive com, diferente do “eu”. O saber viria, assim, através do outro, atravessando-o. Não parece, ao que tudo indica, um saber que se fundaria nas sensações que os próprios toques poderiam mobilizar e tampouco na significação de tais efeitos, ou seja, na apreensão simbólica do próprio corpo, mas na primazia da visão que estabeleceria seu mapeamento com as coordenadas de sua superfície fragmentada.

> Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico. O espetáculo, como tendência a *fazer ver* (por diferentes mediações especializadas) o mundo que já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como o sentido privilegiado da pessoa humana – o que em outras épocas fora o tato; o sentido mais abstrato, e mais sujeito à manifestação, corresponde à abstração generalizada da sociedade atual. (Debord, 1997, p.18)

A pornografia entraria, nesse sentido, na chave das produções de uma sociedade que se articula com a mediação dos espetáculos e, portanto, encontraria sua função tanto na incitação ao desejo quanto na positivação de tudo o que o cerca, inclusive nos caminhos que o sujeito contemporâneo precisaria percorrer para encontrar sua satisfação. Essas imagens não soariam ao sujeito enquanto imposição moral ou formação de tabu, mas conservariam seu aparente tom de parceria com o espectador, ajudando-o a desbravar os terrenos que ele acredita não

conseguir sozinho e, ainda, sugerindo as melhores rotas a seguir com o mínimo de dispêndio.

Tudo se passa *como se* o sujeito estivesse no comando, mas alienação e a passividade seriam marcas elementares, na concepção debordiana, de um sujeito submetido ao imperativo do consumo de imagens. É preciso lembrar que essa noção de consumo, tal como pontua Maria Rita Kehl (BUCCI e KEHL, 2004), está associada ao movimento de introjeção da imagem espetacular com a formação de identificações entre o espectador e o espetáculo. O saber sobre o corpo relatado por B. se desdobra em um *saber de si*. Ao que tudo indica, estamos diante da linha de produção das subjetividades.

Buscando articular Adorno e Debord, a psicanalista tece importantes comentários acerca das subjetividades reificadas e produzidas em série a partir do uso de dispositivos midiáticos, como a televisão. Para a autora, as transformações ocorridas nos limites entre os campos público e privado, exercem indispensável função na manutenção do sentimento de desamparo, tão presente no sujeito contemporâneo.

Para que essa condição se faça possível, é preciso um insistente e sutil movimento cultural, obedecendo aos interesses do capitalismo, que encontre no indivíduo o lugar das realizações sociais, ou seja, é necessária a privatização do sujeito, isolando-o cada vez mais e, assim, desenraizando-o de sua comunidade. Sem poder contar com o saber transgeracional, já que desprovido de história e em constante luta para permanecer vivo socialmente, longe da marginalização, esse sujeito dependeria cada vez mais do espetáculo como modelo para a subjetivação.

O *saber de si* estaria intimamente relacionado ao *estar de acordo* com a moda "sugerida" pelas imagens produzidas pela cultura. A palavra "sugestão" aponta uma mudança: com o avanço do capitalismo no decorrer do século XX, principalmente no período pós-guerra, a relação do sujeito com o trabalho sofreu grandes transformações. As sociedades que se pautavam essencialmente na produção e que, para tanto, compreendiam a massa enquanto força de trabalho e como mão de obra a ser explorada, impunham modos ideais de vida baseados não apenas no esforço e na dedicação, mas também na privação e no adiamento das gratificações.

Neste contexto, os desejos e os prazeres atrapalhariam a produção e para que isso não acontecesse, rígidos e coercitivos costumes delimitavam suas possibilidades. Mas essa modalidade de relação sofre alterações quando o capital

também passa a se interessar pela face de consumidor desse sujeito e, desta forma, encontra uma nova maneira de expropriá-lo (BUCCI e KEHL, 2004).

O ideal da renúncia pulsional recua alguns passos e passa a exercer, sobre o sujeito, a pressão por uma outra via, a do “direito ao prazer”. Assim, no imperativo do gozo, a “sugestão” passa a ser exercida em dois sentidos: sugestionando, de maneira mais ou menos subliminar, um sujeito mais ou menos conivente, ou seja, seduzindo seu desejo para os caminhos que interessam ao capital; o tom irônico da palavra *sugestão* entre aspas, denuncia a falsidade do clima diplomático que as imposições da sociedade do espetáculo prezam por afirmar.

É através dessa suposta diplomacia que o capital pretende a formação de um “pacto social”, ou seja, que os dois lados saiam ganhando: “trabalhe, produza, dedique tempo e força para o labor, mas se divirta mais, faça novas viagens, compre e troque suas roupas, carros e aparelhos eletrônicos, assista a mais um vídeo!”.

A pornografia frequentemente recebe, dentro das pesquisas acadêmicas, esse lugar de falso aliado de seus espectadores:

> Como visto, a sexualidade e a pornografia podem ser analisadas a partir das características da técnica apontadas por Jacques Ellul. A pornografia, em nossa sociedade, é um elemento de alienação a serviço da técnica, ao exigir novos tipos de mídias e rapidamente se aproveitar de todo tipo de veículo que surge para chegar cada vez mais ao alcance da população, produzindo e reproduzindo os efeitos desejados pela técnica. Na sociedade técnica, o sexo se transformou em um produto industrial alienante e o mercado, de olho nesse lucrativo nicho, contribuiu para a disseminação e utilização da pornografia como instrumento de alienação. (Garcia, 2015, p. 251-252)

Em um outro artigo, publicado em 2018, amparadas em Adorno, Flávia Lages de Castro e Juliana Crespo trazem para a discussão o campo da sexualidade e as disputas de poder que acontecem dentro dele. Colocam o pornô, entre outras possibilidades de lugar, como uma das produções que compõe o mercado da Indústria Cultural.

> A pornografia mainstream reforça não somente as ideias que normatizam o mundo moderno, seja pela relação de poder e por pura estética, como também pelo fato que independente do seu modelo de disseminação, seja ele: audiovisual, fonográfico, fotográfico ou performático, surge para tornar a experiência sexual em algo rentável e consumido como um produto de lazer que tem a excitação como único fim em si mesma. (Castro & Crespo, 2018, p. 100)

Essas duas pesquisas trazem elementos dos quais Maria Rita Kehl (BUCCI e KEHL, 2004) também se apropria para trabalhar a função de dessubjetivação exercida pelas imagens espetaculares: a reprodução de efeitos e o lazer.

Segundo a psicanalista, as imagens em nossa cultura não se desenvolveram apenas horizontalmente, ou seja, não apenas chegam em espaços em que outrora não alcançavam, mas passaram a exercer sua função de maneira cada vez mais vertical, tocando inevitavelmente a intimidade dos sujeitos. Mas como o seu objetivo é o de capturar o desejo em vez de operar de maneira repressiva, essa avalanche de imagens retira seu espectador de um lugar onde o pensar se torna necessário.

É o contínuo aperfeiçoamento da alienação que produz o decréscimo nas funções do psiquismo e, assim, “os sujeitos já não se apoiam sobre suas faculdades de julgamento (pensamento), resolução (agir conforme o desejo) e senso moral (suportar a castração)” (Bucci e Kehl, 2004, p.52). Kehl empresta de Adorno uma expressão que parece resumir muito bem essa condição: o objetivo é *desacostumá-lo da subjetividade.*

Cada vez mais positivas, essas imagens permitiriam ao espectador entrar em contato com indicações mais claras, que supostamente responderiam ao enigma do desejo do Outro, além de proporcionar a eles “um espelho espetacular de sua vida empobrecida”.

> A televisão, a publicidade e outros produtos da cultura industrializada dispensam os sujeitos de pensar, pelo menos enquanto eles ocupam a condição de espectadores. O binômio diversão/distração é realização de um modo de ocupação do tempo livre que, sendo a continuidade lógica do tempo de trabalho alienado, não solicita o trabalho do pensamento. (Bucci e Kehl, 2004, p. 57)

Contornando o mesmo ponto, mas através de outros caminhos, Joel Birman (2012b) elege os registros do tempo e do espaço como essenciais para os processos de subjetivação e, portanto, encontra em seus cruzamentos reflexos na estrutura e na dinâmica das subjetividades contemporâneas. As condições da cultura do espetáculo, expostas neste capítulo, foram pensadas por ele enquanto resultado da fragilização da temporalidade, registro que viria depois da espacialização, através da mediação da imago paterna. Assim, na geometrização da experiência, o sujeito tenderia a se restringir às coordenadas do espaço, concebendo apenas noções do aqui e agora e recorrendo ao corpo e ao mundo como lugares de descarga das próprias intensidades. O psicanalista abre dois

caminhos pelos quais essas intensidades poderiam percorrer no registro espacial do corpo: a encenação e a somatização. Por enquanto não caberia, aqui, desenvolver detalhes sobre esses dois destinos da pulsão, mas destacar o papel fundamental do corpo e da imagem corporal na reificação da subjetividade.

O que para Kehl (2004) seria o *não pensar*, para Birman (2012b) estaria associado a um movimento de recusa frente a possibilidade de invenção da própria história. Fato, este, que permitiria ao sujeito não se inscrever enquanto tal, ou seja, garantiria sua permanência no lugar de servidão, sem se responsabilizar pelas vicissitudes de sua vida.

Se na sociedade do espetáculo o reconhecimento social se funda essencialmente a partir da visibilidade, ou seja, se, como diz Debord (1997), o que é bom aparece e só aparece o que é bom, o corpo passa a se constituir enquanto lugar fundamental para operar como figura metonímica do sujeito. No terceiro capítulo serão discutidas as funções do fetiche e as modalidades de relação que se estabelecem a partir dele, como, por exemplo, a subjetividade sem história e sem outro. Mas esse ponto já se faz presente na discussão sobre a modalidade de saber que B. poderia ter encontrado com os vídeos pornô.

> O corpo-destino, o corpo-obra do sujeito contemporâneo, revela um deslocamento significativo do eixo da subjetividade na sociedade atual. Totalmente privatizado em seus fundamentos (o corpo seria a última e mais preciosa “propriedade privada” dos membros das culturas de massas), o homem-corpo contemporâneo parece estar construindo uma experiência de si alheia ao que se considerou, na modernidade, como o domínio subjetivo do *eu.* É como se, ao sujeito introspectivo, conflituado e autovigilante da psicanálise, se sucedesse um sujeito liberto das vicissitudes de qualquer subjetividade. (Bucci e Kehl, 2004, p. 176)

Mas se não estamos mais diante desse sujeito “introspectivo, conflituado e autovigilante”, como poderíamos compreender a questão dos tabus e o encontro, na pornografia, de um “prazer mais natural”, conforme diz B.?

2.2 – Da imoralidade à fusão

É preciso lembrar que uma das linhas de força que se destacaram em nossas conversas foi a oposição de dois mundos, ou seja, onde os tabus operam e onde é possível experimentar sua suspensão. Essa naturalidade é encontrada através de um caminho que B. especifica: não se trata apenas de assistir aos vídeos pornô,

mas àqueles que são gravados de forma amadora e que encenam homens homossexuais. Os tabus, elementos responsáveis por impedir a livre fruição dos desejos e, portanto, os que conduzem o sujeito à perda da naturalidade, são destacados por ela agindo com maior intensidade nas mulheres, nos vídeos profissionais e no contexto social fora do campus universitário.

Assim, é possível questionar, a partir do que já foi exposto até agora, os lugares que os espectadores da pornografia online poderiam ocupar. Essa questão abre a necessidade de investigar como as pesquisas em psicanálise estão trabalhando com nossa temática e quais são os elementos e dinâmicas mais presentes nesse contexto.

Amparados em autores que se dedicam a discutir o campo da virtualidade, tais como Pierre Lèvy e André Lemos, Márcio Rimet Nobre e Jacqueline de Oliveira Moreira publicaram, em 2013, um artigo chamado “A fantasia no ciberespaço: a disponibilização de múltiplos roteiros virtuais para a subjetividade”. Como o próprio título já sugere, a proposta central desse texto é localizar a fantasia em seu estatuto de roteiro imaginário, lúdico, fazendo as mediações entre as exigências pulsionais do sujeito e sua realidade material. A fantasia, aqui, seria posta como o ato de fantasiar, de devanear.

Compreendem que os usuários das tecnologias digitais se encontram protegidos para ter algumas experiências nesses ambientes, já que lhes é concedida a possibilidade de entrar em contato com conteúdos próprios sem que haja um julgamento moral. O infinito campo da internet assemelhar-se-ia com um grande oceano, onde seria aberta a possibilidade para o sujeito navegar e conhecer lugares, perspectivas e enredos diferentes dos seus, além de contribuir para a criação desses novos espaços (MOREIRA e NOBRE, 2013).

> Nesse âmbito, a própria ideia de conflito mostra-se esvaziada, pois o sujeito dispõe de uma rede de linguagens e símbolos propensos a facilitar novos encontros para o desejo. Assim, as infinitas práticas e modalidades de uso da internet funcionam como propiciadores de grande prazer para crianças, adolescentes e adultos, por meio de jogos, brincadeiras e lazer em geral, trocas sociais, experiências no campo da sexualidade, encontros afetivos, como ferramenta para comunicação, pesquisa, curiosidade ou mero passatempo. (Moreira e Nobre, 2013, p. 294)

No caminho aberto por Pierre Lèvy ao pensar que o virtual não seria uma oposição ao real, mas ao atual, ou seja, pensar o virtual como aquilo que existe em

potência e, portanto, que pode se atualizar, os autores afirmam que os navegantes das redes digitais encontram nas telas um ambiente simbólico em potencial para atualizar suas fantasias em busca do prazer. Se a fantasia é “parceira e auxiliar” do Eu, constituindo esse outro mundo no qual é possível que o sujeito escape, driblando as próprias defesas, o campo digital seria um *plus* para a qualidade dessa evasão (MOREIRA e NOBRE, 2013).

> Tal como o brincar infantil, os roteiros virtuais aliam o prazer do jogo compartilhado por meio das diversas formas dessa experiência, em que a sexualidade encontra terreno para brotar plenamente, protegidos que estão os internautas pela barreira da tela e do emaranhado tecnológico. (Moreira e Nobre, 2013, p. 297)

Essa perspectiva se assemelha àque está presente em outro trabalho, também psicanalítico, publicado em 2015 por Alberto Ribeiro Neto e Paulo Roberto Ceccareli. Nesse texto é dito que o processo de civilização, com todas as suas artimanhas para normatizar e controlar a sexualidade dos sujeitos, os obriga, injustamente, a adotar uma mesma conduta sexual. Entretanto, ao passo em que esses movimentos acontecem e criam uma via central pela qual as pulsões serão destinadas, também é constituída uma via periférica, no caso, a pornografia. Portanto, ela seria uma solução em resposta aos efeitos repressores. É de se notar que o lugar reservado ao espectador, principalmente àquele dos vídeos, ou seja, aos sujeitos que podem assisti-los de suas próprias casas, sem que exista a necessidade de alguma exposição em ambientes compartilhados, é o de proteção contra os olhares vindos do meio social.

Ao provocar um “forte estímulo sexual”, o pornô também poderia mobilizar formações reativas, trazendo afetos como a repugnância e o asco, já que ele evocaria fantasias recalcadas. O espectador, portanto, encontraria nos vídeos a possibilidade de investir em um objeto apenas pela via sensual, ou seja, sem que houvesse qualquer ligação de afeto (CECCARELLI e NETO, 2015).

> A pornografia, com suas inovações no modelo virtual, permite que novos roteiros eróticos (devaneios colocados em público) sejam elaborados e reconhecidos por outros usuários como um roteiro representativo de um desejo em comum, abrindo espaço para novas formas de satisfações, fugindo das paradigmáticas formas de representação do prazer, abarcando novos devaneios, gêneros e estilos. (Ceccarelli e Neto, 2015, p. 20)

A interpretação da pornografia na chave “desejo x moral” parece ser muito presente em uma parcela de trabalhos de base psicanalítica. No primeiro capítulo desta dissertação foi citado um artigo escrito a partir da revista G-Magazine, onde o autor propõe que seria através do uso da pornografia que o “sujeito castrado poderá manifestar prazeres a ele barrados” (Rodrigues, 2016, p. 129).

Em resumo, o que temos com as pesquisas que se orientam de tal forma é que os sujeitos, quando afetados pelas construções sociais, que lhes impõe as regras do que pode ou não pode ser experimentado, regras estas que ganhariam nitidez nas oposições entre o bom e o ruim, o bonito e o feio ou o certo e o errado, encontrariam no contato com a pornografia um outro mundo no qual, escondidos dos olhares avaliativos, poderiam dar espaço a esses desejos tidos enquanto indecorosos. O campo das fantasias seria também o da intimidade, o do mundo interno, o qual tentaria dar conta dos conflitos entre a percepção de um desejo que não poderia ser posto diretamente nas relações interpessoais desse sujeito, mas que o pressiona por dentro para encontrar vazão. A solução para esses conflitos estaria na masturbação, destacando a importância da fantasia que acompanha ou representa esse ato, já que ao alucinar o objeto desejado, mas impossível de ser alcançado, esse sujeito poderia encontrar algum destino para suas pulsões. Os vídeos seriam uma espécie de extensão das fantasias, sendo eles imagens que simulam o que o sujeito gostaria de fazer, mas por medo dos julgamentos, não o faz.

Portanto, se há pouco o lugar do espectador estava marcado por sua passividade, agora ele é pensado a partir de uma *atividade segura* porque permitiria ao sujeito a experiência de seus desejos de maneira *semelhante* ao do ato imaginativo, ou seja, permaneceria fora do alcance dos outros e sem ter consequências diretas em sua “vida real” e, assim, suas vivências não transformariam o mundo externo.

Como esses dois espectadores se aproximariam? Se no primeiro as encantadoras produções do espetáculo teriam, entre outras funções, a de dispensar o trabalho de pensamento de um sujeito servil que, assim, poderia fazer a manutenção de sua dissolução na massa, no segundo, o contato com os vídeos seria capaz de operar a suspensão dos tabus para a experiência dos desejos, sem culpa.

Nos dois casos, há busca por evitar a castração, mas, ao que tudo indica, em momentos diferentes do desenvolvimento: enquanto o primeiro, mais comum nas

leituras psicanalíticas que se dedicam a pensar o sujeito contemporâneo, lidaria com questões narcísicas e se subjetivaria pelo imperativo do gozo, o segundo estaria muito próximo ao modelo freudiano de subjetividade, encontrando-se na repetição edípica com a centralização do sentimento de culpa.

Mas qual a noção de fantasia que está sendo usada nos textos que pensam o espectador culpado? Como ele encontra essa satisfação? Nos enredos dos vídeos que retratam as performances que ele gostaria de viver ou na cena que se monta entre ele e a tela?

> Roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente.
> A fantasia apresenta-se sob diversas modalidades: fantasias conscientes ou sonhos diurnos; fantasias inconscientes como as que a análise revela, como estruturas subjacentes a um conteúdo manifesto; fantasias originárias. (Laplanche, 2001, p.169)

Ao que tudo indica, o termo *fantasia* é utilizado nas pesquisas de maneira semelhante ao que comumente chamamos de *fantasias sexuais*, ou seja, modalidades, performances, atuações, dinâmicas de práticas do sexo. Fantasias que são disponibilizadas dentro dos sites a partir de suas *categorias*. Partem de um princípio parecido com o exemplo dado por Freud (1905/1996) em relação ao chuchar, mas em vez de a ausência da mãe ser o motivo principal para a impossibilidade de satisfação, no caso do bebê que sente fome, a moral entraria como fator de interdição: alucinar o seio seria um afago, diminuiria a tensão interna.

Aproximar-se-iam, portanto, de roteiros imaginários, mas sem o uso efetivo da imaginação por parte do sujeito, já que os vídeos conservariam tal função. A utilização de expressões como “sujeito castrado”, “inibido pela moral” ou mesmo sobre uma sexualidade que poderia “brotar plenamente”, argumentam a favor desta hipótese. O uso da pornografia com o intuito de escapar das imposições morais seria, nesse sentido, como uma transgressão organizada (ABREU, 1996).

Entretanto, B. diverge daquela proposta ao negar a relação direta entre o que assiste e o que sente vontade de fazer. É, sim, uma maneira de dar conta de seus desejos quando a namorada não está por perto, ou seja, a masturbação genital funcionaria à moda do chuchar, mas não parece existir o desagrado pelo sentimento de culpa. Em nossas conversas, como dito anteriormente, percebia B. pouco imaginativa, voltada a mim à espera do que eu poderia perguntar, ou seja,

aguardando um caminho de minha sugestão. Pouco se apropriou daquele espaço. Se o tom da conversa puder ser utilizado enquanto um elemento para também pensar o lugar do espectador, estaríamos mais próximos daquele proposto por Maria Rita Kehl (2004).

Mas existe um traço importante no espectador que evita a culpa que poderia ser utilizado também no do espetáculo, que seria a saída da *passividade* para uma *atividade protegida*. A proteção que esse sujeito poderia encontrar não diz respeito aos olhares vindos do mundo externo, da moral social ou mesmo das pessoas à sua volta, já que, assim, tal concepção excluiria a internalização do superego, mas uma alternativa para não criar vínculo com o próprio desejo, ou seja, de não se apropriar das fantasias, de mantê-las fora de si, com o mínimo de compromisso com elas, mas deixando-as acessíveis a qualquer momento. É a lógica do consumo desvinculado. Mas isso se daria através de um movimento ativo por parte do sujeito, ou seja, ele convoca os vídeos pornográficos para ocupar um lugar em seu campo de relações, acreditando, assim, alcançar a ruptura com o determinismo. A fantasia que se atualiza não seria tanto a do enredo dos vídeos, mas a entrega de um papel para o pornô dentro de uma cena externa.

Se, como foi dito no subcapítulo anterior, com Kehl (BUCCI e KEHL, 2004) e Birman (2012b), o sujeito contemporâneo encontra majoritariamente no registro da espacialidade o destino de suas pulsões, também é necessário localizar o espectador de tal forma. Para isso, o conceito de teatro transicional cunhado pela psicanalista Joyce McDougall (2015), ao propor a ideia de ato-sintoma, poderia nos ajudar:

> Nem todos os dramas psíquicos se localizam no teatro interno onde neurose e delírios psicóticos são encenados. Aqui, os produtores tentam externalizar os dramas internos intoleráveis, os quais não desejam reivindicar para elas próprios. Há assim um outro teatro do mundo, sem serem nem uma criação psicótica, nem uma elaboração neurótica, mas tomando emprestado a essas duas categorias maneiras de pensar e de agir. O lugar destinado a receber essa construção psíquica e a natureza dos laços com os personagens que lá se encontram compõe o que proponho chamar de teatro transicional. (McDougall, 2015, p. 49)

Se retomarmos as preferências de B., lembraremos que a busca pelos vídeos tem como principal critério aqueles que tenham sido gravados por homens comuns, em suas próprias casas e com seus próprios celulares. Esse tom de amadorismo contribui para que as arestas sejam aparadas, tornando aquelas cenas mais legítimas e, portanto, permitindo que elas caibam melhor no visual da janela

indiscreta que se abre. Lembrando que a falsidade, pensada por B., remete à necessidade de agradar ao outro, em ser seu objeto de desejo, conduzindo o sujeito a se perder nessa ingrata tentativa. Aos vídeos está incumbida a tarefa de exibir a verdade do desejo.

Mas, neste contexto, quem seria esse outro se não o próprio espectador? Então, seria preciso acreditar que na transa dos vídeos caseiros aquelas pessoas, ao gravarem, estivessem sozinhas, ou seja, que não estivessem concebendo a existência de um terceiro, de um espectador e que apenas assim poderiam conservar sua naturalidade? Seria uma cena que mostraria ao espectador a possibilidade de sobreviver à castração, partindo para os movimentos criativos? Ou a naturalidade seria o tamponamento da falta, a recusa da castração, uma vontade de espiar pelo buraco da fechadura e de se fazer presente na cena primária?

O que não agrada são os vídeos que deixam claro que sabem da existência do espectador e que, desta maneira, o retiram do lado de fora do quarto ou deixam que a porta fique aberta de propósito, no desejo de serem vistos, inserindo o sujeito na trama, mesmo que ele não participe concretamente. Portanto, do lado do espectador, seria um esforço por ver sem ser olhado por aquilo que ele vê.

Não há dúvida que os espectadores reais, aqueles que acessam os sites, saibam disso, ou seja, que em alguma medida saibam da sua suposta presença durante o ato sexual, mesmo antes de realmente assistirem aos vídeos. Mas esse fato precisa perder sua força, é necessário desautorizá-lo enquanto tal, é preciso passar por ele como se ele não existisse.

Nesse sentido, o lugar do espectador que olha através da janela da pornografia diz da colocação em cena do ato incestuoso, mas não apenas na medida da imoralidade como dizem aquelas pesquisas, mas quando o pensamos enquanto enlouquecedor, dessubjetivante, já que diz da busca pela fusão, do retorno para dissolver-se no outro/mãe.

À primeira vista essa dinâmica se assemelharia ao ato masturbatório, ou seja, realizaria “no interior de um jogo erótico, uma relação a dois, na qual a mão desempenha a nível do real o papel de sexo do Outro” (McDougall, 1983, p.59). Entretanto, o detalhe que se destaca está na necessidade de criar um ato-sintoma, um teatro transicional, ou seja, não seria através de uma atividade fantasmática interna que esse sujeito poderia se proporcionar a manutenção de suas demandas pulsionais e narcísicas:

> Quanto à técnica usada para o ato, ela também passível de variações infinitas, a “verdadeira” masturbação se faz com a mão e com nada mais. Contudo, se ocorrer a carência na liberdade de fantasmar (cuja origem poderíamos situar nos primeiros meses de vida) ou uma interdição tal, que o papel favorável das mão torne-se inoperante, a criança será obrigada a inventar outros objetos que possam substituí-la no seu papel de primeiro sucedâneo do Objeto. (McDougall, 1983, p.63)

Nesse teatro, o pornô não é aquele responsável por figurar desejos para um espectador que não os realiza em suas relações pelo temor das críticas e julgamentos, mas comporia, na função de objeto, uma cena edípica controlada e externa, onde ser espectador se equivaleria a ser *quase:* presente e ausente.

Portanto, as fantasias e as condições que se atualizam não precisam ser apenas aquelas sobre as quais paira um tom de imoralidade e restrição opressora dos próprios desejos, não diz apenas do que é feio e errado, mas também pode se referir a outras questões mais primitivas, como a separação da relação simbiótica primária e a formação de um psiquismo próprio.

Abro, aqui, um parêntese para aproximar essa busca pela verdade do desejo, ou seja, por tal tentativa de encontrar o prazer sem falta, totalmente livre dos tabus, à noção de mal-estar trabalhada por Christian Dunker (2015), desdobrando o conceito de Real de Jacques Lacan. Ao discutir a violência no Brasil, o psicanalista ressalta os riscos contidos nas tentativas de encontrar a fonte única do mal-estar que nos acomete, já que a busca por nomear a “causa una” nos conduziria a acreditar que sua destruição resolveria todos os problemas que a vida nos impõe.

Sua localização em um único elemento asseguraria nossas estratégias para mantê-lo sempre distante do contato: “Esse objeto é o que Lacan chamou de *objeto-a,* e sua função é condensar tudo aquilo que é insuportável em nós mesmos” (Dunker, 2015, p. 47). Assim, na busca por paz travamos mais guerras; na tentativa de encontrar liberdade e segurança, aceitamos mais câmeras, vigilâncias, muros e cercas elétricas; em nome da saúde, mais patologias, tratamentos e medicações; em direção à liberdade sexual, mais masturbações solitárias, vídeos e discursos sobre o sexo.

> O pior, na situação brasileira de hoje, é que essa lógica foi levada longe demais. O país se transformou em um loteamento de condomínios, que, com seus muros, síndicos, catracas e crachás, se autossegregou até o ponto em

> que teve início uma guerra entre os espaços “protegidos” intramuros, nos quais uns protegem-se dos outros. (Dunker, 2015, p.47)

Com isso, se aceitarmos a hipótese de que a lógica do condomínio também teria se estendido para o campo da sexualidade, ou seja, que a noção de liberdade e proteção viria partir de maiores restrições do campo e da segregação, o panorama se torna ainda mais negativo.

3 – A fetichização do corpo e alguns desdobramentos

C. é uma moça de 21 anos que chegou ansiosa para a nossa primeira conversa. Veio soltando alguns risos nervosos e falando rapidamente, principalmente quando pedi a ela que se apresentasse, partindo de onde ela tivesse vontade. Apesar desse clima um pouco mais tenso no início, percebi que ela conseguiu ficar mais calma e nossas conversas puderam fluir. Aquele tom de voz marcado pelo nervosismo foi dando espaço, pouco a pouco, para um que trazia um punhado de tristeza por ter sido alvo de maus tratos por seus colegas durante o tempo de escola, quando sofria bullying; dos parceiros com quem já teve relações sexuais, que usavam seu corpo para a satisfação dos próprios prazeres; e de seus pais, figuras repressoras e agressivas.

Diferentemente do que aconteceu com os outros participantes, com C. tive apenas duas conversas, já que nos dias em que faríamos a terceira (dias, no plural, porque remarcamos duas vezes) ela não compareceu, alegando ter se esquecido por conta da correria típica dos finais de ano e dos estudos para as últimas provas.

Diz ter me procurado porque sentiu alguma empatia comigo ao ver o cartaz em algum ponto do campus. Conta que também está fazendo uma pesquisa e, portanto, conhecia a dificuldade que era encontrar pessoas que aceitassem participar desses trabalhos acadêmicos. Assim, resolveu vir me ajudar. Destacou que a diferença entre nós é que “você tinha que fazer as pessoas virem até você, mas no meu caso eu tinha que ir até as pessoas. Então falei assim ‘senti uma empatia aí’” (Informação verbal). Sobre o tema da pesquisa, após eu ter questionado se ele também entraria na composição de suas motivações, diz que tem refletido sobre o universo da pornografia e que gostaria de fazer algumas contribuições, como mulher, acerca de produções feitas para o público masculino e banhada em ideais fálicos e machistas.

Quando começa a dizer o que pensa do pornô, o faz em tom de crítica, apontando para os diversos fatores negativos que esses vídeos carregam e o quanto influenciam seus espectadores, principalmente os homens, a tratarem as mulheres como meros objetos sexuais, sem que se faça necessária qualquer forma de consideração com elas antes, durante ou após o sexo. Também reconhece que ele, o pornô, entra em nossa cultura como mecanismo de imposição e controle dos padrões sociais ao figurar pessoas perfeitas. Assim, todos os que não se

encaixarem nesses modelos, não serão aceitos, sendo relegados às “migalhas” (SIC).

Durante o período enquanto expunha sua perspectiva sobre a pornografia, ela me passava a impressão de que falava de forma a não se reconhecer também como espectadora, já que apenas apontava para todos esses maus efeitos, não demonstrando qualquer tipo de gosto ou interesse pelos vídeos. Me pareceu que estava, de fato, dando sua contribuição para um trabalho científico, mas de fora, como quem falava de algo que não se passava em sua vida. Aponto esse meu pensamento e me responde que tudo o que estava dizendo era com base no seu lugar de quem também assiste, a partir do que já encontrara dentro dos sites, como uma consumidora de pornografia, contrariando o que eu havia entendido.

> Meu lado de mulher, em relação ao pornô? Começa com a genitália, né, da mulher, que eu acho que não é daquele jeito que funciona. Não é… a estética da genitália, né, que tem que ser rosinha, que tem que ser toda depilada, tem que estar com a depilação perfeita e, tipo assim, as pessoas esperam isso de você na vida real. Sendo que elas trabalham com aquilo e devem investir naquilo justamente porque elas trabalham com aquilo. Ai também entra a questão do racismo né, porque tem que ser rosinha, né. Se for um pouco escura, meu deus, é nojento, né. Eu li uma matéria que, tipo, acho que uma boa porcentagem dos homens que tinham nojo em fazer oral em mulher. Tinham nojo da vagina e, tipo, acho que é justamente por conta desse universo pornográfico que traz essa questão estética da genitália feminina, né. Começa aí. Aí tem a questão do homem, né, tipo, a questão da genitália do homem: tudo é muito grande, muito fálico. Tem que ser grande para ser bem estético, né. E na vida real não é assim, sabe, na vida real o grande incomoda. O menor, quanto menor melhor… tamanho médio melhor. Então tem toda essa questão da genitália que incomoda muito: tem que ser tudo branquinho, lisinho e não sei o quê. Isso me incomoda demais. Sem contar a questão da fetichização das pessoas. Da mulher, principalmente e de ter fetichização de tudo, né. Da mulher gorda, da mulher grávida, da mulher negra, da mulher transsexual principalmente, tem *n* fetichizações… da mulher lésbica e eu já passei por isso na vida real. Tipo, um amigo meu que pediu para eu beijar outra pessoa. Toda essa questão do pornô, da fetichização do pornô tá muito presente na realidade, entre os homens. E é basicamente isso, assim. (Informações verbais)

Conta que nunca se sentiu aceita por ser quem é e que as críticas sempre vigoram em sua vida, desde a infância. Seus pais, rígidos, religiosos e repressores, trabalham como professores e durante muito tempo ela estudou nos colégios onde eles lecionavam, o que favorecia o aumento das cobranças por parte deles. Como suas notas normalmente eram baixas, diz que era comum ser comparada com outros alunos cujo desempenho escolar ganhava destaque positivo na escola. Relata ter aprendido com a psicoterapia que com os seus pais é preciso “amar de

longe” (sic) já que todas as aproximações tendem a resultar em críticas sobre seu corpo, sua vestimenta e quaisquer outros pontos passíveis de julgamento e avaliação.

Mas o clima dentro da escola, tanto com as meninas quanto com os meninos, não se fazia diferente, e C. era frequentemente alvo de chacotas por seus colegas. Os garotos não demonstravam nenhum tipo de interesse por ela, a não ser pelas piadas. Para piorar, todas as meninas se encaixavam nos padrões de beleza, o que também tornava muito difícil as aproximações com elas. Quando começou a assistir aos vídeos, diz que reconhecia em si duas pessoas distintas: A. C., espectadora de pornô e que se masturbava e, por outro lado, C., a santa, que recusava veementemente qualquer aproximação com a sexualidade nas conversas com suas colegas.

Com essas experiências de bullying, críticas e repressões, acabou acreditando que nunca encontraria alguém que pudesse gostar dela e decidiu, com medo de ficar sozinha, que entraria para um convento. Seus pais, católicos fervorosos, adoraram a ideia. Fantasiava que as freiras, por constituírem uma irmandade, teriam sempre a companhia uma da outra, fariam tudo juntas e, assim, ela nunca estaria só. Mas esses planos não duraram muito, indo por água abaixo quando ela começou a namorar.

Divide suas experiências sexuais em dois momentos distintos, antes de perder o hímen e depois disso, o que havia acontecido meses antes de nossa conversa. Ainda com o hímen, dizia que os parceiros, sabendo que ela não aceitaria a penetração, exploravam outras possibilidades e se dedicavam com mais esforço nas preliminares. Esse é um outro ponto negativo da pornografia, já que ela, falocêntrica como é, ensina aos homens que o sexo é apenas penetração e que não é preciso fazer nada a mais do que isso, diz C..

Depois de ter perdido o hímen, eles começaram a pular as preliminares e no instante em que acabavam sua parte, a deixavam na mão. Interpreta isso como reflexo do uso que os homens fazem dela, aproveitando seu corpo para garantir a satisfação própria sem que tenham qualquer consideração por ela: “cara de buceta” (sic).

Com todas essas questões dificultando a criação de aproximações, relata nunca ter tido orgasmo transando com outras pessoas, apenas na masturbação e com o uso da pornografia. Os vídeos são, diz ela, um artifício que possibilita sua

autonomia em relação ao próprio prazer, já que disponibilizam elementos visuais sexualmente excitantes e garantem a ela certa independência em relação aos homens.

Mas não são apenas os homens que se aproveitam dela, suas amigas também. Conta que apenas era procurada por elas em momentos muito específicos, nos quais as meninas sentiam que C. poderia oferecer algo de importante: nas provas ou trabalhos na época de escola; quando ganha um carro, já na graduação, e suas amigas passam a convidá-la com maior frequência para saírem juntas…

Talvez poderíamos destacar três sentimentos que tenham ficado no centro de nossas conversas: a rejeição, o sentimento de ser usada e a inveja. Os dois primeiros estão mais claros neste resumo da história dos encontros com C., mas o terceiro aparece com formas mais sutis, delicadas e impondo alguma dificuldade inclusive em sua nomeação.

Ao falar de outras mulheres, faz a divisão de dois grupos: as que estão no padrão de beleza e as que estão fora dele, que é o seu caso. Diz que a vida das que se encaixam esteticamente é muito fácil porque as pessoas chegam até elas, as procuram, se apaixonam por elas e sofrem com a separação. As “padrão” podem mandar embora de suas vidas quem elas quiserem, sem temer a solidão e tampouco os efeitos negativos que poderiam causar nos outros.

As “padrão” seduzem e se aproveitam de pessoas como ela. Podem beijar e transar com quem elas quiserem, pois são profundamente desejadas. Ao falar sobre as condições deste grupo, C. o faz com um certo tom de inveja, mas também misturado com ressentimento e raiva. Parece trazer uma vontade de vingança: ser aquela que abandona. A figura das “meninas padrão”, durante nossas conversas, foi desenhada à moda de uma mulher fatal (MORAES, 2017).

Este ponto exige certo cuidado: C. traz sentimentos, percepções e leituras amparadas em dinâmicas sociais muito fortes em nossa cultura, ou seja, diz de movimentos que marginalizam e significam culturalmente enquanto abjetos os corpos, as identidades, os costumes… Mais do que a contribuição para um trabalho acadêmico sobre a pornografia, o que C. apresenta é um depoimento sobre as diversas faces da violência em nossa sociedade, dirigida com maior intensidade a grupos específicos.

Ao levantar, por exemplo, o elemento de inveja que compunha o tom de sua fala, não pretendo deslegitimar, relativizar, psicologizar ou individualizar o que fora

relatado por ela, mas permitir o questionamento, por um outro caminho, das trilhas que a própria cultura, em um movimento sorrateiro, proporciona para a reação daqueles que foram violentados pela própria cultura. A pornografia poderia ocupar o lugar da concretização virtual da destrutividade?

Seguiremos, portanto, as análises da pornografia no caminho proposto por C.: a objetificação e o estabelecimento de padrões estéticos operados pelo pornô, principalmente no que toca às mulheres, para assim questionar as formas de relação estabelecidas por uma cultura fetichista. O trato de C. com o pornô também parece ser importante, ou seja, se todas essas características negativas se destacam para ela, por que é apenas com ele que consegue chegar ao orgasmo?

3.1 – Da pornochanchada aos vídeos contemporâneos

Para começar as análises é preciso investigar a maneira pela qual a pornografia foi encontrando espaço em nossa cultura e quais eram, e são, suas características, principalmente as que dizem respeito às questões levantadas anteriormente.

As exibições que inauguraram esse gênero cinematográfico, que remetiam a algum apelo erótico, no Brasil, datam da primeira década do século XX, mas foi a partir dos anos vinte que as produções nacionais começaram a ganhar mais força (ABREU, 1996). As “sessões especiais” aconteciam em cinemas convencionais, mas normalmente em horários mais próximos ao final do dia, carregando avisos para delimitar o público.

É curioso que esses filmes, muitas vezes chamados de “duvidosos” pela censura, faziam jus a tal característica porque eles não eram, tal como vemos hoje, apenas pornográficos, ou seja, não traziam diretamente a prática sexual e a nudez de maneira explícita, mas o tom de obscenidade vinha de penetra em outras categorias, como a científica, por exemplo.

> Cabe notar que diversas iniciativas de escolas de cinema ocorridas na década de 20 foram quase sempre sem sucesso, somente obtendo alguma notoriedade nas páginas policiais da imprensa, devido a constantes denúncias de que estariam desencaminhando moças. Ao que parece, a fórmula da época para os filmes apresentarem cenas ousadas e nus femininos era a sugestão de apelo educativo e moralizador embalado por certos padrões de decoro artístico. Esses filmes mais ousados receberam

> um olhar mais seletivo da censura, sendo exibidos com a tarja “proibidos rigorosamente para menores e senhoritas”. (Abreu, 1996, p.70-71)

Essa particularidade do pornô é o que Jorge Leite Junior (2014) buscou chamar, referindo-se às produções atuais, de morto-vivo, ou seja, o autor pensa a pornografia como um zumbi que não encontra vida em si mesma e, portanto, serve-se tanto de outros gêneros para criar suas paródias, quanto dos humanos para devorá-los.

Vale ressaltar, conforme indica a tarja, que o público cativo desses filmes era, e continua sendo, essencialmente masculino e que quando se fala sobre a evolução da ousadia nessas produções, referem-se especificamente ao corpo da mulher, que começa a ser exibido nas telas com maior frequência, com menos roupa, mas intensamente (in)vestido com as mais diversas fantasias sexuais.

Elas são postas na linha de frente nesse percurso e, assim, utilizadas para remontar aquela velha oposição entre as figuras desejadas pelos homens: a senhorita, figura semelhante à criança e, portanto, representante da pureza, e a prostituta, a personificação das partes demoníacas e abjetas. Os filmes também eram exibidos dentro de bordéis como forma de incentivar sexualmente os homens e garantir que eles não saíssem de lá sem antes “consumir” os produtos ofertados pelo estabelecimento (ABREU, 1996).

Nos anos 1930, com a entrada do cinema sonoro, houve, no Brasil, pouquíssima produção de filmes que eram tidos como pornográficos e nosso cinema se voltou para os cânones hollywoodianos. Essa pausa durou cerca de trinta anos (LAPEIZ e MORAES, 1984).

> Com o Cinema Novo, a produção nacional retoma o erotismo e começa a despir as mulheres. Em 1962, Norma Benguel protagonizou o escândalo da primeira nudez frontal do cinema brasileiro correndo nua por uma praia, em famosa sequência de *Os Cafajestes*, de Ruy Guerra. O filme, reconhecidamente influenciado pela *Nouvelle Vague,* gerou polêmicas candentes acerca da moralidade pública, em que intervieram a Igreja, associações de mulheres pela decência e bons costumes, e vozes libertárias que defendiam seu teor artístico, condenando a estupidez da censura. Apesar do problema, *Os cafajestes* seguiu seu percurso de sucesso no circuito exibidor, sob o olhar da Justiça. (Abreu, 1996, p.73)

A nudez e o erotismo, que voltaram a ser explorados no Cinema Novo, ganham outros contornos entre 1960 e 1970, com a pornochanchada. De certa forma, esse termo não era uma categoria ou um gênero para localizar os filmes, mas

um nome pejorativo e ofensivo, já que a palavra chanchada, em espanhol, remete a “porcaria”, ao que é “sujo”. Assim, muitos dos filmes que eram vistos a partir da sua pobreza artística e traziam à cena conteúdos de nudez ou eróticos, eram comumente chamados de pornochanchada (ABREU, 2006).

Um ponto de suma importância é o período em que esses filmes começaram a ganhar maior destaque, já que no contexto político o Brasil passava pelo golpe militar e início da ditadura em 1964. Os defensores da moral, dos bons costumes e da família tradicional brasileira atuavam fortemente para coibir tanto a produção quanto a exibição desses filmes, recorrendo aos órgãos federais de censura, alegando o quanto eles poderiam abalar estruturas sociais e nos conduzir da civilização ao caos, já que incentivavam a libertinagem e a violência. Mas, claro, a repressão não vinha apenas com o apelo popular e a tesoura do Estado também atuou com muita frequência em todos os contextos artísticos, inclusive na indústria cinematográfica.

Saindo um pouco do campo do cinema, mas ainda no final dos anos 60, uma outra modalidade de produções eróticas aparece no mercado, as “revistas masculinas”.

> *Fairplay* é um exemplo. Revistas tímidas e discretas se comparadas à produção contemporânea, mas trazendo latente toda a ousadia que se observa a cada nova publicação do gênero. É bem verdade que a trajetória editorial dessas revistas não foi sempre de passos à frente, perseguindo total liberalização para assuntos do sexo. Em tempos mais severos, editores e fotógrafos brincavam de esconde-esconde com os censores nas páginas das revistas. (Lapeiz e Moraes, 1984, p.69)

Apesar de a nudez e o erotismo terem sido explorados nos filmes através do corpo das mulheres, inclusive com a primeira exibição de nudez frontal em 1962, os primeiros dez anos em que as revistas foram produzidas, e aqui a censura teve um papel importante, as fotografias não continham muita ousadia. Mesmo assim, as vendas eram um sucesso.

Foi em 1980 que a revista *Ele e Ela* lançou o primeiro nu frontal, vendendo cerca de 420 mil exemplares em 48 horas. Entretanto, sua composição não era apenas de nudez feminina, mas também um rico espaço para a implementação de outros ideais capitalistas, além dos padrões de beleza, ou seja, ainda exibiam entrevistas com pessoas famosas, artigos sobre política e propagandas de mercadorias e esportes elitizados. O custo das principais revistas como *Playboy*, *Ele*

e Ela e *Penthouse* era alto, limitando já de início o seu público-alvo (LAPEIZ e MORAES, 1984).

Durante a ditadura militar, mesmo com as fortes ações de censura, foi criada, em 1969, a Empresa Brasileira de Filmes, a EMBRAFILME. Grande parte das pornochanchadas passaram a ser financiadas por essa empresa e o cinema nacional ganhou mais espaço no mercado, já que haviam novas leis que estabeleciam uma cota mínima de produções brasileiras nas salas de exibição (ABREU, 2006).

No centro de São Paulo, em 1970, nasce a Boca do Lixo, um polo de produção cinematográfica que contava com baixos investimentos privados e que produziu uma grande diversidade de filmes, passando por diferentes gêneros, mas normalmente introduzindo tons eróticos, que faziam com que os críticos os aproximassem das pornochanchadas. Em média eram produzidos 90 filmes brasileiros por ano, sendo que 60 eram feitos na Boca do Lixo (ABREU, 1996).

Fernanda Pessoa, diretora de um documentário chamado “Histórias que nosso cinema (não) contava”, lançado em 2017, reuniu alguns trechos que foram censurados das pornochanchadas e mostra o quanto é possível encontrar elementos contraditórios nessas obras, com pontos que reafirmavam os ideais do sistema capitalista e outros, que propunham a discussão de temas considerados tabus. Em uma entrevista concedida ao site Mulher no Cinema (2018) ela diz:

> A questão da representação feminina foi uma das mais presentes e mais fortes da pesquisa. Grande parte dos filmes tem uma representação muito complicada das mulheres, que objetifica, que as transforma em metáfora de projeto de Brasil, de milagre econômico. As mulheres são sempre comparadas aos grandes empreendimentos da ditadura – Ponte Rio-Niterói, Transamazônica – ou têm o poder de troca: os homens têm o poder do dinheiro, as mulheres têm o sexo que podem dar em troca. Nas pornochanchadas mais clássicas há muitos estereótipos: a virgem, o corno, a empregada – que geralmente é uma mulher negra super sexualizada que está a disposição do patrão. De vez em quando algo sai um pouco [do padrão]: por exemplo, a boazinha é a prostituta, e não a mulher virgem e pura. Estas inversões de papéis me deixavam confusa, pois estamos acostumados a ver tudo preto no branco. A grande maioria dos filmes é super machista, mas alguns têm personagens femininas com autoconsciência enorme, que sabem exatamente qual o lugar delas ou que estão se rebelando contra o papel imposto. Eles já estavam discutindo o aborto e a regularização do trabalho das prostitutas. (Pessoa, 2018)

A pornografia mudou muito desde as pornochanchadas e da Boca do Lixo até hoje, tanto em sua própria estrutura quanto na forma de acesso que os

espectadores têm a ela. Foi do cinema para a televisão. Da televisão para as fitas VHS e, depois, CDs e DVDs. Atualmente, todos esses outros recursos perdem seu espaço para os sites pornô.

Enquanto os filmes mais antigos tinham, em média, duração de oitenta minutos, em 2019, segundo dados do PornHub, os espectadores brasileiros navegam pelo site, em média, durante 9 minutos. Atualmente os vídeos são muitos mais curtos, e vão direto ao ponto. Ainda com a mesma fonte, as faixas etárias também se tornaram estatística e foram divididas da seguinte forma: de 18 a 24 anos (19%), 25 a 34 (38%), 35 a 44 (21%), 45 a 54 (11%), 55 a 64 (7%) e mais de 65 (4%). No Brasil, a média de idade é de 36 anos.

Figura 1: Fonte: https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review

Mesmo o público sendo majoritariamente masculino (61%), as mulheres estão visitando o site com maior frequência a cada ano e o Brasil já é o segundo país com maior número de acesso do público feminino (39%). O PornHub foi o único site

encontrado que disponibilizou as suas estatísticas e o fez de maneira muito detalhada, ramificando os acessos a partir de diversos pontos. Em um deles, fez a divisão sobre as palavras pesquisadas pelos usuários nos vinte países com mais visitas, assim como as cinco categorias mais famosas entre eles. Como é possível ver na Figura 1, a nossa procura por produções nacionais subiu duas posições em 2019 e chegou ao topo, superando o *hentai* e o sexo entre mulheres lésbicas. Outro dado importante é que os espectadores brasileiros assistem 98% a mais do que o restante do mundo aos vídeos que encenam pessoas transgênero.

Até aqui estamos destacando um ponto muito importante que foi levantado por C. durante as nossas conversas, ou seja, quando diz das relações entre o sexo, a objetificação e a violência. A colocação da mulher enquanto objeto a ser dominado pelo homem, exposta e “sexualizada”, parece ser condição central na história da pornografia.

Um ponto de convergência entre o cenário no qual se inserem as pessoas transgênero e as mulheres está justamente na condição de tornarem-se objetos investidos de fantasias sexuais pelo público masculino, mas também por serem frequentemente violentadas e agredidas por esse mesmo grupo.

Em um artigo publicado em maio de 2020, no site da Associação nacional de travestis e transexuais (ANTRA), constam algumas informações sobre o quão problemático é esse panorama e o quanto o horizonte não parece ser muito positivo.

> E apenas nos dois primeiros meses dos anos, entre 1/01 e 28/02/2020 (incluso ano bissexto em 2020), o Brasil apresentou aumento de 90% no número de casos de assassinatos em relação ao mesmo período de 2019. Em 2019 foram 20 casos no mesmo período, enquanto em 2020, 38 notificações. O Maior da série dos últimos quatro anos. Superando 2017, ano em que o Brasil apresentou o maior índice de assassinatos de sua história de acordo com o Altas da violência e anuário da segurança pública… Cabe ressaltar que todas as pessoas trans assassinadas até o momento são travestis e mulheres transexuais. No mesmo período tivemos ainda 11 suicídios, 22 tentativas de homicídio e 21 violações de direitos humanos. (Antra, 2020)

Alguns estudos sobre a pornografia trazem discussões muito semelhantes aos apontamentos feitos por C., dizendo o quanto as relações sexuais exibidas nos vídeos são, normalmente, bastante parciais, já que a principal função das mulheres é ser explorada como um meio para a satisfação do desejo dos homens. Nesse caminho, um outro elemento muito comum nessas produções refere-se ao orgasmo

masculino, geralmente o único presente e com o qual as cenas normalmente são finalizadas (DINES, 2010).

Também é comum para o comportamento feminino a predisposição para o sexo casual com um ou mais parceiros e sem qualquer envolvimento prévio, de maneira a torná-las produzidas à imagem da figura masculina (Zillmann & Bryant, 1988). Não apenas o papel passivo da mulher, mas também sua objetificação ganha representação quando elas se tornam alvo das inclinações agressivas dos homens.

Vale pontuar que nessas produções, obviamente, elas adoram isso, ou se rendem, são conquistadas pela potência masculina. Uma pesquisa realizada em 2010 (Bridges et al) se propôs a analisar o conteúdo de 304 cenas pornográficas. Como resultado obtiveram que 88% dessas cenas se referiam à agressão física. Criaram, então, alguns subgrupos para classificar essas agressões: o espancamento foi o mais comum, 75%.

A transformação do sujeito histórico em mercadoria parece ser uma modalidade de relação comum na sociedade neoliberal.

> Se a sexualidade tem a primazia na configuração da identidade pessoal e social, a apropriação da sexualidade alheia, ou seja, sua instrumentalização para o prazer alheio, representa uma desumanização: “Uma vez que você é usada para o sexo, você é sexualizada. Você perde seu status humano”. Pela pornografia, as mulheres são transformadas em artefatos sexuais e se reproduz a noção segundo a qual elas existem para prover prazer sexual aos homens. Mas os malefícios atribuídos à pornografia transcendem o mero desgosto que a pornografia causaria nas mulheres ao apresentá-las como objetos, ofendê-las e desumanizá-las: ela é entendida como o veículo mais importante na reprodução sistêmica das desigualdades de gênero. Esse tipo de expressão é acusado de influenciar decisivamente a forma como a mulher é percebida socialmente, respondendo por esta razão por parcela significativa da desigualdade social entre os gêneros, pela menor liberdade disponível às mulheres e, finalmente, pelo “silenciamento” das mulheres, fazendo decrescer sua voz e seu papel na política democrática. (Silva, 2013, p.149)

Muitos são os trabalhos que fazem discussões acerca das influências que a pornografia tem sobre toda a questão política e identitária que envolve as diferenças de sexo e gênero. Enquanto alguns textos caminham por trilhas em que se destaca a violência contra as mulheres, outras pesquisas ressaltam uma função da pornografia também lembrada por C., a de possibilitar a criação de espaços onde a experiência da própria sexualidade não permaneça dependente do sexo com homens. Com a mediação dos vídeos, a intimidade sexual poderia ser alcançada: “É um empoderamento. Se dar o prazer” diz C..

Entretanto, a relação ambivalente perdura:

> Tanto esse quanto o outro, também, né, de me sentir objetificada. E ai são coisas muito sujas né. Não que ver pornô é sujo, tipo, o que as pessoas fazem com isso é sujo, muito sujo. Mas a indústria também, se destrinchá-la é muito suja, sei lá, e também tem a questão de espalhar *nudes* dos outros. É que você está vendo, você vai lá ver o pornô, ai você não sabe se quando você sai da parte profissional, que é a pior né, é horrível. Você não sabe se está vendo aquele vídeo e o casal que está naquele vídeo, um dos dois consentiu em estar lá, né. Ou então tem menor de idade: eu já vi muito menor de idade, tipo, não criança, mas adolescente na escola, sabe. São umas coisas absurdas que você vai procurando nos sites e vai achando, assim. Você não sabe mais o você que está fazendo ali. (Informação verbal)

3.2 – Abjeção e fetichismo

É difícil argumentar contra a busca por posicionar os vídeos pornô no lugar das produções de mercado, ou seja, não os ter enquanto uma mercadoria fabricada pela indústria cultural e intimamente associada ao capital, seja em sua face exclusivamente financeira ou na imposição de lógicas de relação entre os sujeitos, torna-se tarefa mais difícil a cada dia.

Não é possível fazer discussões acerca dos campos abertos por C. deixando passar batido uma crítica social importante sobre as formas de relação estruturadas a partir das lógicas de exploração e dominação, típicas do capitalismo. Atualmente, no Brasil, não é comum, mas também não é raro, encontrar discussões sobre a pornografia, sejam elas em trabalhos científicos, nos programas de televisão, nas rodas de conversa presenciais ou online, em documentários e com muita frequência todas elas procuram, em algum momento do debate, pautar a situação em que as mulheres vivem dentro de nossa sociedade e, por desdobramento, na indústria pornô.

Neste campo as denúncias geralmente apontam para as violências físicas e emocionais, a incitação ao uso de drogas e ao estupro sofrido por elas durante as filmagens. A “rotatividade” das atrizes também é destacada, já que muito maior quando comparadas aos homens, ou seja, quando reduzidas ao contexto de mercado, seu prazo de validade tende a ser curto nesse ambiente de atuação, já que os consumidores, um público majoritariamente masculino, exigem uma incessante renovação de suas opções nas prateleiras online.

O PornHub divulgou que em 2019 o site teve 42 bilhões de acessos, ou seja, cerca de 115 milhões de visitantes por dia. A quantidade de vídeos adicionados

também é assustadora, sendo que no ano o site teve 6.83 milhões de novos *uploads*, o que seria equivalente a 1.36 milhão de horas em vídeos.

É muito fácil encontrar vídeos que retratam violências e invasões de privacidade nesses sites, tais como aqueles que são gravados por debaixo da saia de mulheres em espaço público sem que elas saibam ou que vazam as *sex-tapes* de antigos relacionamentos como uma forma de vingança e que geralmente mostram muito mais o corpo e o rosto delas do que o deles.

Mesmo com esses dados, pouquíssimas ações efetivas são tomadas pelas instâncias públicas ou privadas para regulamentar de alguma maneira essas exibições e, por consequência, o enorme campo dos vídeos pornô ainda ressoa como uma terra quase sem leis.

> As condições de trabalho das atrizes, os contratos aberrantes que elas assinam, a impossibilidade de controlar o uso de sua própria imagem quando abandonam a profissão, ou de serem remuneradas quando sua imagem é utilizada, essa dimensão de dignidade feminina não interessa aos censores… Mas o pornô é feito com carne humana, a carne da atriz. E, no final, ele só suscita um único problema moral: a agressividade com que são tratadas as atrizes-pornô. (Despentes, 2016, p. 80-81)

Para que possamos alcançar os pontos das discussões levantadas por C. será preciso trazer para o campo de análises as noções de *abjeção* e *fetiche*. Primeiro, vamos lembrar a maneira pela qual essas questões aparecem nas conversas:

Podemos elencar alguns pontos destacados por C. que se relacionam com campo da abjeção: 1) o asco que os corpos tidos enquanto fora do padrão estético tendem a provocar nas pessoas que deles se aproximam; 2) a sujeira que compõe de forma central a indústria pornô; 3) as formas de relação que o pornô tende a incitar.

Por outro lado, em nossas conversas C. parece tratar como sinônimos as expressões *fetiche* e *objetificação,* ou seja, os termos são utilizados para dizer de uma forma de relação baseada no uso interesseiro, sem a contrapartida do cuidado ou da mínima consideração com a pessoa ali presente, apontando para uma forma destrutiva de estar com o outro, existente apenas para suprir as próprias demandas.

Entretanto, seria um equívoco acreditar que essa modalidade de relação seria *neutra,* ou seja, não é uma troca e tampouco uma simples punção, uma sucção, mas ao passo em que algo se retira, outra coisa é injetada. Neste momento ela se utiliza

de expressões como “cara de buceta” e “pedaço de carne”, para dizer de como se sente na relação com as pessoas, principalmente com os homens com quem se aproxima afetiva ou sexualmente.

Percebe-se, portanto, que o reconhecimento da alteridade se encontra prejudicado em ambos os casos. Mas comecemos por trabalhar a noção de abjeção para, depois, chegar ao fetiche.

O campo do pornô desenhado durante os encontros com C. parece nos remeter à colocação em cena de elementos intensamente contrastantes, misturando, por exemplo, pessoas cujos corpos não poderiam estar mais afinados com os modelos de perfeição estabelecidos culturalmente, com as quais é sugerida não apenas uma identificação, mas também certa elevação ao patamar de completude e máxima autonomia e, por outro lado, as assistimos em práticas que facilmente qualquer pessoa poderia denominar como suja, imoral, nojenta, violenta, degradante…

O pornô parece trazer uma mistura do sagrado com o profano; do belo com o horrendo; ele pode ser excitante, mas também repulsivo. O pornô não apenas encena essas supostas contradições, mas ocupa também esse lugar em nossa sociedade: é intensamente consumido, mas marginalizado e recusado fora dos momentos em que o sujeito se encontra sozinho. Diz, em seu extremo, da aparente incongruência da pessoa de bem, defensora da família tradicional brasileira, que elege representantes da extrema direita para governar o país, que é contra a “ideologia de gênero”, mas sempre que possível, acessa o Xvideos para se masturbar assistindo tudo aquilo que ataca e despreza no cotidiano.

Mas esses contrastes não seriam apenas aparentes? Produtos da oposição socialmente fabricada entre o brilho presente no fetiche da mercadoria e suas reais condições de produção?

Trabalhando principalmente com o conceito de abjeção desenvolvido por Julia Kristeva, Carlos Figari e Maria Elvira Diaz-Benitez (2009) destacam que os processos de civilização nos impõem um assujeitamento ao campo da linguagem, ou seja, fundam o ser humano tal como o conhecemos atualmente estabelecendo normas e fronteiras para a manutenção de tal condição. Entretanto, como a sobra é inevitável e também temível, tudo aquilo o que escapa ao tecido da linguagem e retorna enquanto abjeto, precisa ser rejeitado.

> O asco é a forma primitiva de reação humana ao abjeto, e representa o sentimento que qualifica a separação das fronteiras entre homem e mundo, entre sujeito e objeto, entre interior e exterior. Ele é tudo o que deve ser evitado, separado e até eliminado: o perigoso, o imoral e o obsceno entram na demarcação do fétido e do repugnante. Como exterior (porém interior) constitutivo, a abjeção aparece como fundante do ser humano, ou seja, como aquilo que o constitui a partir da sua cisão com o mundo natural. O temor à natureza supõe o ingresso na cultura e o sustento da linguagem. (Diaz-Benitez & Figari, 2009, p.22-23)

O abjeto seria fatalmente o resultado da criação do Eu, mas se manifestaria em sua negação, como não-Eu. Trata-se, por tanto, de um elemento limítrofe. O psicanalista Gustavo Henrique Dionisio (2010) retoma o concento de *unheimlich* de Freud para pensar a abjeção a partir do contato com elementos cuja perigosa familiaridade é percebida pelo sujeito. Para isso, aproxima-se de artistas como Cindy Sherman e Joel-Peter Witkin para refletir sobre as produções que têm como efeito o rasgo no tecido simbólico que funcionaria como anteparo para o sujeito.

Argumenta que durante o processo de desenvolvimento tal sujeito se encontraria na necessidade de abandonar algumas de suas ligações com objetos primitivos, entretanto, do exílio elas se fariam presentes através da mobilização de angústia. Tal afeto, portanto, não seria mobilizado pela ausência, mas pela presença do objeto perdido. A inconsistência da identidade e a finitude, aqui, ganhariam maior importância, dado que o contato com esses elementos estranhos seria equivalente ao contato com a morte: “É inerente ao abjeto provocar o afastamento, pois é somente ao se livrar ‘disso’ (do grotesco, daquilo que provoca náusea) que o sujeito pode dizer ‘eu’” (Dionisio, 2010, p.182). Nesse sentido, defende o psicanalista, a criação do abjeto seria inelutável.

Se, por um lado, a abjeção remeteria ao retorno do que um dia já foi familiar, mas que precisou ser deixado para trás, constituindo, assim, seu caráter inevitável, por outro ela serve à cultura, reforçando a alienação de um sujeito que busca distâncias cada vez maiores de suas partes rejeitadas.

Os corpos, as identidades, as raças, os costumes… abjetos não são “apenas” violentados à medida que rejeitados socialmente, mas também quando explorados em função do reforço da estrutura da norma. Condição que fica clara logo no início das conversas, no momento em que C. diz do nojo que os homens sentem quando se deparam com uma genitália que não está depilada como nos vídeos, ou seja, que não passou pelos supostos processos de higienização e estetização.

Se há uma separação, um destacamento entre o humano e o abjeto, ou entre o civilizado e o animal, tal divisão serve ao primeiro para se ver livre de suas próprias partes recusadas, ou seja, enquanto o que existe de inumano estiver a tal característica reduzido e, posteriormente, marginalizado, ao bom sujeito será permitida a reafirmação de suas qualidades. Permanecerá limpo, dado que a sujeira estará do lado de fora.

Em perspectiva semelhante, a psicanalista Patricia Porchat (2013) se apoia em Judith Butler para discutir as maneiras pelas quais a psicanálise está se aproximando das discussões que se referem à sexualidade e gênero, assim como para pensar os limites de atuação desta prática clínica. Ao analisar a marginalização das identidades *trans*, diz que:

> O abjeto se traduz por aquilo que é jogado fora, excluído, produzindo um campo de ação a partir do qual se estabelece a diferença. Essa zona de exclusão delimita o campo do sujeito e o campo das identificações temidas. Esse exterior que constitui o sujeito é também seu "interior", enquanto uma exclusão de si próprio que o funda… Em resumo, a ambiguidade de gênero, o trânsito entre os gêneros, é o nosso próprio interior, excluído, jogado fora. Repudiamos aquilo que nos funda enquanto seres supostamente ideais. (Porchat, 2013, p.199-200)

Sabemos das divergências entre Judith Butler e Julia Kristeva no que toca, entre outras questões, à própria noção de abjeção, mas, neste momento, não caberia ao objetivo do trabalho entrar nessa discussão. A exposição dessas definições nos serve para destacar uma das funções do abjeto, a de permitir ao sujeito proteção contra o intolerável que está à sua volta: não apenas uma proteção contra objeto representação da abjeção, mas tapando-lhe os olhos para os traços de violência e expropriação que estão na base constituinte de uma sociedade capitalista, naturalizando condições e disposições socialmente criadas.

Em outras palavras, tomaremos o *abjeto* como sendo efeito de um duplo destaque: primeiro o destacamento no sentido da separação, ou seja, da cisão entre as partes boa e ruim, civilizada e animalesca, estimada e rejeitada, desejada e asquerosa e, após isso, o destaque na busca pelo efeito de totalização das partes.

No caso da abjeção, o que mais se impõe são os destaques das partes rejeitadas e tal movimento, ao que tudo indica, possibilita ao "bom" sujeito não apenas sua permanência no lugar de ideal, mas também o permite não perceber as condições anteriores que criaram seu lugar de privilégio, acreditando, assim, na

naturalização de circunstancias essencialmente artificiais. Desta forma, os marginalizados “por natureza” tornam-se merecedores de quaisquer violências a eles dirigidas. O sujeito histórico é substituído por um objeto parcial.

As normas sociais, sabemos, produzem sentidos e obedecem a determinados interesses. Seria um enorme equívoco acreditar, por exemplo, que a existência das favelas – comumente tidas como abjeta, suja, desprovida de qualidades, violentada frequentemente por forças militares, relegadas aos piores pontos geográficos das cidades… – não contribuiria para o acúmulo de capital da burguesia. Mais: elas são absolutamente necessárias para a manutenção do lugar dos capitalistas não apenas por sua força de trabalho, sem a qual o sistema não sobreviveria, mas também por constituir o espaço de “maus” elementos, que servem como predição de uma possível morte social e identitária em caso de inadequação aos imperativos da cultura.

Percebemos, portanto, que a modalidade de relação exposta pela noção de abjeção pode estar relacionada à manutenção do uso de determinados grupos sociais não apenas enquanto receptáculos de elementos que não harmonizam com as normas impostas sendo, assim, repudiados socialmente, mas também agindo para enriquecer de qualidades fabricadas aqueles que são supostamente normais, as custas de seu próprio empobrecimento.

Tal dinâmica pode ser percebida nos relatos de C. sobre os padrões estéticos que a pornografia estabelece, principalmente sobre o corpo das mulheres, impondo àquelas que destoam da norma a rejeição, o asco ou a indiferença por parte dos homens. Identificada a essa posição, sente ser necessária sua sujeição às “migalhas” vindas dos outros, ou seja, enquanto as garotas “padrão” recebem o que há de bom tanto da vida quanto dos parceiros, às que estão de fora sobra apenas a parte ruim, os dejetos.

> Sim, mesmo que eu vá ficar mal depois. Mas vale a pena? Só porque eu quero fazer com a pessoa? Porque eu quero transar com a pessoa? Vale a pena ter aquele momento e depois ficar me sentindo um lixo? Vou me sentindo usada, sabe. Vai ser muito líquido. Igual eu falo para os meus amigos, é “cara de buceta”. Porque ai depois eles vão embora. Eu não quero ter pessoas que vão embora. (Informação verbal)

Um pouco depois:

> Isso acontece com minhas amigas, por exemplo. Elas são todas padrão de beleza. Tipo, elas são as pessoas que querem ir embora da vida da outra

> muito fácil. E as pessoas com quem elas se relacionam são tipo eu, que querem muito elas. Então, tipo, é muito diferente ser padrão e não ser padrão. Elas podem descartar quem elas quiserem e não se sentir mal por isso, porque elas ainda vão ter outras opções, né. Elas ainda vão ter uma gama de escolhas. Você que não é padrão, não vai ter essa gama de escolhas, então vai ter que aceitar o que vem e não ter esse medo de futuramente ficar sozinho. Eu vejo como as pessoas tratam as pessoas que são padrão e as que não são padrão. (Informação verbal)

O importante de perceber, neste momento, é que as qualidades que fazem daquelas garotas objetos de desejo de todas as pessoas que as circundam, também são produtos da cultura de mercado, são imagens produzidas em série.

Essa questão nos encaminha para as noções de *uso*, *objetificação* e *fetichização* que C. tanto pontua em nossas conversas, onde as três expressões aparecem como sinônimos. Se fora do padrão estético, diz ela, será reduzida à condição de *coisa:* usada e manipulada apenas para satisfazer os impulsos sexuais dos homens a sua volta, sem que isso implique em mínima contrapartida por parte deles.

O medo de ficar sozinha, o desamparo, a fome por afeto a impelem a aceitar qualquer oferta que prometa suprir minimamente suas carências. É como se algo de bom fosse expropriado de dentro dela e, em volta, recebesse alguns míseros trocados. É uma troca desigual que tem como produto o incessante o aumento do abismo entre as partes: para ela, cada vez mais, o lixo; ao outro, o brilho de ser um “padrão” todo poderoso, capaz de demitir quem quiser, sabendo-se inabalável: o exército de reserva é grande.

A fetichização, nesse sentido, apareceria enquanto redução do sujeito a uma *coisa* completamente envolta pelas fantasias de quem detém o suposto poder na relação e, para isso, a alteridade seria inevitavelmente desmentida. É o que C. diz quando se pergunta: “eu estava ficando com um menino, com quem fiquei durante um tempo e ele tinha fetiche com meninas gordinhas. E eu ficava pesando, será que ele está comigo porque ele tem esse fetiche?” (Informação verbal).

Tanto em seu texto sobre o *Fetichismo* (1927/2014) quanto em *A cisão do eu no processo de defesa* (1938/2018), Freud pensa o fetiche enquanto um deslocamento do falo para outra região do corpo ou para um objeto, permitindo assim uma dupla atitude em relação a castração, ou seja, se por um lado esse sujeito percebe a ausência, por outro se vê livre para prosseguir *como se* nada tivesse acontecido.

A relação com o fetiche beira uma sonegação de impostos, ou seja, ela flerta com algo do ganho escondido, do camuflado e tal característica também é apontada por Freud ao dizer que esse objeto criado a partir da denegação poderia assumir formas que muitas vezes passam despercebidas para a maioria das pessoas, ou seja, enquanto alvos deslocados para metas incomuns, o acesso a ele estaria mais livre de obstáculos e compromissos: “O fetichista não tem dificuldades em conseguir o que outros homens têm de solicitar e buscar com empenho” (Freud, 1927/2014, p. 306).

> Não basta sublinhar que ele venera o fetiche; em muitos casos ele o trata de um modo que claramente equivale a uma representação da castração. Isso ocorre especialmente quando se desenvolveu uma forte identificação com o pai e ele faz o papel do pai, pois a este o menino atribuía a castração. A ternura e a hostilidade no tratamento do fetiche, que correspondem à recusa e ao reconhecimento da castração, misturam-se desigualmente em casos diversos, de maneira que ora uma, ora outra é mais facilmente reconhecível. (Freud, 1927/2014,309-310)

Mas talvez a condição que mais se aproxima com as discussões deste capítulo seja a relação ambivalente com o fetiche, lembrando do exemplo citado por Freud (1927/2014) sobre um costume chinês de machucar e deformar os pés das mulheres para, depois, venerá-los. Neste momento, sua interpretação é que a veneração faz parte de um agradecimento por parte dos homens às mulheres que se submeteram à castração. Portanto, a submissão delas garantiria conservada a posição social deles e o brilho da veneração ocultaria as condições necessárias para a manutenção dessa disposição. Em outras palavras, ao passo que o brilho noticia a elevação do objeto à condição de falo, ele também o marca como resignado, submisso.

A função de ocultação de um fato já percebido, papel que o fetiche desempenha, é destacado também por Maria Rita Kehl ao aproximar Freud e Marx.

Para a psicanalista, as noções de fetiche desenvolvidas por esses dois autores se aproximam na medida em que ocultam processos anteriores a ele: em Freud, com a denegação da castração; em Marx, o fetiche da mercadoria dissimularia as reais condições para sua produção: “O que a mercadoria oculta, o seu ‘segredo’… não é a coletividade e sim o seu desaparecimento. Não é o esforço do trabalhador, mas sua expropriação” (Bucci e Kehl, 2004, p.76).

> A espiritualização, a mesma que se perdeu como riqueza circulante nas trocas criativas entre os indivíduos, retorna aderida às mercadorias, como crença necessária para produzir o esquecimento das condições materiais da

> produção dessas mesmas mercadorias: a morte lenta do corpo do trabalhador, que transferiu seu tempo de vida para a coisa produzida, e o empobrecimento geral de uma sociedade que só consegue “enriquecer” à custa destas vidas expropriadas. (Bucci e Kehl, 2004, p. 79)

Esse “enriquecimento” parece não acontecer apenas em sua dimensão monetária, ou seja, neste subcapítulo buscamos destacar e analisar uma modalidade de relação também estruturada a partir desse modelo onde as qualidades pré-fabricadas de um sujeito se produzem a partir da repetição da chave “explorador > explorado”, sendo a alteridade desmentida e operando um modo de converter em brilho sedutor o que antes é expropriação e sofrimento.

Nesse sentido, é importante perceber que um dispositivo que supostamente ocupa um lugar em nossa sociedade, que visa garantir ao sujeito uma autonomia em relação ao próprio desejo, tal como pode ser pensada a pornografia, seja fruto de relações de servidão e dominação.

4 – Incorporar a imagem

Entremos agora nas conversas com N., um rapaz de vinte e quatro anos que diz ter visto os cartazes sobre a pesquisa espalhados pelo campus e conta que achou interessante o tema da pesquisa, principalmente por imaginar que ali haveria a possibilidade de “combater” (sic), em si, o costume de assistir aos vídeos pornô.

O clima que ele normalmente trazia para os nossos encontros era mais pesado, com muita culpa, buscando, por vezes, criar justificativas que amenizassem o seu julgamento, colocando-se em um lugar de passividade e, assim, salientando que a vida, mas principalmente seus pais, não colaboraram com ele e, por conta disso, a única saída que encontrou foi com a pornografia.

Conta ter passado pela infância e adolescência com grandes dificuldades por ter sido um garoto que não conseguia criar aproximações com as pessoas na escola ou mesmo no bairro onde morava e que, assim, viveu uma vida solitária. Sentia-se muito inibido não apenas com os amigos, mas também na adolescência, quando começou a se sentir atraído sexualmente por pessoas do seu cotidiano, com as quais se via impossibilitado de empreender qualquer tipo de investimento.

Enxergava nos outros garotos um viver oposto ao dele: mais ativo, mais espontâneo, já que eles conseguiam criar seus grupos de amizades e se encontravam para atividades fora do ambiente escolar, além de já terem iniciado aquele período das primeiras paqueras e namoros. Mas N. também tinha suas amizades e conta de alguns passeios com seus amigos, entretanto, conserva em si um sentimento de ser estrangeiro, como quem apenas assiste a tudo acontecer, sempre de fora da situação.

Associa as suas inibições com três pontos: ao caráter recluso da sua família; ao fato de ter sido um garoto acima do peso, o que gerava mais medo e insegurança; e a não conseguir criar identificações nem com os meninos, nem com as meninas, fortalecendo seu sentimento de não pertencimento.

N. é filho único e parece carregar um forte sentimento de amargura em relação a seus pais, resultado do que entendeu como um abandono nos momentos em que ele mais se encontrava precisando de ajuda. Carrega esse ressentimento ao

dizer que os pais, reclusos que eram, não apresentaram para ele o mundo da sexualidade e foi preciso que ele desse conta de todas essas descobertas sozinho.

O pornô entra, para ele, como esse lugar que possibilitou recursos para explorar o próprio corpo e a prática sexual, permitindo a base para um saber que de outra forma não aconteceria. Entretanto, no outro lado da mesma moeda, por esses vídeos também estabelecerem ideais de beleza e performance, reforçava uma imagem negativa de si mesmo, como um garoto gordinho e com poucas qualidades.

Formavam-se, em seu entendimento, dois mundos: o de seu quarto e o que acontecia fora dali. No primeiro, com ajuda da internet, sentia ter mais liberdade para viver sua sexualidade e para buscar os vídeos que o excitavam, começando com aqueles que encenavam o sexo mais “normal” (sic) até chegar no “bizarro” (sic), com fetiches de amarração, por exemplo. Ao sair das quatro paredes: o medo, a crítica e a inibição.

Mesmo reconhecendo que os outros meninos da escola também tinham o costume de assistir pornografia e que entre eles aconteciam grupinhos para compartilhar esse tipo de material e conversar sobre isso, não conseguia criar vínculos com eles, ao contrário, sentia que os outros se exibiam por ter tal ou qual vídeo no celular e, assim, aproximar-se deles se tornava aversivo. Não conseguia se encaixar em nenhum grupo, já que tinha gostos muito diferentes do que os outros garotos que gostavam das aulas de educação física e de jogar futebol, enquanto ele preferia a arte e era péssimo na prática de esportes.

Hoje, na faculdade, as coisas são um pouco diferentes: consegue ter um grupo de amigos, mora em uma república e tem vida social ativa. Entretanto, seu sentimento de estar deslocado permanece e costuma visualizar que entre os amigos há um tipo de ligação da qual ele não faz parte.

A primeira relação sexual que teve, em seu entendimento, foi tardia, depois de ter saído do ensino médio e ingressado na graduação e, para piorar, não aconteceu da maneira como ele desejava, mas de uma forma desconfortável e com uma pessoa com quem ele não nutria nenhum afeto e nem ao menos sentia atração sexual. Topou o convite porque pensou ser uma possibilidade de experimentar uma transa, além de ser uma chance de praticar para futuras ocasiões. Depois disso, aconteceram outras experiências sexuais que também não foram prazerosas e isso

se deve, ao que entende, a intensidade do nervosismo que o acometia, impedindo-o de conseguir manter a ereção.

Conta, ainda, que a todo momento, durante o sexo, costuma reparar tanto nos defeitos estéticos das outras pessoas, o que tende a desmotivá-lo, quanto em suas expressões corporais, para encontrar sinais onde consiga se amparar e formar alguma noção do resultado de sua própria performance. O sentimento de ser estrangeiro, aqui, parece se aproximar com o lugar de espectador da própria vida.

Durante as nossas conversas não foi possível distinguir se essas pessoas com quem se relacionava eram homens ou mulheres, já que ele se referia a elas apenas enquanto “pessoas”. A mesma indeterminação apareceu em outros momentos, tais como em uma característica singular de seu discurso: o uso da expressão “a gente”, usada principalmente quando buscava falar sobre os pontos de sua vida que mais o envergonhavam.

Havia ali uma certa dose de mistura com os outros, de passividade, de não reconhecimento das próprias motivações: “A gente se pega assistindo”. Esse ponto será importante para as próximas reflexões sobre sua relação com a pornografia.

Principalmente na segunda e terceira conversas N. trouxe as formas que compreende sua relação com seus pais, atribuindo a eles, em grande medida, a culpa pelas mazelas de sua vida, destacando o quanto eles contribuíram de forma negativa ao aprisioná-lo durante a sua formação, mostrando, assim, um forte ressentimento por ter sido necessário que ele entrasse em contato com a vida sem ter recebido a devida ajuda da família.

Entende que por ter nascido em um bairro de periferia, onde o tráfico de drogas acontecia perto de sua casa, sua mãe fazia-se superprotetora, impedindo que ele saísse à rua para brincar com os outros garotos da sua idade, alegando ter medo de seu contato com companhias indevidas. Diz que hoje a relação com ela é muito melhor do que fora um dia, já que mais cedo, principalmente na adolescência, a percebia como uma pessoa “neurótica” (sic), que costumava fazer, com alguma frequência, tempestades num copo d’água.

Por isso, sentia que era necessário medir muito bem as palavras para que ela não interpretasse de outra forma o que havia dito, até porque isso a levaria a ficar dias sem conversar com ele. Mesmo com esse temperamento mais explosivo, é com

a mãe que consegue se aproximar mais facilmente para conversar sobre seus sentimentos. Foi com ela que teve, por exemplo, a primeira conversa sobre sexo, mesmo que, segundo ele, de forma muito resumida.

> Minha mãe é muito superprotetora falando que aquilo não ia ser bom, mas ela não me dava outra alternativa. “Ah vou te prender pra você…”. Só que era só prender, não dava outra alternativa, sabe. E era assim, as crianças da rua brincava e eu ficava lá dentro, olhando da janela as crianças brincando e eu acabei virando um bicho, né. (Informação verbal)

Com o pai as coisas são bem diferentes. Monta a imagem de um homem fraco e medroso, como alguém que se acomodou na vida e que adotava, frequentemente, tons de reclamação com tudo o que se passava a sua volta, mergulhado na impotência de lutar pelas transformações que gostaria ver. Em alguns momentos ficava mais agressivo e N. sentia que era alvo das insatisfações do pai, como se fosse, ele mesmo, uma das suas várias frustrações.

Conta sobre alguns acordos que aconteciam entre eles, tais como quando N. o flagrou assistindo vídeos pornô, mas manteve o silêncio para que não criasse mais intrigas dentro de casa, ou dos episódios em que saiam juntos e o pai bebia algumas latas de cerveja, pedindo ao filho que isso também ficasse em segredo, já que a mãe era contrária a esse tipo de hábito.

Normalmente o acordo era cumprido e, em troca, recebia alguns agrados, como doces e chocolates, mas também aconteceram algumas ocasiões em que, raivoso e vingativo, contava tudo o que havia se passado no dia. Quando fala do pai, além desses sentimentos, também traz, e de forma marcante, a vergonha, ou melhor, a humilhação de um homem decadente e arruinado, um “pedaço de carne”.

> Quando meus pais se divorciaram, eu tinha 16 anos. E há muito tempo a relação deles estava horrível, péssima. A gente não quer que os pais se separem, eu também não quis por um tempo, mas depois comecei a pensar “se eles se separarem, meu pai vai sair daqui”. E, tipo assim, naquele momento era a melhor coisa que eu queria, sabe, meu pai longe de mim. E, realmente, quando ele estava perto era horrível. Quando ele foi embora, foi um processo bem complicado, minha mãe também passou por umas crises emocionais e tal. Mas, assim, melhorou muito. Sabe, foi tirar um peso morto. Falei mano “não tenho mais meu pai”. Foi uma sensação incrível. (Informação verbal)

Apesar do clima de vergonha que N. trouxe para as conversas, não percebi que esses sentimentos o impediram, ou o inibiram de associar, imaginar e pensar

sobre os caminhos que percorremos durante os três encontros. Entendo que ele tenha conseguido dar um sentido próprio para aquele espaço e seu envolvimento era muito perceptível.

Nos próximos subcapítulos, as discussões terão como base as faces da ambivalência demonstrada por N.: não apenas a relação de amor e ódio com o pornô, mas também as ligações que se estabelecem entre o espectador e as pessoas que figuram na tela, proporcionando, assim, identificações com lugares e disposições psíquicas distintas. A coexistência de vias opostas sem que houvesse a passagem de uma delas pelo recalque, pode contribuir para pensar as imagens do "pinto gigante" e "pedaço de carne" trazidas por N..

4.1 – Entre a atividade e a passividade

Tal como para C., a relação que N. traz com a pornografia é recheada de ambivalências. É, assim como para ela, o único meio com o qual ele consegue chegar ao orgasmo, já que nas suas relações com outras pessoas não consegue ter, ou sustentar, a ereção. Mas, quando chega para a nossa primeira conversa, diz que me procurou para combater o costume de assisti-la e em nenhum momento falou dos prazeres experimentados com os vídeos. Destaca todos os pontos negativos que percebe no pornô: machismo, racismo, idealizações, violência… Diferente de C., ele trouxe essas produções enquanto um recurso que se viu obrigado a utilizar para constituir algum saber sobre o sexo, já que seus pais não o fizeram. Foi um arranjo que ele, ressentido, precisou fazer.

Encontrou na pornografia um objeto flexível e manipulável o bastante para caber dentro de suas demandas por delimitações mais palpáveis e, consequentemente, alguma segurança. Mas não é apenas um *saber sobre* que ele busca nos vídeos, há também, ao que tudo indica, uma via de contato que aponta para a função de ritualizar sua passagem para o mundo dos homens, buscando, na tela, uma possível identificação com a potência masculina. Essa dupla função dos vídeos pornô será analisada neste subcapítulo.

> Esta diferencia ha sido suficientemente teorizada por el psicoanálisis, y respecto a ella sólo diremos que, en el niño varón, el atributo real, biológico,

> existente en su cuerpo, no es suficiente para constituir la masculinidad genital y la potencia fálica en general. Es necesario, en este caso, y aquí radica la cuestión fundamental que estamos en vías de introducir, que el pene se invista de potencia genital, la cual se recibe de otro hombre. (Bleichmar, 2009, p.29)

No segundo capítulo deste trabalho, foram citados alguns textos acadêmicos que salientavam a liberdade encontrada pelos espectadores para experimentar os seus próprios desejos sem que houvesse a necessidade de se sentirem desconfortáveis ou envergonhados por concederem espaço às suas fantasias “pouco decentes”.

Em todos os sites pornô existe um campo onde é possível fazer buscas por determinados assuntos ou categorias de vídeos, de forma a abrir a possibilidade de um movimento ativo do espectador na procura por aquilo que deseja. Parece ser estabelecida uma modalidade de relação onde a frustração é controlada ou mesmo rebaixada a seu mínimo, dada a enorme variedade de gravações presentes nos sites especializados. Nesse sentido, e isso é importante perceber, a pornografia ficaria a serviço de seus espectadores e se constituiria a partir do que eles desejam dela.

Mas, transformando os espectadores em clientes, as regras comuns do mercado podem oferecer um outro ponto de vista sobre essa relação. Uma das maiores mentiras que o capitalista gosta de contar é sobre a importância de alcançarmos, enquanto sociedade, uma organização econômica e política onde o Estado intervenha o mínimo possível nos movimentos do mercado para não causar algum desequilíbrio nesse campo que supostamente faria a própria regulação.

Dizem que os grandes empresários se preocupam com seus clientes e, portanto, na livre concorrência com outras empresas do mesmo ramo, fariam os melhores produtos e com o menor custo para o comprador final: tudo para agradar e atrair cada vez mais compradores e, assim, ver o seu negócio prosperar. Nesta lógica, o Estado, com os seus abusivos impostos, é convocado para interpretar o papel de vilão, dificultando, limitando ou burocratizando o bom trabalho dos mocinhos empreendedores e capitalistas.

Entretanto, o valor das mercadorias não está ligado apenas ao quanto custou a sua produção e tampouco no seu valor prático, ou seja, não diz necessariamente da função que aquele produto pode exercer concretamente. Seguindo os caminhos

abertos por Marx, o filósofo francês Guy Debord (1997) faz suas aproximações entre o fetiche da mercadoria e a sociedade do espetáculo:

> A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do *ser* para o *ter*. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do *ter* para o *parecer*, do qual todo "ter" efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última. (Debord, 1997, p.18)

Os produtos do mercado passam a exercer uma função muito além daquela primeira, ou seja, deixam de ter uma relação direta com a execução da tarefa para a qual foram criados e transformam-se em signos, que vão localizar os sujeitos que os consomem em determinadas classes sociais e, por consequência, dizer de seus valores, das suas qualidades ou defeitos enquanto pessoas e se estão conseguindo, ou não, vencer na vida.

Acontece uma sutil, mas potente, e cruel, inversão da lógica: uma grande empresa não precisa se empenhar para tornar o seu produto acessível para toda a população, são as pessoas que precisam lutar para conquistar o direito de consumir aquele produto para que, assim, passem a fazer parte de um determinado nicho.

Os preços não abaixam para caber no bolso da população: que tenham dois, três, quatro empregos e que cheguem a jornadas de doze horas ou mais para conseguirem comprar aqueles produtos. As propagandas têm uma função elementar nesse movimento, já que elas contribuem tanto para fazer com que esses sujeitos acreditem que precisam daquelas mercadorias, quanto para modelar um estilo de vida para as pessoas que acessam esses produtos, prometendo a elas uma imagem de si de tal ou qual formas. Em outras palavras, o capitalismo se desenvolveu a ponto de não explorar o sujeito exclusivamente através de sua força de trabalho, mas também enquanto consumidor.

Nesse sentido, voltando para o pornô, a mesma inversão de lógica também pode ser percebida e, portanto, a pergunta que passamos a fazer deixa de ser "o que o espectador quer da pornografia?" e passa a ser "o que a pornografia quer do espectador?". Uma resposta tende a ser dada de bate-pronto: que ele tenha prazer, que possa experimentar suas próprias fantasias sem preocupação. Mas será apenas

isso? Ora, essas são perguntas elementares na constituição da subjetividade: o que o outro quer de nós? Quem ele quer que sejamos? Como ele quer o nosso desejo?

N., assim como C., conta que tende a se colocar em situações desagradáveis, degradantes, como, por exemplo, ter se forçado a transar com algumas pessoas mesmo sem sentir qualquer tipo de atração por elas. Como é possível ler no capítulo anterior, C. acredita ser apenas através de sua submissão a tais condições que poderia encontrar minimamente algum tipo de demonstração de interesse dos homens para consigo. Mas ao dizer isso ela destaca sua vontade de se sentir percebida, vista, desejada e amada por eles.

Entende que as migalhas de atenção vindas desses homens acabam por ser melhor do que a fome. Mas com N., a princípio, a condição é diferente. Não é daquelas pessoas que ele espera algum retorno, não estabelece com elas uma modalidade de troca mais ou menos equilibrada e tampouco fala sobre os possíveis sentimentos que seriam mobilizados durante esse encontro sexual.

Diz, antes, da prática, do treino, do autoaperfeiçoamento, da possibilidade de se preparar como um homem capaz de dar conta das oportunidades sexuais que a vida um dia lhe proporcionará. Se esperava algo daquelas pessoas, era o parecer sobre sua performance. Um reflexo, talvez.

Com isso em mente, torna-se mais clara, entre outras coisas, a intensidade das pressões sociais que incidem, por exemplo, na construção da masculinidade, ou seja, é possível pensar o mundo da pornografia online enquanto um recurso social que reforça energicamente as regras que desenham os contornos do que supostamente seria a identidade masculina: o homem como aquele que “não nega fogo”, que aproveita todas as oportunidades que tem para transar, que “enlouquece” todas as mulheres com quem se deita…

> Tem uma questão que eu acho que é a principal insegurança dos homens, ou a principal delas. Que está ligada ao tamanho do pinto, que é uma coisa bem ridícula, a meu ver. Porque, a gente vai crescendo e na adolescência tem aquela coisa “ahh o cara tem pinto pequeno, tem pinto grande”. Começa a falar que o cara tem pinto pequeno, começa a diminuir a pessoa e nem sabe o tamanho do pinto da pessoa, sabe?! E é tratado como ruim né… As experiências sexuais que eu tive, o tamanho nunca foi um problema, nunca! E a gente fica, tipo, será que o meu é muito pequeno, será que é muito grande? A gente fica medindo, a gente fica vendo. A gente vai procurar estatística, para saber se é muito isso, muito aquilo. Será que eu vou conseguir ter um desempenho bom? Será que vou conseguir satisfazer

> minha mulher? Sabe coisas do tipo?… Mas que por muito tempo foi isso, tanto que na pornografia a gente vê, eu vi uma estatística que fala do tamanho médio do pênis dos homens e do tamanho do pênis dos homens em filmes pornôs. E a média dos filmes pornôs é mais que o dobro da realidade. Eu falei, isso não é proposi… isso é proposital, é claro. Eles precisam filmar, elas precisam ver a penetração e criar aquela imagem falocêntrica, tipo o pinto é o principal. Se não tiver o pinto ali, agressivo, naquela forma, não tem sexo, né?! (Informação verbal)

O trato das expressões “falocêntrico”, “pinto” e “pênis” enquanto sinônimos é comum também em algumas pesquisas que se propuseram a discutir a pornografia como, por exemplo, no artigo escrito por Paulo Rafael Barreto Mendes, publicado em 2003, onde o autor aponta para o lugar central que o pênis recebe, sendo ele, portanto, um organizador do que se passa entre aquelas pessoas. Já foi discutido, no capítulo anterior, o lugar no qual as mulheres são normalmente colocadas dentro da pornografia e mesmo que nas cenas seja o corpo delas o mais exibido, ele tende a gravitar em torno do pênis.

De fato, é muito fácil encontrar vídeos nos quais os homens aparecem sem cabeça e pernas, ou seja, com imagens que fazem um recorte de seus corpos de maneira a exibir apenas a faixa entre o ombro e o pênis. A voz deles também é excluída. Das mulheres, geralmente, vê-se o corpo inteiro e mais um pouco. Ao fazer importantes considerações sobre a pornografia, Virginie Despentes (2016) diz que essa característica, a de exibir apenas o corpo das mulheres, com seus sons e expressões, proporciona o acontecimento da identificação do espectador com o lugar ocupado por elas, situação que normalmente ocorre na relação com os personagens centrais dos filmes, cedendo espaço para a atualização de fantasias homossexuais dos homens que, assim, podem “imaginar o que fariam se fossem mulheres, como se esforçariam para satisfazer outros homens” (Despentes, 2016, p. 86).

Nesse sentido, não apenas os movimentos das fantasias, mas também as tentativas por recriar sensações corporais que se assemelhem às experimentadas pelos personagens tornam-se elementos muito vivos dentro de um espectador envolvido nesse *como se*. A autora prossegue destacando que uma condição inevitável para o homem que deseja “entrar na heterossexualidade”, é lidar com a frustração de uma realidade, qual seja, a “ideia de transar com homens dotados de atributos físicos de mulheres” (*idem*, p.86).

> Mas eu ainda tenho um pouco disso, sabe?! Eu estou reduzindo muito o que eu assisto, mas de vez em quando a gente acaba assistindo. A gente se pega assistindo. E sempre que a gente acaba assistindo eu vou procurar a mulher mais né… com o corpo que me atrai, vamos dizer assim. As vezes nem quero ver o cara, nem quero ver o homem que está lá. Nem quero ver o rosto dele, sabe?! Só pra ver só o pinto e a mulher. (informação verbal)

Me recordo que no momento em que N. conta sobre seu gosto por assistir aos vídeos que mostravam o "pinto gigante", compreendi que sua fala remetia a uma espécie de fagocitose: uma projeção fantasística dos pseudópodes que englobariam esse objeto da tela, trazendo-o para si. Como se ali, naquela imagem, estivesse supostamente contida certa potência ou preenchimento que daria fim à condição de faltante.

Assim, poderíamos pensar a lida com os vídeos através dessa complexa relação com as pessoas que aparecem nas telas: identificar-se com o homem na busca por realizar a passagem da potência do ator para o espectador e, assim, ser capaz de lidar ativamente com a falta e, por outro lado, fantasiar-se ocupando o lugar de passividade, daquele que não apenas agrada o homem, mas que é penetrado e tomado por ele. Se pensarmos em termos de fantasias infantis, tal como Freud trabalhou em seu texto "Batem numa criança", de 1919, é possível dizer que os personagens do pornô compõem uma cena que atualiza, ao mesmo tempo, diferentes disposições libidinais.

Apesar ter como base de suas reflexões as fantasias de suas pacientes mulheres, Freud também descreve uma das possíveis saídas que o menino pode encontrar frente a angustia de castração ao fazer recuar sua organização genital, frágil, segundo o autor, para uma anterior, a sádico-anal:

> Ser golpeado, na fantasia masculina… é igualmente ser amado no sentido genital, de forma rebaixada pela regressão. A inconsciente fantasia masculina original, portanto, não era "Eu apanho do meu pai", como provisoriamente formulamos, mas "*Sou amado por meu pai"…* A fantasia de surra do menino é então, desde o início, passiva, derivada realmente da atitude feminina em relação ao pai. (Freud, 1919/2010, p.320)

A concepção de masoquismo iniciada por Freud é desdobrada por Joel Birman (2012a) em "Mal-estar na atualidade", onde o psicanalista se utiliza desse conceito para falar dos "pequenos assassinatos da alma", ou seja, da impossibilidade em suportar a falta e o movimento de ataque às diferenças,

caminhando para a consequente homogeneização das subjetividades, condição um tanto presente nos dias atuais.

Para ele, ao não poder suportar o horror que a experiência do desamparo mobilizaria, o sujeito se agarraria aos ideais fálicos assumindo, portanto, uma posição de servidão ao entregar-se como objeto de gozo. Para que isso possa acontecer, se faz necessária uma porção de ataques contra o Eu de um sujeito que pouco consegue erotizar, ficando entregue à pulsão de morte.

Esses ataques ao Eu teriam como função a destruição das diferenças, das fronteiras, ou seja, eles estariam a serviço de manter o sujeito dissolvido nos outros, criando um mundo virtual que nunca se atualiza ou, ainda, experiências das quais esse sujeito não poderia se apropriar já que não haveria a possibilidade de sua inscrição enquanto tal. Em outras palavras, é como se o contato com pornografia não fosse expressão do direito ao segredo (FRAYZE-PEREIRA, 1990), mas sua recusa. É um contínuo, e violento, movimento de despossessão para manter o não-ser.

Em outro texto, Birman (2012b) apoia-se no filme “De olhos bem fechados”, lançado em 1999 e produzido pelo Stanley Kubrick, para fazer uma importante contribuição acerca da (im)possibilidade de fantasmar, ao analisar um traço do personagem interpretado por Tom Cruise, o Bill Harford.

> Tudo isso nos indica, portanto, que para o sujeito desejar é preciso também que possa fantasmar, sem o que o desejo não se ordena e não se encorpa. A possibilidade de fantasmatização se inscreve no registro psíquico da *imaginação*, que implica, em contrapartida, a antecipação e a categoria do tempo na experiência psíquica. O limite existencial do personagem do marido se evidencia então nesse ponto, isto, é, na pobreza de sua possibilidade de fantasmar… Por isso mesmo, o marido foi buscar o seu desejo na realidade material, pela impossibilidade de captá-lo no registro da realidade psíquica… Entretanto, *usar* uma fantasia e *alugar* uma fantasia não é a mesma coisa de tê-la *incorporada* a seu ser, isto é, de ser por ela *habitado*, mas uma *mímese* do fantasmar e uma simples *mise-en-scène*, isto é, uma forma de *como se*. Portanto, a fantasia que traveste o personagem em questão não tem a *potência* de realização do desejo, que sem a do fantasma encorporado não sustenta, então, o erotismo. (Birman, 2012b, p.44-45)

Desta maneira, com o enfraquecimento da função de simbolização, tanto o corpo quanto a atuação seriam os destinos mais comuns para as pulsões. Seguindo Lacan, Birman destaca dois tempos na constituição do eu: primeiro, no estádio do

espelho, a aquisição da imagem de si na alienação ao olhar materno e, depois, com a entrada da imago paterna, a triangulação e a ascensão à ordem simbólica. Sem essa mediação, o sujeito permaneceria em um registro especular e precisaria utilizar-se do ataque e da destruição para fazer a manutenção de sua integridade narcísica (Birman, 2012a).

Essa personalidade somática se difere radicalmente de uma anterior, intimista, em alguns aspectos, mas, entre eles, o que talvez seja mais importante para esse momento do texto, nas relações com a identidade e com o corpo. Para o sujeito que se subjetivou na moral dos sentimentos, diz Jurandir Freire Costa (2005), haveria a possibilidade de dissimular o olhar do Outro na obscuridade e, com isso, estaríamos diante de um mecanismo estabilizador do sentimento de identidade.

Portanto, o sujeito encontraria na possibilidade de manter seus sentimentos e pensamentos afastados do olhar vigilante, escolhendo as pessoas com quem gostaria de compartilhá-los, o reforço dessa noção de identidade e, assim, conseguiria fazer uma separação mais nítida entre o que está no campo do privado e do público. “O poder de ocultar da luz do público o que é sensível e delicado em nós favorece o sentimento de segurança contra possíveis intrusões da realidade externa” (Costa, 2005, p.198).

Mas isso muda para aqueles que se subjetivaram na moral das sensações, já que, para eles, a identidade e o semblante corporal tendem a ser a mesma coisa. Nessa lógica da exibição e do espetáculo, cada um de nós é o que aparenta ser. Portanto, a proteção da identidade não se daria mais nas tentativas de ocultar-se da luz do público, mas, ao contrário, na superexposição e na uniformização da imagem corporal.

É através da mistura, da dissolução na massa, em passar sem chamar a atenção pela diferença, que esse sujeito encontraria alguma segurança. Em outras palavras, tocado a fundo por uma desconfiança persecutória, e buscando escapar da vulnerabilidade que esse olhar lhe suscita, o sujeito que conta apenas com a aparência como meio de individualização, recorreria a um movimento de antipersonalidade (COSTA, 2005).

Uma articulação importante entre as noções de espacialização da subjetividade (BIRMAN, 2012a) com a personalidade somática (COSTA, 2005) é

compreender que com o declínio da função simbólica, o corpo, a atuação e a imagem de si, quando reduzidos a suas dimensões positivas, não seriam apenas os destinos privilegiados das pulsões, mas também os responsáveis por excitar minimamente esse sujeito desvitalizado.

O mundo externo, em sua concretude, torna-se elemento constantemente convocado para despertar e sustentar novas sensações. A pornografia enquanto produto do mercado parece ter se especializado em criar imagens mais reais do que a própria realidade e que, para isso, precisam conter em sua constituição fragmentos que façam a sustentação do encontro com o belo, tal como pensado por Joel Birman (2012a).

Portanto, vimos que é possível pensar a relação com a pornografia não apenas tomando-a enquanto um objeto inserido em nossa cultura, mas também através das relações do espectador com as pessoas que figuram nas telas. Esse espectador pode reconhecer no contato com os vídeos uma produção de saber sobre o que se passa em sua vida sexual, como se eles fossem os responsáveis por fantasmar em seu lugar, criando, assim, uma rede simbólica que o sustente para apaziguar suas angústias.

Entretanto, o ponto principal a ser destacado nesse momento é que o pornô também pode surgir enquanto uma solução de compromisso para um sujeito que se vê impossibilitado em escolher uma via de investimentos libidinais em detrimento a outra. Se Freud (1923/2011) nos diz que é preciso fazer o luto da bissexualidade através da passagem pelo complexo de Édipo, a pornografia pode agir de modo a garantir ao sujeito uma saída que não passe pelo recalque, conservando vivas, em fantasia, as possibilidades de ainda ser o homem e a mulher.

O contato com os vídeos ajuda o espectador a criar outros caminhos de experiência do mundo e de si, que não passam pelos abismos que tanto o apavoram, assim como várias das nossas relações cotidianas. Uma importante diferença é que os dispositivos eletrônicos e os conteúdos virtuais são muito mais dóceis e manipuláveis do que, no caso, outras pessoas, o que facilita com que o prazer sensorial aconteça.

> O que justamente caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesma. Referido sempre a seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do seu próprio nariz, o sujeito

> da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto. Seria apenas no horizonte macabro de um corpo a ser infinitamente manipulado para o gozo que o outro se apresenta para o sujeito no horizonte da atualidade. (Birman, 2012a, p.25)

4.2 – O “pedaço de carne” e o “pinto gigante”

Logo de início é preciso fazer uma ressalva: a discussão sobre as duas imagens não tem o intuito de deduzir os caminhos de satisfação encontrados por N. no contato com o pornô, dado que a modalidade de relação estabelecida em nossas conversas não era clínica, mas tinha como objetivo discutir a pornografia. Elas foram selecionadas por entender que o exagero, ou a mostração exagerada, do “pinto gigante” e a forma grotesca do “pedaço de carne” são características recorrentes nas imagens do pornô online, tal como veremos no decorrer deste subcapítulo.

Em nossas conversas, N. trouxe fortes atritos com a figura masculina: com o pai, chamado de “pedaço de carne”; com a sua própria dificuldade em ter ou manter a ereção nas relações sexuais e; sua interessada busca por assistir aos vídeos de homens com “pinto gigante”. A impotência e o medo do contato com o outro foram condições muito marcadas por ele nos três encontros, destacando o horror em perceber-se só, ou seja, na necessidade de conhecer, experimentar e significar por si mesmo o que vivia.

> As vezes eu acho que não tenho coragem de botar o pau na mesa e chutar tudo. Eu não sei. Tenho vontade… não sei o que fazer. Mas tenho vontade de… ainda sinto raiva dele. Ainda sinto… muitas coisas se resolveram, mas ainda tem uma questão emocional que pesa. Tenho vontade de ligar e jogar tudo, de fazer ele sentir. (Informação verbal)

Antes de dar início à reflexão sobre as duas imagens, é preciso destacar três elementos desse trecho da conversa para poder balizar as futuras discussões. São as expressões: “botar o pau na mesa”, “jogar tudo” e “fazer ele sentir”. Se a primeira imagem pode remeter aos conflitos da fase fálica onde o garoto tende a rivalizar com seu pai na disputa pela mãe, vemos, a seguir, duas regressões em sequência: evacuar sadicamente, atacando a figura de interdição e, por fim, a retirada de limites entre um e outro, na busca em ser visto, sustentando a fantasia de um outro onipotente que, ao vê-lo, poderia retirar “com a mão” seu sofrimento.

Volto para as duas imagens a partir das características do grotesco, do monstruoso e do caricatural: imagens que poderiam provocar riso, serem vistas enquanto cômicas, estranhas, mas que também mobilizariam algum desconforto e inquietação, traço percebido principalmente no “pedaço de carne”, ao apontar para uma parte do corpo que não se tornou corpo, que talvez tenha se mantido para fora de um processo de integração, de identificação ou de “narcisização”. E o pinto gigante: em alguns sites pornô é possível encontrar vídeos que traduzem essa categoria como m*onster cock*, como em “Petite Girl Tristan Summers Takes On A Monster Cock”. As duas imagens compartilham traços de monstruosidade?

A palavra “monstro” é complexa. Tanto ela quanto suas derivações, como “monstruoso” ou “monstruosidade”, podem se referir às deformações ou anomalias orgânicas, mas também abarcam as características dos seres aterrorizantes, horrendos, cruéis e que atentam contra a vida humana. A loucura foi colocada dentro desse mesmo campo durante muito tempo, condição que vem sendo combatida em diversas frentes, mas que ainda está longe de acabar.

Em linguagem comum, o “monstro” atualmente ganhou outros significados, sendo corriqueiramente utilizado para apontar a alguém ou a algo que se destaca pelo tamanho ou qualidade superiormente desproporcional em relação aos demais, ou seja, pode dizer, por exemplo, tanto da hipertrofia muscular das pessoas assíduas das academias, quanto de habilidades físicas ou intelectuais de um dado sujeito. A expressão “esse cara é monstro” pode ser traduzida como “esse cara é muito bom, é demais”. Um pênis monstro é um pênis colossal. Portanto, no monstro existe um componente que o difere dos demais, mas não necessariamente de maneira negativa, ao contrário, também pode dizer das qualidades de determinada pessoa.

Em um artigo publicado em 2016 por Laura Nery, chamado “Grotesco, caricatural, pornográfico: notas sobre a insubmissão da forma”, a autora faz questionamentos acerca das maneiras de representação do sujeito, ou seja, pensa o pornográfico junto aos dois outros termos, a partir do seu traço de exagero para refletir sobre as alternativas que a arte encontra para questionar a simetria de um corpo marcado pela estética mercadológica.

Com isso, a autora toca em pontos muito atuais, tendo em vista a maneira pela qual os ideais de corpo e estilo nos afetam atualmente, com seus reflexos tanto em questões mais superficiais como, por exemplo, no vestuário, quanto na quantidade de pessoas que se submetem a complexas cirurgias de cunho exclusivamente estético, para a “correção” de determinadas partes do corpo. Tem sido bastante comum encontrar notícias, nos meios de comunicação, fazendo a divulgação de cirurgias de harmonização facial, famosa entre as celebridades atualmente.

Ainda seguindo a autora, a imagem pornográfica teria em sua composição não apenas o já citado exagero, mas também apontaria para uma relação metonímica, ou seja, diria da pletora de partes específicas do corpo, partes estas que tomariam frente e causariam um abalo naquele corpo harmônico, desassossegando a ordem de um corpo inteiro, idealmente controlado e modelado.

> A convulsão do riso absoluto, grotesco, remete ao gozo do pornô. A cena pornográfica é bem sucedida na intensificação da imagem, da escrita, da performance. Trata-se de uma declaração escancarada a favor do efeito. O êxtase – como no riso e no estranhamento – decorre do desassossego da forma, pronta a recomeçar de novo e de novo. Agora, o corpo não está a serviço da proporção e da beleza comportada: suas partes o tomaram de assalto e desde então o conduzem – seios, boca, língua, pênis, vagina, ânus, nuca, coxa, mãos, olhos, fluidos, odores. O cortejo do grotesco aparentemente subverte a boa ordem das coisas. (Nery, 2016, p.17)

Vê-se, aqui, com alguma nitidez, as separações e valorações que culturalmente tendemos a realizar em relação às partes do corpo, algumas delas tidas enquanto superiores e elevadas, enquanto outras, rebaixadas e equiparadas à animalidade ou à monstruosidade. A imagem pornográfica, no sentido pensado por Laura Nery, poderia entrar no campo relacional enquanto um elemento que gera atrito, movimento ininterrupto de desorganização e reorganização: ela teria a potência de revelar uma verdade do sujeito à sua revelia.

Em linha semelhante, ao comentar e desdobrar o texto *Le gros orteil,* de George Bataille, Eliane Robert Moraes (2017) nos lembra dessa mesma separação que o autor critica entre as partes altas e baixas da figura humana, ou seja, que com a evolução para a posição ereta, com a verticalização do corpo, foram também criadas suas polarizações, onde os pés, em contato com a “lama terrestre”, estariam

próximos à animalidade e à baixeza, enquanto os membros superiores apontariam ao céu e à vida elevada. As mãos seriam, ainda, diferenciadas dos pés justamente pela passagem à condição de bípede, liberando-as para outras atividades que se tornaram claramente privilegiadas em nossa sociedade, como o trabalho.

Fazendo críticas às teorias evolucionistas, Bataille se opõe à proposta darwiniana, afirmando que seria o dedão do pé, e não a mão, a parte mais humana que temos em nosso corpo. Sua justificativa se ampara nas perdas que os processos de civilização impuseram ao ser humano, afastando-o de sua animalidade, ou seja, destaca o dedão do pé como uma parte do corpo que outrora exercia uma função elementar, mas que atrofiou com o passar do tempo, não apenas perdendo sua importância mecânica, mas também recebendo contornos negativos (MORAES, 2017).

> O *homo erectus* traduz, assim, a imagem ideal do ser humano, que se desenvolve no "sentido de uma regularidade cada vez mais nobre ou mais correta: por isso, a retidão automática de um militar fardado, em posição de sentido, emerge sobre a confusão imensa do mundo animal e se propõe ao universo da astronomia como o seu termo". Contudo, essa verdade militar e matemática é desmentida pelas partes baixas do corpo, que se apresentam como "sua compensação inevitável, ameaçando o esplendor humano com uma forma penosamente imperativa". (Moraes, 2017, p. 193)

Tanto com Laura Nery (2016) quanto com Eliane Robert (2017), ou mesmo com George Bataille (2017), tem-se como ponto central os movimentos do erotismo, dinâmicas que opõe-se à conciliação dos contrários e à perfeita harmonia, remetendo, assim, à dialética, ao incessante movimento das forças contraditórias e disruptivas. Mas a presença das partes que podem ameaçar o "esplendor humano" ou, se quisermos, uma noção de identidade, não conduzem, necessariamente, à monstruosidade ou ao ser grotesco.

O monstro, ao que tudo indica, é aquele cujos limites de sua "humanidade" não estão bem estabelecidos, mas que se dissolvem progressivamente pelo avanço do irrepresentável, produzindo certa confusão na imagem de si por conta do conflito entre as partes.

Essa condição se aproxima do exemplo dado por Alain Didier-Weill (1998) ao afirmar que o interesse do sujeito que busca assistir aos filmes nos quais os monstros ocupam o papel de protagonistas é estar diante do suspense resultante da

luta entre o humano e o inumano, ou seja, é acompanhar os avanços e recuos dessa metamorfose. A via inumana, ou monstruosa, é aquela, segundo o psicanalista, da proliferação do real que, assim como um câncer, “cessa de ser encadeada e que se desencadeia” (Didier-Weill, 1998, p.25)

Um importante elemento pode ser desdobrado a partir do texto de Laura Nery: não apenas a entrada do sujeito numa ordem social, mas em uma civilização que se estrutura a partir da espetacularização de si, condição desenvolvida no subcapítulo anterior. A idealização, destacada em sua pesquisa, vista na estetização mercadológica do corpo, se faz através de um superinvestimento que não intenciona a entrada das sobras na ordem simbólica e tampouco sua total exclusão, mas em maneiras desastradas de encobrimento.

À moda de uma formação reativa, nos deparamos com processos de glamourização que favorecem um encantamento encobridor que será tão mais forte quanto for a pressão exercida pelas partes rejeitadas. Tal encobrimento, portanto, é também composto pela parte não simbolizada.

Mas em quê isso contribui para pensar aquelas duas imagens levantadas por N.? A imagem do homem com “pinto gigante” que o satisfaz ao assistir aos vídeos e o “pedaço de carne”, característica do pai, seriam condições opostas, ou seja, diriam da potência e da impotência? Da fertilidade e da infertilidade? Da vida e da morte? Ou, na verdade, teriam como base a mesma pútrida passividade?

Para prosseguir nessa análise, é importante ter em vista o lugar em que essa representação do pênis ocupa dentro daquele contexto, ou seja, no atual ambiente da pornografia. O *monster cock,* num primeiro olhar, não é apresentado a partir de seu núcleo negativo, abjeto e potencialmente disruptivo, como se trouxesse à cena elementos que são rejeitados pela cultura, favorecendo a abertura de um espaço onde os atritos pudessem acontecer.

Ao contrário, o monstro, aqui, é aquele que se destaca por possuir o que haveria de mais desejado, de mais valorizado e, por consequência, invejado dentro de nossos costumes: ele é sobre-humano, não sub-humano. Na lógica capitalista, onde o acúmulo de capital é o fim maior, o “pinto gigante” torna-se representação da inflação do patrimônio a ser exibido e ostentado. Desta maneira, dentro do contexto

da pornografia atual, a imagem exagerada, o pênis desproporcional, não diz das rupturas com os ideais, mas de sua imposição e de seu reforçamento.

Buscando a palavra-chave “pinto gigante” nos sites pornô, percebi que esse elemento, central nas cenas, normalmente se coloca em dois polos distintos e complementares: uma regressão à fantasia de onipotência do bebê que encarna o falo materno e a existência de uma via sádica que busca infingir dor no outro.

Em um dos polos, esse enorme objeto é alvo de adoração por parte das mulheres da cena, mulher “meio do tipo que é louca de vontade de transar e se entrega demais, se entrega demais para esse homem, né. Essa figura desse homem, machão, tem pinto grande, como se ela se perdesse nisso, sabe?! Tipo, um delírio ideal da mulher, sabe?!” (Informação verbal).

Nessa cena, o homem não precisa fazer qualquer esforço, já que ele *é* o objeto de desejo do outro. E esse *ser* está encarnado no “pinto grande”. Em outras palavras, o tamanho e a força, ou mesmo pensando nas conquistas e nos acúmulos cotidianos, todos esses pontos não parecem caminhar por uma trilha que visa o fortalecimento, o ganho de sustentação que favoreça o enfrentamento do desconhecido, combustível para a criatividade, que suporte a entrada na ordem da diferença e da falta.

Ao contrário, a relação parece ser narcísica, onde tudo aquilo o que possui e o que conquista estariam a serviço da manutenção de um lugar supostamente ocupado por direito, cujo luto não foi feito, mas que, em realidade, já se perdeu, ou seja, de um suposto paraíso perdido onde a falta não vigorava. Não parece ser uma organização para além da castração, mas aquém dela. Esse homem que “pretendeu fazer-se representar por seu órgão genital para retornar ao útero materno, agora substitui regressivamente o órgão por toda a sua pessoa.” (Freud, 1926/2014, p.81).

É preciso que ele seja enorme para que seja possível penetrar em alguém sem perdê-lo de vista? O exagero da forma diz da fragilidade dos limites?

Separei mais dois títulos de vídeos, buscando aquela mesma palavra-chave, que parecem remeter ao outro polo, ou seja, não mais à reafirmação do lugar de majestade através dos aspectos mais desejados pelo outro, mas, agora, a importância em causar dor: “Tentativa de enfiar vara na buceta”, vídeo com mais de 10 milhões de visualizações, onde a primeira cena traz uma palavra em espanhol,

asesinato, e em seguida pode-se ver a dor causada na mulher pela penetração e em “Arrombando o cu e a buceta da negona que geme e no final até chora na vara”, com praticamente a mesma quantidade de *views* do primeiro.

Impossível não perceber que no título dos dois vídeos a palavra “vara” está presente, representando o pênis. Por um lado, a expressão refere-se ao tamanho do membro, mas também pode estar ligada à noção de autoridade e de disciplina pela dor, ao castigo sobretudo.

> Os termos utilizados para descrever o órgão sexual masculino apontam para esta virilidade que deve ser sempre comprovada: “Com relação ao corpo do homem, a linguagem sobre o pênis elabora a força e a superioridade dos genitais masculinos, bem como a sua função como instrumento ligado à atividade, à violência e à violação (pau, caralho, cacete, pica, ferro, vara)” (Gomes e Zanello, 2010, p. 271)

Por mais que tais comportamentos masculinos sejam, ainda hoje, valorizados em nossa cultura, ao que parece, são atitudes reativas a uma condição anterior, a de desamparo: disciplinando, castigando, violentando ativamente, ou seja, controlando e apoderando-se, através da força, de um objeto cujo distanciamento mobilizaria, no próprio sujeito, uma angústia de esfacelamento. Um controle à moda do Fort-Da se estabeleceria, portanto, durante tais relações. Frente a impossibilidade de simbolização, a maneira para lidar com a angústia é encontrada a partir do ataque ao objeto com o qual se mantém uma importante dependência.

Em suma, com as imagens aqui analisadas, não seria possível supor a presença de primitivas pulsões parciais como condição essencial para a inflação da representação dessa parte do corpo, deformando-a? Não seria a proliferação insaciável do irrepresentável que dissolveria os limites desse sujeito, tal como indica Alain Didier-Weill (1998), condição inelutável para a presença da monstruosidade?

> É o que se passa com relação ao monstro. O monstro é a mortificação de um sujeito humano, o que se produz quando o real subverte os limites, quando estes não mais se sustentam, quando não há mais transcendência em relação ao real. e quando o real corrói, poderíamos dizer, subverte, derruba os limites. (Didier-Weill, 1998, p.35)

5 – Consumindo, devorando…

D. tinha trinta e seis anos na época das nossas conversas e me procurou imaginando que ali faríamos algum tratamento clínico para que ele conseguisse sair de suas prisões e vencesse seu vício em pornografia.

A questão das dependências já era um assunto muito delicado em sua vida há mais de dez anos. Precisou passar por algumas internações por conta do uso de drogas e trouxe em seu discurso uma fala claramente atravessada pelo saber médico psiquiátrico, recitando diversos nomes de patologias e dinâmicas psíquicas que aprendera tanto nas internações quanto nos grupos de apoio dos quais participa. Nunca se refere a mim diretamente, mas como “o doutor” ou “o Gabriel”, e com alguma frequência diz que eu já tinha consciência do que ele estava me dizendo, mesmo antes de concluir seu próprio pensamento. “Mas isso o doutor já sabe, né”.

Logo no início de nosso primeiro encontro, ainda quando líamos o Termo de Consentimento, me pediu para que as nossas conversas não fossem divulgadas, mas não viu problema com a gravação. Perguntei a ele se eu poderia transcrever alguns trechos com o cuidado de não divulgar qualquer informação que pudesse identificá-lo. Apertando minha mão, aceitou.

Quando se apresenta para mim, faz a separação entre D., nome que lhe fora dado e que constará em sua lápide, e ele mesmo, quem ele é de fato e a quem ele pode se referir com qualquer nome. Ao me dizer isso, percebi que ele abria algumas possibilidades de interpretação: o primeiro, o nome que consta em seus documentos, a princípio compreendi como algo que o nega, que seria idealizado, sobre quem ele poderia ter sido e, possivelmente, como seus pais um dia o sonharam. O segundo viria como uma ruptura desses ideais e a consequente afirmação de si como sujeito. Entretanto, ele também faz uma outra separação, agora entre uma parte conservada, boa e necessária para a sua sobrevivência, seu nome de batismo e a que carrega o seu quadro clínico, sua patologia: seu instinto de “busca por dopamina” (SIC).

Durante os três encontros era frequente eu me perceber confuso dada a velocidade e o embaralhamento com que D. falava. Também me percebia mais

cuidadoso com ele do que com as outras pessoas que participaram da pesquisa, buscando, em grande medida, apenas acompanhá-lo em suas associações, na tentativa de compreendê-lo um pouco melhor e de ligar alguns pontos, do que sugerir outros caminhos para a conversa. Entre a nossa segunda e terceira conversa, D. passou por alguns conflitos em seu relacionamento com a namorada e recorreu ao crack novamente, depois de seis meses sem qualquer uso de drogas.

D. traz consigo uma mistura de malandragem e brutalidade, de sedução e dureza. É como alguém que viveu na boemia, que esteve com muitas mulheres (tem um jeito galanteador), e para quem a bebida e as drogas nunca faltaram. Já tinha concluído outra graduação, mas não trabalhava. Seus gastos eram mantidos por seus pais e, de anos para cá, depois da morte do pai, sobrevivia com a renda de alguns imóveis. Diz que nunca precisou trabalhar para comer e que foi vivendo sempre com o mínimo, com o necessário para a manutenção da sua "busca por dopamina" (sic). Atualmente é divorciado e tem um filho adolescente, com quem mantém pouco contato.

Ao me referir à sua dureza, ao sem estofo, num estado bruto, digo de alguém que parece ir trombando em tudo e, cambaleante, vai destruindo o que tem à frente, dando cabeçadas no mundo, como se usasse o próprio corpo como instrumento de embate. É um corpo difícil de equilibrar: é uma nave, diz ele. Acima de tudo, acaba se machucando, se dilacera com todas essas batidas e vai ficando sem forças, numa mistura de ódio e dor, com um nó angustiado preso na garganta torcendo para que tudo acabe logo e que tenha enfim algum descanso.

Relata que aos seis anos já sentia uma grande excitação genital e que era comum passar o pênis nos brinquedos do parque da escola ou mesmo manipulá-lo com a mão, já que esses atos eram sempre geradores de muito prazer. Perto dos dez anos, começa a ver revistas que mostravam mulheres nuas e os vídeos pornô chegaram um pouco depois, ainda com fitas VHS ou programas de televisão.

Diferente do que fora relatado pelos outros participantes da pesquisa, D. também envolve o dinheiro em suas buscas online e já chegou a pagar uma quantia considerável para assistir algumas mulheres fazendo shows de *streptease* na webcam e também para participar de salas de bate papo reservadas para o público pagante.

Quando faz a separação entre aquele que é chamado de D. e ele mesmo, localiza neste último a parte insaciável com o qual não há acordo, já que ela o arrasta para onde farejar alguma tentativa de satisfação. Entretanto, essa busca normalmente pega a via da destrutividade e o conduz para sofrimentos e conflitos com as pessoas próximas a ele. Se diz escravo da sua própria busca e vem me procurar na tentativa de conseguir sua liberdade, para ter um maior controle de si e, por consequência, não “bater a nave” com tanta frequência.

Ao se referir sobre esse seu traço, o qual, diz ele, um psiquiatra com quem se consultou diagnosticou como *novelty seeking* (buscador de novidades), ele vai me mostrando os lugares que percorre na esperança de encontrar suas fontes de prazer. Passa pela maconha, crack, bebidas alcoólicas, prostitutas, pornografia, chats, namoros… o percurso é longo e, normalmente, resulta em algum prejuízo, seja ele moral, financeiro, jurídico ou emocional.

Um ponto importante de ser ressaltado é em relação aos vínculos que costuma estabelecer, ou seja, eles são, em grande medida, com os objetos ou com as ações e não com as pessoas envolvidas e isso reflete também o seu jeito de viver, existindo mais no *fazer* do que no *ser*. Mesmo ele traçando a distinção entre suas relações sexuais com prostitutas, namoradas ou quando está sozinho com a internet, em todas elas, segundo ele, o que faz é se masturbar. Relata o quão comum é usar o corpo de alguém como se fosse a própria mão e diz que normalmente começa a transar apenas para terminar, sem conseguir aproveitar o caminho.

A falta, insuportável, quando aparece vem em forma de perseguição e comumente o assombra na sua impotência em satisfazer aquela pessoa que está na mesma cama que ele, apontando, principalmente, para os defeitos físicos em seu pênis. Se o orgasmo da outra pessoa não acontece, acredita cegamente que ela o deixará cedo ou tarde: “não comeu direito, é isso que dá” (Informação verbal).

Um retrato da sua maneira de lidar não apenas com a sexualidade, mas também com os vínculos, está no seu relato sobre a necessidade de não se masturbar durante a semana, para que possa acumular o “tesão” e, assim, conseguir transar com alguma mulher. Coloquei as aspas no tesão porque ele não diz do prazer, do gosto ou da atração que sente pela pessoa com quem está, ao

contrário, diz que se dependesse de tais fatores, não transaria, pois não teria ereção. Para que isso não aconteça, é elementar que feche as comportas de sua represa com o intuito de encher o reservatório com alguma energia e, assim, ter o que aliviar durante a prática sexual. Por isso diz que se masturba com o corpo da outra pessoa, porque é um ato desprovido de envolvimento, consigo ou com o outro, dado o caráter insuportável da intimidade.

> Eu estou deixando, estou abrindo mão de participar com meu filho, porque estou participando muito, muito menos. Eu peguei ele uma vez ou outra nesses dias. Participar com meu filho, pensar em arrumar minha casa, pensar em arrumar o quintal, pensar em um plano profissional… Na verdade Gabriel, eu não estou conseguindo, no momento, encadear os meus planos. E daí vem um assunto aqui das sessões, do meu interesse, e o que que é: é fumar um, olhar a pornografia e dormir. Esse tem sido… e daí a vida vai passando, aí a vida passa. (Informação verbal)

5.1 – A busca por dopamina

O contato com os vídeos pornô parece ocupar, para D., o lugar de fonte de um prazer relaxante, o que em alguns momentos ele associava à dopamina, mas também de anestésico, como fica mais claro no trecho da nossa conversa, citado no final do subcapítulo anterior.

Nesse momento ele assemelha os vídeos à maconha e ao sono como forma de dizer das suas fugas do contato com a realidade. A expressão, “busca por dopamina” remete àquela mesma relação distante, objetiva e praticamente reduzida a uma reação química que ele mostra quando fala das relações sexuais que costuma estabelecer com suas parceiras. A pornografia, por seus olhos, seria um refúgio.

> O sujeito sentimental contorna a fluidez da felicidade interior materializando as narrativas afetivas em *objetos duráveis*; o sujeito sensorial, para reter o prazer físico, devora os *objetos dóceis,* os que estão sempre à mão, ou melhor, “sempre ao corpo”. Na economia dos sentimentos, o bom objeto é o que resiste ao tempo e estabiliza o prazer; na das sensações, é o que excita, *hic et nunc*, os sentidos, despertando o corpo para uma nova prontidão prazerosa: drogas psicoestimulantes, medicamentos, alimentos energéticos, tônicos, hormônios, próteses orgânicas ou mecânicas, instrumentos que transformam a força mecânica em força ou plasticidade musculares etc. (Costa, 2005, p.168)

A face viciante da pornografia online é uma das mais discutidas quando se pensa nessa modalidade de produções audiovisuais e a que com maior frequência

encontrei trabalhos publicados. Entre eles, trago a dissertação escrita por Fernanda Alves Baldim (2017), na qual a autora analisou o depoimento de pessoas que se diziam adictas, divulgados em sites que se dedicam a criar um espaço para conversas sobre a experiência de cada um dos usuários e, além disso, das técnicas utilizadas por eles para vencerem o vício. Nesses lugares eles criam uma espécie de grupo de apoio, onde costumam publicar a quantidade de dias que estão sem a masturbação.

Com alguma frequência utilizam a palavra *reboot* para dizer que foi necessário começar do zero a contagem, ou seja, que algum gatilho foi disparado e não foi possível conter a impulsividade. No total, ela analisou trinta e quatro depoimentos, todos feitos por homens, com as idades variando dos 17 aos 40 anos.

Na base de suas discussões, o objeto transicional se destaca para apontar a falha nos processos de simbolização e de introjeção do objeto primário, ou seja, pensa que a incessante e voraz procura desses espectadores tem como objetivo encontrar um objeto que dê conta das suas demandas pulsionais, que o ampare, mas que também saiba se distanciar para que a autonomia desse sujeito possa amadurecer.

Os vídeos, tidos como um bom objeto, podem criar estímulos para acalmar o angustiado espectador, entretanto, o faz de maneira a buscar uma outra espécie de *reboot,* um esvaziamento, uma limpeza, um expurgo dos próprios afetos em vez da elaboração.

> Supomos que os sujeitos dos depoimentos se utilizam do consumismo pornográfico como um modo de defesa contra a fragmentação e contra o aniquilamento psíquico; a pornografia se apresenta como um recurso para mantê-los vivos. Notamos que o sofrimento gerado é ocultado pela cultura, em que os sujeitos se sentem vivos durante o tempo em que podem consumir a pornografia. Diante disso, a configuração psíquica não neurótica, em específico as adicções em geral, parece estar consolidada na nossa atual cultura, que é sinalizada pela não eficácia da função simbolizante, desde o objeto primário às instituições que poderiam trabalhar com essa ausência. (Baldim, 2017, p.128)

D. também falou sobre algumas das técnicas que costumava utilizar para se esquivar da pornografia. Entre elas, quando mais decidido a parar de assistir aos vídeos, formatava seu computador para que não sobrasse nenhum rastro do que costumava consumir na internet e ainda colocava bloqueios nos navegadores para

impedir o acesso a sites de conteúdo adulto. A atenção nos possíveis gatilhos também estava no seu repertório.

Entretanto, conta que nos momentos de maior angústia e frustração se via tomado por uma força enorme, força esta que superava quaisquer tentativas de afastá-lo dos vídeos. Os discursos analisados por Fernanda Baldim (2017) se aproximam em grande medida daqueles de D..

Mesmo quando fora do contexto psicanalítico, também existem textos que destacam a função de acalmar as tensões daqueles que se colocam diante da tela.

Para Virginie Despentes (2016), vivemos em uma sociedade banhada por discursos sobre o sexo, principalmente quando o olhar recai sobre as produções midiáticas, com seus anúncios e propagandas que frequentemente sexualizam os produtos do mercado. Essas informações invadem nossas vidas de maneira incontrolável e incontornável, condição maximizada pelo avanço da tecnologia dos aparatos eletrônicos e do lugar essencial que eles ocupam atualmente em nosso cotidiano.

Entretanto, ainda seguindo a autora, com o descompasso claramente estabelecido pela moral entre os elementos reservados para o campo da vida privada e da vida pública, algumas tensões inevitavelmente se formam. Aquelas fantasias sexuais, criadas e reforçadas na cultura de massa, na condição de impossível, ou seja, sem a permissão de serem atualizadas na vida pública, são atiçadas pela pornografia, aliviando rapidamente a pressão interna. “O pornô interfere aqui como alívio psíquico para equilibrar a diferença de pressão” (Despentes, 2016, p.77).

Em outro momento de seu texto, Despentes recorre ao ansiolítico para falar da pornografia, dizendo que a performance na tela assegura ao sujeito não apenas uma satisfação das fantasias propriamente sexuais, mas também o permite ficar diante de uma outra fantasia, a da vida controlável e com garantia de um final feliz.

> É importante que a sexualidade provoque medo. No filme pornô, sabemos que as pessoas vão fazer “aquilo”, não ficamos inquietos com essa possibilidade, ao contrário de como nos comportamos na vida real… No pornô, a gente sabe que os homens têm ereções e que as mulheres gozam. Não podemos viver numa sociedade espetacular invadida pelas representações de sedução, do flerte, do sexo, e não deduzir que o pornô é um lugar de segurança. Não estamos dentro da ação durante o filme, podemos assistir aos outros fazendo, sabendo como fazê-lo, com toda a

> tranquilidade. Nos filmes, as mulheres ficam contentes com os serviços oferecidos, os homens têm superereções e ejaculam, todo mundo fala a mesma língua, e, pelo menos dessa vez, tudo corre bem. (Despentes, 2016, p.86-87)

A segurança, então, viria com a chegada de uma imagem ideal e, portanto, com a abolição da incerteza, da dúvida, da falta de saber e de controle. Em outras palavras, essa imagem da pornografia teria como traço principal a ausência de sombras, de dobras e de fissuras. Seria uma imagem que mostra tudo e que, desta forma, nada esconde. Entretanto, essa característica não se reduziria à nudez do corpo, condição também essencial no pornô atualmente, mas totalizaria esse sujeito na imagem que se pode ver dele. Seria um sujeito também sem interior, limitado à face da aparição.

A questão que se coloca é que essas características não são exclusivamente da pornografia, já que também estão presentes nas discussões estéticas acerca das imagens contemporâneas. Por exemplo, com a reprodutibilidade técnica, Walter Benjamin (2020) fala da perda da aura das obras de arte.

Já com a tela total, Jean Baudrillard (1991) desenvolve suas reflexões sobre o que ele chamou de sociedade da hipervisibilidade, do simulacro, destacando exatamente esses pontos, ou seja, diz, em grande medida, sobre as imagens que apontam para um mundo sem falhas e sem enigmas, uma imagem sem o outro da imagem.

Para Baudrillard (1991), as imagens hiper-reais parecem ser mais reais do que a própria realidade, já que tendem a despertar sensações também mais intensas em seus espectadores. Desta maneira, as imagens técnicas não *seduziriam* essas pessoas em um movimento de aproximação e afastamento, dando campo para a errância do olhar, mas os *fascinariam* com seus shows pirotécnicos. Entre outras coisas, a fruição da imagem e o tempo no qual o espectador permaneceria em contato com ela também sofreria alterações, caminhando para uma dinâmica mais voraz, ansiosa, sempre na espera pela próxima imagem.

Em um artigo onde se propõe a debater a noção de imagem atualmente, Ricardo Fabbrini (2016) levanta um ponto importante da teoria do Baudrillard ao falar dos efeitos da saturação dos signos, ou seja, na neutralização, no cansaço das

retinas que o bombardeio das imagens técnicas pode gerar. De tanto ver, diz ele, ficamos cegos.

> Partindo desse diagnóstico de Jean Baudrillard é preciso examinar em que medida, póstudo, na sociedade da hipervisibilidade (ou hiperreal), da circulação sem fim de signos – da “entropia”, “saturação”, ou “neutralização”, nos termos característicos do autor – é possível, ainda, produzir uma imagem que detenha algum enigma, que indicie algum segredo, mistério, ou recuo. (Fabbrini, 2016, p. 248)

No terceiro capítulo deste trabalho, foram apontadas as transformações que a pornografia vem sofrendo nos últimos anos e um dos pontos destacados estava justamente no tempo, já que os vídeos atualmente tendem a durar poucos minutos, assim como a permanência dos espectadores nos sites. Com o tempo comprimido, as cenas sem sexo ou nudez foram retiradas e as imagens precisaram evoluir e se tornaram mais capazes de mobilizar sensações intensas em seus consumidores. Não existe tempo para recuperação em cenas sem “ação”, não há descanso para os olhos nos vídeos atuais.

Olhos que recebem uma importância a mais nos vídeos que D. costuma assistir, aqueles da categoria POV, *Point of view*, ou seja, gravações que são feitas pelo próprio ator (geralmente são os homens que filmam) posicionando a câmera na altura de seus olhos no intuito de criar uma simulação de sexo, como se o espectador pudesse ver através dos olhos daquele presente na cena e, com isso, “transportar-se” para dentro da transa, ocupando o lugar daquele homem.

Portanto, a principal característica desta categoria está no fato de que o espectador “sai” da posição de quem olha de fora, através do buraco de fechadura, e é envolvido na cena, cruzando olhares com a atriz, passando a impressão, pelo menos naqueles instantes, de ser o seu objeto máximo de desejo, a sensação do momento, quando tudo converge para si sem demandar qualquer esforço de sua parte.

Em seu livro “Sociedade excitada: filosofia da sensação”, Christoph Türcke (2010) desenvolve algumas discussões e hipóteses acerca do lugar essencial que os estímulos vindos das produções audiovisuais ocupam para o sujeito contemporâneo. Uma das consequências desses frequentes choques de estímulos se aproxima à leitura de Baudrillard, na medida em que também diz de um efeito

anestésico. Entretanto, o termo “sensação” para Türcke não remete apenas ao campo das percepções, como na sensação de um toque, mas, principalmente, ao sensacional, ao espetacular, ao *ser* a sensação, a tudo aquilo que atrai para si os olhares.

Essa constante busca ou, nas palavras do autor, *sensation seeking* (TÜRCKE, 2010), parece se aproximar de uma das questões pela qual D. passou rapidamente, mas que aqui ganha certa importância: diz que em seu cotidiano a pornografia deixou de ser apenas os vídeos ou mesmo as salas de webcam, nas quais assiste às performances das *camgirls*, tornando-se, também, as fotos das mulheres que fazem parte da sua rede de amigos no Facebook ou Instagram.

Esse magnetismo das imagens parece transpor o espectador de um lugar investigativo, como no caso das imagens enigma (FABBRINI, 2016), ou mesmo de apreço, para a posição de “razão de ser” da obra. Diz de uma relação de subserviência da imagem, como se ela estivesse à disposição de quem a vê. Me recordo de algumas fotos dos visitantes do Museu do Louvre fazendo as *selfies* “frente” à Monalisa. Coloco as aspas porque durante esse momento as pessoas viram as costas para a obra que aparentemente lhes interessa, fitando-se no celular, pelo reflexo. Nessa situação parece existir um “a mais”, um prazer que não se encontra na admiração do quadro e tampouco nas trocas com ele, mas na possibilidade de se apropriar da famosa obra e ainda produzir a partir dela algo de um brilho narcísico que nela se supõe: o quadro está a serviço do visitante, foi feito para ele, que se satisfaz em se ver/mostrar vendo.

A modalidade de contato com essas imagens, os traços da fruição, podem servir como sinais para remontar as características do laço social que se estabelece, ou seja, até aqui as relações têm sido estruturadas a partir da impessoalidade, no campo do fascínio, na fantasia do direito a apropriação e exploração do corpo do outro ou de sua imagem. São os pontos que pretendo discutir no próximo capítulo.

5.2 – O laço social capitalista

Durante os três momentos que tive a oportunidade de conversar com D., ele costumava dizer que se via caindo frequentemente em armadilhas construídas pelo

“Inimigo” (sic), boicotes que tinham como efeito a manutenção das suas atuais condições de vida. A pornografia era uma delas.

Também me contava, irritado, que o principal motivo das coisas não darem certo em sua vida estaria na privação que sua mãe e irmã lhe impõe ao não deixarem ele ter acesso à herança do pai. A tentativa de destruir a casa onde elas moram usando um caminhão foi uma alternativa de destruir aquele objeto que resolveria os seus problemas, mas também aquilo o que causa suas angústias por não alcançá-lo.

Destruir a casa diria, como entendi, de uma fantasia de seguir em frente, de se ver livre, semelhante a formatar o computador, a excluir o histórico do navegador, ou seja, de apagar concretamente o que ele acredita ser a causa do seu desejo/sofrimento. Mas também seria uma busca por interromper o lucro que aquelas duas mulheres extraem dele, quando se apropriam de algo que por direito lhe pertence e, a partir disso, usufruem de um prazer superior que lhe é negado.

Sobre o lugar de espectador da pornografia, entende que a modalidade do laço permanece a mesma, ou seja, esse sujeito seria atraído e transformado em uma engrenagem do sistema, alguém cujo aprisionamento se reforçaria quando disparados os seus gatilhos através de uma organização cultural que saberia criá-los de maneira muito eficiente.

Atado ao incessante consumo dos vídeos, traz a imagem de alguém cuja vida é sugada, de quem é extraído o combustível para a manutenção da indústria pornográfica: os produtores lucram enquanto ele morde a isca, enriquecem na alimentação do seu vício. D. descreve, sobretudo, uma vida traiçoeira: o prazer em um pedaço de queijo.

Mas essa traição só se faz possível com a existência de duas outras condições: por um lado, a demanda do sujeito e, de outro, uma promessa de satisfação.

Para discutir a toxicomania, Joel Birman (2012a) resgata o “Fausto” escrito por Goethe, destacando o lugar central do pacto com o demônio na tentativa de encontrar prazer e alívio para o sofrimento. Ressalta o uso da palavra “pacto” em vez de “contrato”, já que a partir do seu estabelecimento, não existiria nenhum tipo

de reciprocidade nessa relação, já que a vida de uma das partes foi envolvida na transação. É um pacto de morte:

> Com efeito, nessa versão da atualidade, o que orienta o indivíduo é a busca desesperada de uma poção mágica que impossibilite o reconhecimento do sofrimento inerente à existência, impedindo então a constatação das desilusões que a vida inevitavelmente provoca em qualquer ser humano, de forma que o sujeito possa existir em estado nirvânico. Portanto, nesse pacto, o valor que direciona o sujeito existencialmente é um antivalor, pois é o *não saber* sobre as condições fundamentais do sujeito que está em pauta. (Birman, 2012a, p. 215)

Para o psicanalista, a busca por essa sensorialidade prazerosa que as drogas permitem, viria como uma alternativa de gozo frente a tamanha dor, condição causada, em grande medida, pelo fato de o sujeito se encontrar na impotência em transformar a própria vida, de acreditar que algo possa ser feito para modificar as condições em que se encontra. Nesse contexto, o uso dessas substâncias não estaria associado aos movimentos de contracultura, como aconteceu entre as décadas de 1930 e 60, quando a experiência com elas estavam a favor da criatividade, ou seja, quando inscritas em uma ritualidade, principalmente no meio artístico, para a invenção de novos mundos, de novas modalidades de experiências coletivas. A partir dos anos 70, a experiência com as drogas passou a servir para uma evasão do sujeito da própria vida, na sua tentativa de fugir de um mundo insuportável. Assim, o pacto de morte com esse objeto ambíguo que proporciona satisfação/mortificação, diz, entre outras coisas, da alienação da vida desse sujeito ao outro (BIRMAN, 2012a). Mas deixo este ponto em suspenso, por enquanto.

Uma outra questão que se encontra no texto de Joel Birman, e que neste momento me parece mais apropriada para a discussão sobre os lugares da pornografia aparece quando o autor utiliza como base o filme alemão “O desespero de Veronika Voss”, dirigido por Rainer W. Fassbinder em 1982.

Sobre o filme, diz: “Esses médicos teciam uma situação diabólica na qual pacientes ricos se tornavam viciados em drogas, indicadas, de início, com finalidade aparentemente terapêutica, mas o que se pretendia, em verdade, era o estabelecimento da dependência” (Birman, 2012a, p. 214). Na sequência de seu texto, Birman discute a clínica psicanalítica a partir deste mesmo problema, ou seja,

o perigo que os analistas correm de entrar nesse circuito mortífero, seduzindo o paciente quando se colocam enquanto um mágico salvador.

Entretanto, como neste momento o objetivo do trabalho não é embarcar especificamente na discussão ética sobre a clínica, aproveito de seu texto o apontamento sobre a modalidade do laço sedutor para jogar alguma luz nos mecanismos que em nossa cultura estão aparelhados às lógicas dominantes e que funcionam como vias de sucção e de exploração do sujeito contemporâneo.

Portanto, caminho para destacar a maneira pela qual a nossa sociedade se organiza ao criar lugares sociais que obedecem qualitativamente a uma ordem, a uma hierarquia, dispondo-se entre posições centrais e marginais.

> Por exemplo, assim, né, terminar as obras nas casas para poder alugar, continuar o processo de inventário do meu pai, participar da rotina do meu filho, não degringolar as contas, porque não tem… vamos dizer assim, desde que haja… de eu não gastar dinheiro a toa, de eu não ir buscar “deizão”, “cinquentão”, eu vou conseguir pagar as contas. Porque se não eu tô fadado a ser o que todo mundo me rotula, me rotulou. Se eu não tiver esse controle, eu abraço a ideia de que “ah não dou certo… não vai dar certo”, e isso é triste, né doutor, porque, assim, vejo meu filho crescer afastado de mim”. (Informação verbal)

A essa altura já ficou mais clara a aproximação que D. faz entre a pornografia e as drogas que costuma usar. Mas é a dependência da última que já o conduziu algumas vezes aos hospitais psiquiátricos. Podemos separar três elementos que em nossa cultura também ocupam lugares semelhantes e que, assim, parecem apontar uma repetição, ou seja, são vias socialmente marcadas por alguma marginalidade: pornô, drogas ilícitas e hospitais psiquiátricos.

A pornografia, como já apontado em outros capítulos, carrega entre suas características traços de imoralidade e obscenidade, o que fez com que historicamente ela ocupasse os lugares mais remotos da nossa sociedade, assim como a prostituição, com a qual as produções pornográficas eram, e ainda são, muito associadas.

Não é à toa que todas as pessoas que participaram desta pesquisa disseram que é impossível compartilhar esse gosto com as(os) parceiras(os), trancando a sete chaves esses desejos vistos como inadequados, estranhos, insuportáveis. É preciso lembrar que os discursos da psiquiatria também atingem o que se convencionou chamar de perversões sexuais, de modo a transformar em patologias as condutas

do desejo que fogem a regra, reservando lugares específicos, e separados, para esses sujeitos (FOUCAULT, 2019).

Não é segredo para ninguém a maneira pela qual nos acostumamos a lidar com o que rejeitamos em nossa sociedade, ou seja, os processos de urbanização (OLIVEIRA, 2012), a organização da saúde pública (COSTA-ROSA, 2013), nas normatizações sobre sexualidade de gênero (Díaz-Benítez & Figari, 2009)… em todos esses lugares encontram-se discussões e denúncias acerca dos violentos processos de higienização social.

A principal questão para este momento não está apenas na função de segregação que esses processos atualizam, mas na continuação da lógica de exploração, ou seja, do louco, do depravado ou do usuário de drogas não é apenas retirada sua liberdade, seu direito de transitar pelas ruas, mas ele também gera um outro lucro para a organização social ao incorporar e identificar-se com a marginalização, reforçando, enriquecendo, o que se estabelece no campo da normalidade.

A mais-valia (MARX, 1987) parece se estender, avançando o campo estritamente do trabalho, para chegar aos processos de subjetivação. Além de produzir no vínculo empregatício, esse sujeito produz socialmente algo que, em última análise, reforça o privilégio e a superioridade dos que supostamente estão no poder, polindo cada vez mais sua aparência fascinante e idealizada.

> O outro subalterno não só é formulado em termos repressivos/proibitivos, isto é, aquilo que não se deve ou não se pode, mas basicamente como gênese da alteridade sobre a qual repousa minha própria gênese. Necessito de um outro que afirme minha existência na negação da sua própria. Meu duplo não é um outro *per se*, mas sim meu reflexo. Só posso enxergar-me no outro diferente. Em sua/minha repressão, eu o crio. Não está fora de mim, porque constitui meu exterior constitutivo. Por isso, não pode “se igualar”, deve seguir sendo a ausência que marca minha presença no mundo, daí o antagonismo e a violência da diferença. (Díaz-Benítez & Figari, 2009, p. 22)

Como citado anteriormente, Joel Birman (2012a) diz que a angústia da impotência seria um dos fatores que conduziriam esses sujeitos a recorrer às drogas como uma maneira de escapar de um mundo insuportável, que sobrecarrega e suga as esperanças. Penso que essa condição se intensifica de maneira inconcebível à medida que o ideal de sujeito empreendedor de si mesmo, típico de uma sociedade

neoliberal, ganha força. A uberização do trabalho e a expropriação de direitos (FONTES, 2017), são claros exemplos do quão farsescas podem ser essas evoluções que, à primeira vista, soariam como novas oportunidades.

Talvez seja esse o ponto que mais se destacou nas conversas com D.: o que parece ser avanço, pode ser armadilha; as criações que em nossa cultura soam como um passo adiante em direção a rupturas com os velhos e rígidos padrões morais que enquadram, por exemplo, o sexo, podem ter, em verdade, a função de entorpecer, de anestesiar, alienar. Ele diz de uma cultura que muito se especializou a ser lobo em pele de cordeiro e aqui a pornografia recebe um lugar fundamental para o cumprimento dessa função.

6 – Considerações finais

Para finalizar este texto, selecionei três tópicos que, a meu ver, tiveram um valor a mais durante o trajeto de elaboração da pesquisa. São eles: a maneira pela qual as conversas foram organizadas e realizadas; duas discussões conceituais com as quais me aproximei de maneira simplificada e que merecem maior dedicação, talvez com um trabalho que as tenha como objeto central; reflexões finais sobre a pornografia em nossa cultura.

Primeiro, sobre as conversas que tive com aquelas cinco pessoas que aceitaram participar desta pesquisa, acredito que a estratégia de espalhar os cartazes tenha sido muito produtiva, já que possibilitou um movimento essencial por parte deles para as discussões acerca dos tons que a pornografia recebe para cada um.

Quando me contam sobre os motivos que os levaram a me procurar, começam a traçar os contornos das suas relações com os vídeos, mas também noticiam as maneiras pelas quais experimentam a própria sexualidade, a intimidade e as aproximações afetivas com as outras pessoas. Mas quero dizer que esse ponto não foi valioso apenas para que eu pudesse conhecê-los um pouco melhor ou para que eu conseguisse ter acesso a um número maior de materiais para as discussões que estão neste texto, também foi importante porque favoreceu uma apropriação, por parte dos participantes, daquele espaço.

Todos os que estão inseridos no campo das pesquisas acadêmicas, em grande medida nas ciências humanas, sabem das dificuldades em fazer um trabalho de campo, principalmente de maneira a não se estabelecer um modelo rígido de contato, o que possivelmente poderia conduzir a uma relação verticalizada, de uso, onde o participante se encontraria na condição de apenas responder as indagações do pesquisador.

Mantendo a pornografia enquanto pano de fundo, percebi que, em geral, os caminhos das conversas foram sendo propostos por eles, o que me pareceu gerar um envolvimento e um sentido próprios para aqueles nossos encontros. Um reflexo disso se mostrou no comprometimento que os cinco participantes demonstraram durante todo o tempo, ou seja, na assiduidade, no cuidado com os horários

combinados e, quando necessário, em entrar em contato comigo solicitando um reagendamento. Posso dizer que fui muito bem recebido por todos e, por tanto, sou grato. Suas motivações para a participação da pesquisa foram as mais diversas, como é possível perceber nos capítulos anteriores. Diversidade que também foi percebida no tocante a pornografia.

Reforço o que escrevi logo na abertura deste trabalho: o intuito, aqui, não foi estabelecer um recorte fixo sobre essa categoria de vídeos, muito menos de patologizar a experiência dos espectadores, mas explorar as possibilidades de discussões que ela enseja. A complexidade do contato com esses vídeos não pode ser destruída com algumas tentativas de simplificação teórica.

Uma das questões que aqui foram abordadas, mas que merecem mais tempo de pesquisa e discussão, é a noção de transgressão, a qual inevitavelmente permeia qualquer análise sobre a pornografia. As imagens que podemos encontrar nos sites pornô são obscenas, elas mantêm esse efeito conservado. Elas ainda chocam, desconcertam… Mas esse rasgo vem em função de colocar em xeque nossa organização social? É uma obscenidade que duvida? Que traz à tona aquilo que não cabe, aquilo que não deveria ser?

Como discutido no primeiro capítulo, tal desarmonização parece se aproximar de uma armadilha da visibilidade, ou seja, seu caráter explícito oculta sua tendência a reforçar as lógicas dominantes, propondo ainda relações de domínio e exploração, características típicas de nossa lógica capitalista. É perceptível em nossa cultura, e esse traço foi destacado no pornô, a incitação às aparentes violações dos tabus que nos organizam enquanto sociedade, na promessa de certa liberdade. O imperativo à transgressão é assunto que pede novas discussões sobre seus mecanismos e efeitos na subjetividade contemporânea.

A outra questão está relacionada ao corpo e às sensações quando pensados na experiência digital. Em um certo dia, na clínica, um paciente falava sobre a sua experiência com a pornografia e me disse “quando estou me masturbando assistindo pornô, eu esqueço que tenho corpo, só sinto meu pênis”. A descrição que ele fez dizia da localização da experiência em uma parte específica do corpo, como se o toque espalhado na sua superfície corporal lhe causasse angústias que com os vídeos não surgiriam.

É preciso lembrar que o sexo virtual retira de cena três categorias de sensações primordiais para o desenvolvimento do ser humano: o tato, o olfato e o paladar. Onde se encontram os pontos de ancoragem para a identidade atualmente? Por que é preciso localizar as sensações? Por que é necessária a incessante convocação de objetos externos para a mobilização de sensações?

São muitas as dinâmicas de relação, mas alguns traços destacados pelos participantes também se repetiram, atravessando se não todos, grande parte de seus discursos. O principal, também unânime, está relacionado ao uso dos vídeos como um recurso para descobrir a sexualidade, na entrada da adolescência. Todos disseram isso. A possibilidade de entrar em contato com um mapa desse delicado terreno do sexo, mesmo antes de experimentá-lo, surge como uma alternativa um tanto sedutora, como uma espécie de antídoto à angústia e ao medo do desconhecido.

Não foi possível traçar desdobramentos dessa escolha na subjetividade de cada um dos entrevistados, tendo em vista que o caráter da pesquisa não é clínico, mas, ao que tudo indica, os vídeos não se mostraram bons suportes para o encontro com as próprias fantasias, já que o insuportável medo do contato íntimo consigo e com outras pessoas perdurou, conforme as conversas apontaram. O problema do mapa é que ele pode facilmente ser transformado em ideal e, todos sabem, as experiências sexuais tendem a ser bem diferentes daquelas que aparecem nos vídeos. Fugir da frustração em vez de elaborá-la não parece ser um bom negócio.

No decorrer do texto é possível encontrar as maneiras pelas quais alguns estudos de base psicanalítica tendem a fazer suas leituras sobre a pornografia online. As discussões que aqui desenvolvi aproximaram-se de muitos deles na medida em que falávamos sobre o quanto o contato com os vídeos pornô parecem criar um ambiente mais seguro para os espectadores viverem algumas experiências, quando comparados com a vida interpessoal sem a mediação das telas. O desenvolvimento dos dispositivos eletrônicos e a internet possibilitaram a constituição desse outro lugar. Também foi comum encontrar textos, psicanalíticos ou não, que diziam de uma suposta principal função da pornografia, ou seja, de excitar aquele que assiste.

Entretanto, os distanciamentos apareceram principalmente quando pensamos sobre os detalhes de tais concepções, ou seja, sobre quais eram os perigos dos quais essas pessoas buscavam proteção e como acessam suas fantasias e seus desejos.

O hábito de assistir pornô mostrou-se, para todos os participantes, como um perigoso segredo, de tal forma que seria impossível pensar na possibilidade de compartilhar esse momento com outra pessoa. Assim, não me pareceu que o campo que se cria entre o espectador e a tela, resguardado, em partes por ser solitário, já que sem o compartilhamento do espaço físico, como acontecia no cinema, possibilitasse a vinda de fantasias sexuais moralmente incorretas e que, por assim serem, precisariam permanecer escondidas das críticas sociais.

A diferença é delicada, mas o ponto levantado pelos entrevistados não ficou nos questionamentos do “posso” ou “não posso”, do “certo” ou do “errado”, mas, sim, em angústias mais primitivas, como as que dizem da ameaça de separação, nos obstáculos que surgem na formação da noção de alteridade e da constituição do próprio sentimento de identidade.

Enfim, muitos pesquisadores estão debatendo sobre as transformações nos processos de subjetivação que o avanço das tecnologias proporciona e, ao que tudo indica, ainda temos muitos campos para analisar.

Referências

ABREU, Nuno Cesar. **O olhar pornô:** A representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

ANTRA, Associação Nacional de travestis e transexuais. **Assassinatos de pessoas trans voltam a subir em 2020**. AntraBrasil, 2020. Disponível em: https://antrabrasil.org/2020/05/03/assassinatos-de-pessoas-trans-voltam-a-subir-em-2020/

BALDIM, Fernanda Alves. **O vício em pornografia:** considerações sobre a internet e a adicção na atualidade. Dissertação em Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2017. Disponível em: http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3072

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação.** Lisboa: Relogio d'Agua, 1991.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: L&PM, 2020.

BIRMAN, Joel. **Genealogia da transgressão**. In: Cadernos de Psicanálise / Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro. v. 24, n. 27, Rio de Janeiro: A sociedade, 2008.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade:** a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012a.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade:** espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012b.

BLEICHMAR, Silvia. **Paradojas de la sexualidad masculina**. Buenos Aires: Paidós, 2009.

BRIDGES, A. J.; WOSNITZER, R., SCHARRER, E., SUN, C.; LIBERMAN, R. **Aggression and sexual behavior in best-selling pornography videos: A content analysis update**. Violence against Women, Vol 16, Issue 10, 2010. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1077801210382866

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**: ensaios sobre a televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

CASTRO, Flávia Lages de; CRESPO, Juliana. **Pornô Cultural:** da concepção pornográfica como Indústria Cultural ao movimento Feminista Pornô. In: Revista Latino Americana de Estudos em Cultura. Rio de Janeiro: 2018. Disponível em: https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/27266

CECCARELLI, Paulo Roberto; NETO, Alberto Ribeiro. **Internet e pornografia: notas psicanalíticas sobre os devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais**. Reverso, vol.37, no.70: Belo Horizonte, jun., 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952015000200002

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura:** corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

COSTA-ROSA, Abílio da. **Atenção Psicossocial além da Reforma Psiquiátrica:** contribuições a uma Clínica Crítica dos processos de subjetivação na Saúde Coletiva. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. São Paulo: n-1 edições, 2016

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira, FÍGARI, Carlos Eduardo. **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

DIDIER-WEILL, Alain. **Lacan e a clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Ltda., 1998.

DINES, Gail. **Pornland: how porn has hijacked our sexuality**. Boston: Beacon Press, 2010.

DIONISIO, Gustavo Henrique. **Pede-se abrir os olhos psicanálise e reflexão estética hoje.** São Paulo : Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2010. Tese de Doutorado em Psicologia Social.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **A violência como nome para o mal-estar.** In: KUCINSKI, Bernardo (et al.). Bala perdida: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação. São Paulo: Boitempo, 2015.

FABBRINI, Ricardo. **Imagem e enigma**. In: Viso · Cadernos de estética aplicada, Revista eletrônica de estética, ISSN 1981-4062; No 19, jul-dez/2016.

FIGUEIREDO, Luís Claudio, MINERBO, Marion. **Pesquisa em psicanálise:** algumas ideias e um exemplo**.** In: Jornal de Psicanálise, São Paulo:39(70): 257-278, jun. 2006.

FONTES, Virgínia. **Capitalismo em tempos de uberização:** do emprego ao trabalho. Revista de Estudos Galegos, nº 2, junho de 2017. Disponível em: https://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/220

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1:** a vontade de saber**.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2019.

FRAYZE-PEREIRA, João A.. **Áreas secretas – uma questão da modernidade**. Psicologia-USP, São Paulo, 1(2):105-112, 1990. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34424

FREUD, Sigmund. **A cisão do Eu no processo de defesa** (1938). In: Moisés e o monoteismo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, Sigmund. **"Batem numa criança": contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais** (1919). In: História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos"): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia** (1926). In: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). São paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **Novas conferências introdutórias à psicanálise** (1933). In: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O eu e o id** (1923). In: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925). São paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **O fetichismo** (1927). In: Inibição sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **Psicanálise selvagem** (1910). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (v. XI). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 7, pp. 121-252). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA, Silvio Marques. **A pornografia além do direito à liberdade de expressão sexual:** produto de consumo e instrumento de alienação a serviço da técnica. In: Revista eletrônica da Faculdade de Direito de Franca, v.10, n°2. 2015. Disponível em: https://www.revista.direitofranca.br/index.php/refdf/article/view/281/0

GOMES, Tatiana; ZANELLO, Valeska. **Xingamentos masculinos: a falência da Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade**. Caderno Espaço Feminino, v. 23, n. 1/2, p. 265-280, 2010. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/7615/7079

GUIRADO, Marlene. **A clínica psicanalítica na sombra do discurso:** diálogos com aulas de Dominique Maingueneau. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GREGORI, Maria Filomena. **Erotismo, mercado e gênero:** Uma etnografia dos sex shops de São Paulo, 2011. Disponível em: http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645033/0

HISTÓRIAS que nosso cinema (não) contava. Fernanda Pessoa. Pessoa Produções, 2017.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário de psicanálise** / Laplanche e Pontalis. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **A pornografia é um morto-vivo?** Crítica Cultural – Critic, Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p. 179- 195, jul./dez. 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARX, Karl. **Teorias da Mais Valia**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987.

MCDOUGALL, Joyce. **Em defesa de uma certa anormalidade: teoria e clínica psicanalítica.** Porto Alegra: Artes Médicas, 1983.

MCDOUGALL, Joyce. **Teatros do Eu:** ilusões e verdade na cena psicanalítica. São Paulo: Zagodoni, 2015.

MENDES, Paulo Rafael Barreto. Análise estatística de imagens pornográficas. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/21240

MORAES, Eliane Robert. **O corpo impossível:** a decomposição da figura humana: de Lautréamont a Bataille. São Paulo: Iluminuras, 2017.

MORAES, Eliane Robert. **O efeito obsceno**. Cadernos Pagu [online], n. 20, pp. 121-130, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-83332003000100004.

MORAES, Eliane Robert; LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é pornografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

NERY, Laura. **Grotesco, caricatural, pornográfico: notas sobre a insubmissão da forma**. Revista TransVersos, n. 8, p. 12-24, dez. 2016. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/26529.

NOBRE, Márcio Rimet & MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. **A fantasia no ciberespaço:** a disponibilização de múltiplos roteiros virtuais para a subjetividade. In: Ágora, Rio de Janeiro v. XVI n. 2 jul/dez 2013, p. 283-298. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/agora/v16n2/v16n2a07.pdf.

OLIVEIRA, Aline Meneguini de. **Urbanização brasileira e marginalidade:** os olhares socioeconômico e sociocultural em contraponto. Revistafaac, Bauru, v. 2, n. 1, p. 55-68, abr./set. 2012. Disponível em: https://www3.faac.unesp.br/revistafaac/index.php/revista/article/view/75#:~:text=O%20artigo%20%E2%80%9CUrbaniza%C3%A7%C3%A3o%20brasileira%20e,congru%C3%Aancia%20desses%20fen%C3%B4menos%20com%20a.

PESSOA, Fernanda. **Fernanda Pessoa revê ditadura pela pornochanchada:** 'Cinema nos conecta ao passado'. Entrevista concedida a Luisa Pécora. Mulher no Cinema, 2018. Disponível em: https://mulhernocinema.com/entrevistas/fernanda-pessoa-revisita-ditadura-pela-pornochanchada-queria-que-os-filmes-me-contassem/

PORCHAT, Patrícia. **Psicanálise, gênero e singularidade**. Revistafaac, Bauru, v. 2, n. 2, p. 195-202, out. 2012/mar. 2013. Disponível em: https://www3.faac.unesp.br/revistafaac/index.php/revista/article/view/135

PORNOHUB. **The 2019 year in review**. 2019. Disponível em: https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review

RIBADENEIRA, Edmundo. **Entre el erotismo y la pornografía**. In: Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación, n°57. Quito: Editorial QUIPUS – CIESPAL, 1997. Disponível em: https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/1106/1135

RODRIGUES, Gabriel de Oliveira. **Da vergonha à ostentação:** um breve ensaio sobre formações discursivas que constroem a memória discursiva sobre o pênis. In: Resgate - Rev. Interdiscip. Cult., Campinas, v. 24, n. 1 [31], p. 115-138, jan./jun. 2016.

SAFATLE, Vladmir. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SILVA, Júlio César Casarin Barroso. **Liberdade de expressão, pornografia e igualdade de gênero**. Revista Estudos Feministas [online], v. 21, n. 1, p. 143-165, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100008>

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

ZILLMANN, Dolf.; BRYANT, Jennings. **Effects of prolonged consumption on pornography on family valeus**. Jornal of Family Issues, 1988. Disponível em: https://eric.ed.gov/?id=EJ390309

ANEXO A – ENTREVISTAS

Para que o leitor possa ter acesso à transcrição das entrevistas, foi criado um arquivo na plataforma Google Drive: https://drive.google.com/file/d/1lQDU0DqoidRhbx6RC9xit12QTeSQrQWg/view?usp=sharing